



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**As Consoantes Róticas no Português Brasileiro com Notas sobre as Róticas
das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**

Márcia Maria de Oliveira Lima

Brasília - DF

2013

Márcia Maria de Oliveira Lima

**As Consoantes Róticas no Português Brasileiro com Notas sobre as Róticas
das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Daniele Marcelle Grannier

Brasília - DF

2013

Márcia Maria de Oliveira Lima

**As Consoantes Róticas no Português Brasileiro com Notas sobre as Róticas
das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Linguística da
Universidade de Brasília, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Linguística.**

Comissão Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Daniele Marcelle Grannier (LIP/UnB) – Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Marcia Elizabeth Bortone (LIP/UnB) – Membro Interno

Prof^ª. Dr^ª. Virgínia Andrea Garrido Meirelles (LET/UnB) – Membro Externo

Prof^ª. Dr^ª. Poliana Maria Alves (LIP/UnB) – Suplente

Brasília - DF

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

Márcia Maria de Oliveira Lima

AS CONSOANTES RÓTICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO COM
NOTAS SOBRE AS RÓTICAS DAS VARIEDADES DE GOIÂNIA, GOIATUBA E
UBERLÂNDIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística, aprovada em 31 de julho de 2013, pela seguinte comissão examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Daniele Marcelle Grannier (LIP/UnB) – Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Marcia Elizabeth Bortone (LIP/UnB) – Membro Interno

Prof^ª. Dr^ª. Virgínia Andrea Garrido Meirelles (LET/UnB) – Membro Externo

Prof^ª. Dr^ª. Poliana Maria Alves (LIP/UnB) – Suplente

Dedico este trabalho a:

Minha mãe, minha fonte de inspiração, por ser a mulher que almejo ser, por sua dedicação a tudo o que faz e por sua perseverança em realizar seus sonhos!

Ao meu marido, meu amor e companheiro de todos os momentos, por me apoiar sempre e incentivar o meu crescimento.

Aos meus filhos, meus amores, por desejar ser referência em suas vidas, tanto de valores eternos quanto de realizações pessoais.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da minha salvação: Pai, Filho e Espírito Santo, que me concedeu tanto o querer quanto o realizar, estando comigo em todos os momentos, fortalecendo o meu espírito e ajudando-me a concretizar este sonho.

Ao meu marido, Carlos Roberto de Lima, pelo amor partilhado no dia a dia, pela compreensão com minhas ausências no período de estudo e pelo incentivo constante em nossa caminhada juntos; seu apoio foi fundamental para a concretização deste trabalho.

Aos meus filhos, Priscila e Thiago, pelo amor incondicional que nos une, pelo apoio, pela compreensão, pelo incentivo e pela grande ajuda nas questões de informática.

Aos meus pais pelos ensinamentos, pelos exemplos de dignidade, perseverança e conquista. E, sobretudo, pelas orações e por me incentivarem a crescer sempre e não desistir jamais.

Às minhas irmãs, Magali, Margarete, Maria Cristina e Maria Luiza, amigas de todas as horas, pelo caminhar juntas, pelas orações, por acreditarem em mim, apoiando-me e incentivando-me sempre.

Aos sobrinhos queridos: Igor, Paula, Isabelle, Nasser, Ana Carolina, Julia, Felipe, Guilherme e Caio pelo apoio, pela torcida e por trazerem alegria às nossas vidas.

Ao meu genro, Thiago Matos, meus cunhados, André Schirmer e Rogério Santos pelo incentivo constante e por partilharem suas vidas conosco.

À Brunna Salgado, pelo carinho e boa vontade em colaborar sempre, principalmente, em questões de informática.

A outros familiares queridos que sempre torceram pela concretização deste sonho e por serem presença constante e incentivadora em minha vida.

À Professora Doutora Daniele Marcelle Grannier, pela orientação, pelo incentivo e paciência nos momentos de adversidade não desistindo de mim, mas, muitas vezes levando-me pelas mãos para apresentar-me ao desconhecido e apaixonante mundo da fonética. Por partilhar, com generosidade, seus conhecimentos, emprestando seus olhos para me ajudarem a enxergar além do que os meus olhos viam. Por contribuir com o mundo acadêmico, incentivando seus alunos a serem pesquisadores.

Aos professores do PPGL/UnB, pelo compartilhar do conhecimento, pelo incentivo e orientações acadêmicas.

Aos funcionários da Secretaria do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), ligados ao PPGL/UnB, pelo carinho e atenção dispensados durante o período do curso, sempre com muita competência.

À Kêth Simas Frazão, amizade verdadeira, pelas palavras certas em todos os momentos, pelo carinho, incentivo e generosidade em me apoiar; por sua colaboração inestimável em vários aspectos, em especial, à grande ajuda com a informática.

Ao Ronaldo Lima, pela disposição em ajudar sempre e, principalmente, pelo apoio, na tradução do resumo.

Aos amigos do grupo de pesquisa em Fonética e Fonologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB), pelas trocas de experiências, pelo compartilhar de conhecimentos e pelo incentivo constante.

Ao amigo Jayme Leiro, pelo apoio, incentivo e colaboração em questões de informática.

À Luzineide, pelo apoio e a gratidão pela revisão textual da dissertação.

Aos amigos, Maíres Mesquita Moraes e Carlos Alberto Moraes Júnior, pela hospedagem na fazenda, pela ajuda em captar participantes para a pesquisa na cidade de Goiânia e por todo apoio durante as gravações.

Aos amigos Dário Esteves S. Júnior e Siuzeth Esteves, pelo apoio, pela hospedagem e pela ajuda em captar participantes para a pesquisa nas cidades de Uberlândia/MG e Goiatuba/GO.

A todos os participantes da pesquisa nas cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG, pela colaboração em contribuir com esta pesquisa, apoiando os estudos linguísticos no Brasil.

Aos diretores e amigos Mauro Romão Tarachuk e Henrique César O. Fernandes e às coordenadoras Vanessa Mônica A. Rocha e Regina A. M. Resende, pela adaptação do meu horário de trabalho disponibilizando tempo necessário aos meus estudos, apoiando-me em tudo o que foi necessário para a realização deste sonho.

Aos meus colegas de trabalho, pelo apoio, incentivo e por compreenderem minhas ausências em diversas atividades.

Aos meus amigos queridos e irmãos em Cristo, que torceram por mim, me incentivaram e me apoiaram orando constantemente por mim.

Francisca e Sonaia, minhas ajudadoras, pelo apoio e cuidados constantes e diários com minha sogra e minha casa, permitindo-me dedicação aos estudos.

A mente humana que se alarga para uma nova ideia, jamais retorna às suas antigas dimensões.

Oliver Holmes

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar as realizações dos fonemas róticos do Português Brasileiro com base em um levantamento bibliográfico de trabalhos publicados sobre o tema. A esse panorama acrescentam-se notas sobre as realizações desses fonemas na fala de indivíduos das cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG. Essas notas decorrem de uma análise preliminar de dados coletados em pesquisa de campo. A metodologia dessa pesquisa consistiu na coleta de dados por meio de gravações seguidas por transcrição fonética para a sistematização dos dados. Os resultados da análise corroboram a existência de dois fonemas róticos distintos, o r-forte e o r-fraco, em posição intervocálica. Por outro lado, nas demais posições, ataque, coda e grupo consonântico não há oposição entre esses fonemas, o que, segundo alguns autores, caracteriza uma neutralização da oposição e a ocorrência de arquifonemas. No panorama das róticas do Português Brasileiro, a realização mais frequente do r-fraco, assim como da rótica em grupo consonântico é o tepe. Quanto ao r-forte, está se generalizando a realização como fricativa velar ou glotal, embora se encontrem outras realizações menos frequentes e os trabalhos mais antigos registrem uma incidência maior das outras realizações. As róticas em coda são as que apresentam realizações mais variadas. Nas regiões Norte e Nordeste, elas se realizam como fricativas glotais e velares, já nas regiões Sul e Sudeste se realizam como tepe, e aproximantes retroflexas em cidades interioranas. Este trabalho traz uma contribuição para o conhecimento da fonologia das variedades da Região Centro-Oeste, destacando-se as numerosas realizações das róticas, em especial na posição de coda medial e final, nas quais se encontram realizações retroflexas, típicas do dialeto caipira, recorrente na fala das populações interioranas do país pelas quais passaram os bandeirantes ou tropeiros, conforme registrado por Amaral (1955) e Meirelles (2011). Além dos apagamentos de vogais que reduzem as palavras proparoxítonas em paroxítonas formando grupos consonânticos, como já apontado por Bisol (2010) como uma tendência do PB, nas variedades das cidades pesquisadas há incidência de apagamentos de vogais próximas às róticas em sílabas pretônicas.

Palavras-chave: Fonética e Fonologia. Variação linguística. Róticos. Dialeto caipira. Retroflexão.

ABSTRACT

This study aims at presenting the realizations of the rhotic phonemes of Brazilian Portuguese based on bibliographical research of the aforementioned theme. Besides, remarks on the realizations of these phonemes in the speech of subjects from Goiânia/GO, Goiatuba/GO and Uberlândia/MG will be presented. Such remarks are a result of a preliminary analysis of collected data. The method consisted of data collection by means of recordings, followed by phonetic transcription for systematization of the data. The results of this analysis corroborate the existence of two distinct rhotic phonemes in intervocalic position: strong-r and weak-r. However, in other positions, such as onset, coda and consonantal groups, there is no distinction between these phonemes, which, according to some scholars, characterizes neutralization and the occurrence of archiphonemes. Concerning the rhotics in Brazilian Portuguese, the most frequent realization is that of weak-r, and the most frequent in coda position is the tap. Regarding strong-r, its realization as a velar or glottal fricative is becoming generalized, even though other less frequent realizations might be found and older studies tend to present those realizations as the most frequent. Rhotics in coda position are the ones with the most varied realization. In the North and Northeast, they are produced as glottal and velar fricatives, but in the South and Southeast they are produced as a tap, and as a retroflex approximant in the countryside. The current study contributes to the knowledge of the varieties used in the Middle-Western region of Brazil, highlighting the numerous realizations of rhotics, especially in middle and final coda positions, in which the retroflex realization is found, which is typical of the countrymen dialect, common in the speech of countryside populations all over the country where early explorers have gone through, as registered by Amaral (1955) and Meirelles (2011). Besides the vowel deletions that reduce proparoxytone words into paroxytone ones, forming consonantal groups, as shown by Bisol (2010) as a tendency of Brazilian Portuguese, in the dialects of the researched cities there is occurrence of deletion of vowels next to rhotics in pre-tonic syllables.

Keywords: Phonetics and Phonology. Language Variation. Rhotic. Countrymen Dialect. Retroflex.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[ʃ]	- fricativa pos-alveolar surda
[ʒ]	- fricativa pos-alveolar sonora
[x]	- fricativa velar surda
[ɣ]	- fricativa velar sonora
[h]	- fricativa glotal surda
[ɦ]	- fricativa glotal sonora
[ɾ]	- <i>tap</i> vozeado
[r]	- vibrante alveolar
[β]	- vibrante bilabial
[R]	- vibrante uvular vozeada
[ɹ]	- aproximante alveolar
[ɻ]	- aproximante retroflexa
AC	- Acre
ALAM	- Atlas Linguístico do Amazonas
ALiB	- Atlas Linguístico do Brasil
AM	- Amazonas
APERJ	- Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro
BA	- Bahia
CCV	- Consoante-Consoante-Vogal
CE	- Ceará
CV	- Consoante-Vogal
CVC	- Consoante-Vogal-Consoante
DF	- Distrito Federal
GC	- Grupo Consonântico
GO	- Goiás
GTB	- Goiatuba
GYN	- Goiânia
IPA	- <i>International Phonetic Alphabet</i>
LIP	- Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
MG	- Minas Gerais
Nº.	- Número

NURC-RJ	- Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Linguística Oral Culta de Cinco das Principais Capitais Brasileiras
PA	- Pará
PB	- Português Brasileiro
PB	- Paraíba
PE	- Português Europeu
PEUL	- Programa de Estudos da Língua
PI	- Piauí
PPGL	- Programa de Pós-Graduação em Linguística
PR	- Paraná
PUCRS	- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
QFF	- Questionário Fonético Fonológico
QSL	- Questionário Semântico Lexical
QSM	- Questionário Semântico-Morfológico
RJ	- Rio de Janeiro
RS	- Rio Grande do Sul
SC	- Santa Catarina
SE	- Sergipe
SP	- São Paulo
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBE	- Uberlândia
UFAC	- Universidade Federal do Acre
UFG	- Universidade Federal de Goiás
UFMA	- Universidade Federal do Maranhão
UFPB	- Universidade Federal da Paraíba
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	- Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	- Universidade de Brasília
UNICAMP	- Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP	- Universidade Federal de São Paulo
USP	- Universidade de São Paulo

VARISUL - Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Cidades foco: em Goiás (Goiânia e Goiátuba) e em Minas Gerais (Uberlândia).....	24
Figura 2 –	Antenor Nascentes e a divisão dialetal do Brasil.....	47
Figura 3 –	Distribuição de róticas em coda nos estados brasileiros.....	87
Figura 4 –	Realizações de róticas – Informante GO-GYN-M-06.....	90
Figura 5 –	Realizações de róticas – Informante GO-GYN-M-12.....	92
Figura 6 –	Realizações de róticas – Informante GO-GYN-H-05.....	94
Figura 7 –	Realizações de róticas – Informante GO-GYN-H-09.....	96
Figura 8 –	Realizações de róticas – Informante GO-GYN-H-11.....	97
Figura 9 –	Realizações de róticas – Informante GO-GTB-M-15.....	99
Figura 10 –	Realizações de róticas – Informante GO-GTB-M-18.....	101
Figura 11 –	Realizações de róticas – Informante GO-GTB-M-19.....	102
Figura 12 –	Realizações de róticas – Informante GO-GTB-H-16.....	104
Figura 13 –	Realizações de róticas – Informante MG-UBE-H-01.....	105
Figura 14 –	Realizações de róticas – Informante MG-UBE-H-02.....	108
Figura 15 –	Realizações de róticas – Informante MG-UBE-H-14.....	110
Figura 16 –	Realizações de róticas – Informante MG-UBE-M-03.....	112
Figura 17 –	Realizações de róticas – Informante MG-UBE-M-04.....	114
Figura 18 –	Realizações de róticas – Informante MG-UBE-M-13.....	116
Figura 19 –	Média entre as 3 cidades: realizações das róticas em posição de coda.....	119
Figura 20 –	Realizações de róticas em coda em Goiânia.....	120
Figura 21 –	Realizações de róticas em coda em Goiátuba.....	121
Figura 22 –	Realizações de róticas em coda em Uberlândia.....	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Ocorrências de róticas no PB.....	59
Quadro 2 –	Ocorrências de róticas em coda no Brasil – Literatura.....	86
Quadro 3 –	Número de palavras por campo semântico.....	89
Quadro 4 –	Informante GO-GYN-M-06.....	90
Quadro 5 –	Dados gravação: GO-GYN-M-12.....	92
Quadro 6 –	Dados gravação: Informante GO-GYN-H-05.....	94
Quadro 7 –	Dados gravação: Informante GO-GYN-H-09.....	95
Quadro 8 –	Dados gravação: Informante GO-GYN-H-11.....	97
Quadro 9 –	Dados gravação: Informante GO-GTB-M-15.....	98
Quadro 10 -	Dados gravação: Informante GO-GTB-M-18.....	100
Quadro 11 -	Dados gravação: Informante GO-GTB-M-19.....	102
Quadro 12 -	Dados gravação: Informante GO-GTB-M-16.....	103
Quadro 13 -	Dados gravação: Informante MG-UBE-H-01.....	105
Quadro 14 -	Dados gravação: Informante MG-UBE-H-02.....	107
Quadro 15 -	Dados gravação: Informante MG-UBE-H-14.....	109
Quadro 16 -	Dados gravação: Informante MG-UBE-M-03.....	111
Quadro 17 -	Dados gravação: Informante MG-UBE-M-04.....	113
Quadro 18 -	Dados gravação: Informante MG-UBE-M-13.....	115
Quadro 19 -	Ocorrências de róticas nas cidades pesquisadas (%)......	118
Quadro 20 -	Cidades pesquisadas pelo Projeto ALiB no Estado de Minas Gerais.....	125
Quadro 21 -	Cidades pesquisadas pelo Projeto ALiB no Estado de Goiás.....	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 MOTIVAÇÃO	21
1.2 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO E OBJETIVOS	21
1.3 PANORAMA HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DAS CIDADES PESQUISADAS	23
<i>1.3.1 Goiânia</i>	24
<i>1.3.2 Goiatuba</i>	25
<i>1.3.3 Uberlândia</i>	26
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	27
2 QUESTÕES DE PESQUISA E METODOLOGIA	29
2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	29
2.2 PESQUISA DE CAMPO	30
<i>2.2.1 Constituição do corpus da pesquisa</i>	31
<i>2.2.2 Sujeitos pesquisados</i>	31
<i>2.2.3 Organização do material utilizado</i>	32
<i>2.2.4 Coleta de dados</i>	35
<i>2.2.5 Transcrição fonética</i>	37
3 REVISÃO DA LITERATURA	39
3.1 CONCEITOS	39
3.2 AS REALIZAÇÕES DE RÓTICAS DO PB	40
<i>3.2.1 Vibrante</i>	41
<i>3.2.2 Aproximante</i>	42
<i>3.2.3 Tepe (tap)</i>	42
<i>3.2.4 Fricativas</i>	43
<i>3.2.5 Retroflexa</i>	43
PARA CRYSTAL (2000, P. 229), RETROFLEXÃO TAMBÉM É	44
3.3 REVISÃO DOS ESTUDOS SOBRE AS RÓTICAS NO PB	44
<i>3.3.1 Estudos de cunho dialetológico</i>	44
3.3.1.1 Amadeu Amaral	45
3.3.1.2 Antenor Nascentes	46
3.3.1.3 Ada Natal Rodrigues	48
3.3.1.4 Yonne Leite e Dinah Callou.....	49

3.3.2 <i>Análises linguísticas e sociolinguísticas</i>	51
3.3.2.1 Joaquim Mattoso Câmara Jr.	51
3.3.2.2 Dinah Callou e Yonne Leite	52
3.3.2.3 Cagliari	53
3.3.2.4 Leda Bisol.....	54
3.3.2.5 Monaretto	55
3.3.3 <i>Ocorrência de róticos em diferentes posições na sílaba no PB</i>	56
3.3.3.1 Em início de palavra	56
3.3.3.2 Em coda: medial e final	56
3.3.3.3 Em grupo consonântico	57
3.3.3.4 Em posição intervocálica.....	57
3.3.4 <i>Resultados e considerações</i>	58
3.3.5 <i>Aspectos terminológicos, fonéticos-fonológicos das róticas no PB</i>	61
3.3.5.1 Os termos r-fraco e r-forte	61
3.3.5.2 Interpretação das vibrantes	63
3.4 ANÁLISES SOCIOLINGÜÍSTICAS	68
3.4.1 <i>Variantes regionais</i>	68
3.4.2 <i>O dialeto caipira</i>	71
3.4.3 <i>Resultados de variação linguística de alguns estados brasileiros</i>	73
3.4.3.1 Região Norte.....	73
3.4.3.1.1 Estado do Amazonas	73
3.4.3.1.2 Estado do Acre	74
3.4.3.1.3 Estado do Pará	75
3.4.3.2 Região Nordeste	75
3.4.3.2.1 Estado da Bahia	75
3.4.3.2.2 Estado do Piauí	76
3.4.3.2.3 Estado do Ceará	77
3.4.3.2.4 Estado da Paraíba	77
3.4.3.2.5 Estado do Sergipe	78
3.4.3.3 Região Centro-Oeste	78
3.4.3.3.1 Estado de Goiás	78
3.4.3.4 Região Sudeste	79
3.4.3.4.1 Estado de Minas Gerais	79
3.4.3.4.2 Estado do Rio de Janeiro	80

3.4.3.4.3 Estado de São Paulo	81
3.4.3.5 Região Sul	82
3.4.3.5.1 Estado do Rio Grande do Sul	82
3.4.3.5.2 Estado de Santa Catarina	84
3.4.3.5.3 Estado do Paraná	84
4 DESCRIÇÃO DAS RÓTICAS NA FALA DE CIDADES PESQUISADAS	89
4.1 GOIÂNIA	90
4.1.1 Informante – GO-GYN-M-06	90
4.1.2 Informante – GO-GYN-M-12	92
4.1.3 Informante – GO-GYN-H-05	94
4.1.4 Informante – GO-GYN-H-09	95
4.1.5 Informante – GO-GYN-H-11	97
4.2 GOIATUBA	98
4.2.1 Informante – GO-GTB-M-15	98
4.2.2 Informante – GO-GTB-M-18	100
4.2.3 Informante – GO-GTB-M-19	101
4.2.4 Informante – GO-GTB-H-16	103
4.3 UBERLÂNDIA	104
4.3.1 Informante – MG-UBE-H-01	104
4.3.2 Informante – MG-UBE-H-02	107
4.3.3 Informante – MG-UBE-H-14	109
4.3.4 Informante – MG-UBE-M-03	111
4.3.5 Informante – MG-UBE-M-04	113
4.3.6 Informante – MG-UBE-M-13	115
4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	117
4.4.1 Goiânia	119
4.4.2 Goiatuba	120
4.4.3 Uberlândia	121
4.5 DISCUSSÃO	123
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	139
ANEXO I	140
APÊNDICE I	144

APÊNDICE II.....	148
APÊNDICE III.....	152

1 INTRODUÇÃO

Esta seção constará de alguns aspectos tais como relatos pessoais que motivaram a pesquisa; escolhas que permitiram a delimitação do estudo; breve panorama histórico-geográfico das cidades pesquisadas e estrutura da Dissertação.

1.1 Motivação

Desde a adolescência, em tempos escolares, já em Brasília, senti-me atraída pela diversidade sonora da nossa língua percebida em colegas provenientes de diferentes regiões. Tendo nascido no Rio de Janeiro e habituada aos chiados dos “s” e aos erres “suaves” realizados naquela cidade, chamavam-me a atenção, no meio escolar em Brasília/DF, especialmente, os sons retroflexos dos colegas, uma vez que percebia a estigmatização dos mesmos, já percebendo o preconceito linguístico.

Posteriormente, o casamento trouxe-me contato familiar com habitantes do Estado de Goiás (GO), provindos de Goiânia e Goiatuba, e pude conviver mais proximamente com a diversidade sonora da língua que identificava indivíduos de uma mesma região, principalmente os sons retroflexos, o que, novamente, aguçou minha curiosidade sobre a temática. Busquei leituras pertinentes e esclarecedoras, encontrando as publicações de Marcos Bagno *A língua de Eulália* (2006) e *Preconceito Linguístico* (2005), as quais trouxeram nova luz às minhas observações. As referidas leituras despertaram em mim o desejo de compreender melhor a fonética e a fonologia, levando-me a estudos que pudessem elucidar esses fenômenos linguísticos.

1.2 Delimitação do estudo e objetivos

Considerando a diversidade fonético/fonológica da Língua Portuguesa, e constatando-se a ocorrência de um grande número de variação de róticas no português brasileiro, pretende-se com esta pesquisa verificar as realizações de róticas que ocorrem nas variedades do português brasileiro e analisar uma amostragem das realizações faladas em três cidades próximas entre si: Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG inseridas, possivelmente, em uma mesma região linguística.

Esta pesquisa está vinculada ao projeto *Fonética & fonologia das línguas naturais*, da Professora Doutora Daniele Marcelle Grannier.

A fim de atingir os objetivos explicitados acima, partiu-se inicialmente de pesquisa de campo realizada nas cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG para levantamento das róticas presentes nas referidas cidades, seguido de uma busca bibliográfica a respeito do tema a fim de se obter um panorama sobre as realizações das róticas no português brasileiro, observadas em pesquisas já consagradas, realizadas em alguns Estados.

Buscou-se, inicialmente, identificar as propriedades fonéticas e fonológicas próprias das róticas existentes nas variedades do português faladas nas duas cidades goianas, e mais tarde, percebendo uma similaridade na fala de pessoas provenientes de Minas Gerais, optou-se por ampliar a observação, incluindo uma amostra da fala de pessoas da cidade de Uberlândia, no Estado de Minas Gerais (MG). O interesse na escolha das referidas cidades deveu-se a alguns fatores: o primeiro foi pelo fato de conhecer indivíduos residentes nestas localidades, o que facilitaria a busca dos participantes necessários à pesquisa; o segundo, por se perceber a ocorrência de róticas retroflexas presentes nas referidas cidades, sons tão diferentes ao que estava habituada na fala dos cariocas; o terceiro, deveu-se ao fato de ter observado que algumas de suas realizações fonéticas são alvos das mesmas atitudes preconceituosas por falantes de outras regiões geográficas; o quarto pelo desejo de buscar respostas às seguintes indagações: (a) os falares das pessoas desses estados seriam similares, fazendo parte de uma mesma região linguística, embora pertençam a estados e regiões diferentes? (b) haveria uma gradação no grau de retroflexão nas realizações das róticas retroflexas de uma cidade para outra?

Ao fazer o levantamento bibliográfico sobre as róticas do português, percebeu-se a necessidade de um aprofundamento nestes estudos, considerando a quantidade e a diversidade de ocorrência de róticas no português brasileiro (PB). Por outro lado, a quantidade de estudos que enfocam o tópico em questão, acabou por dar um novo norte ao trabalho, privilegiando esse levantamento. A partir desta nova perspectiva, apresenta-se uma revisão das pesquisas realizadas em algumas cidades brasileiras e os resultados obtidos por alguns pesquisadores, como: Nascentes, Amadeu, Câmara Jr. e Bisol, entre outros.

Há vários estudos sobre róticas do PB nas regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste, notando-se uma grande lacuna em relação a esse tipo de estudo na região Centro-Oeste. Os únicos estudos sobre o PB do Centro-Oeste encontrados são na área semântico-lexical. Convém lembrar que está em andamento a elaboração do Atlas Linguístico de Goiás.

A pesquisa proposta inicialmente foi desmembrada em três partes: a primeira que apresentará os estudos de autores brasileiros a respeito das variedades de róticas no PB e suas realizações; a segunda parte que constará da análise de ocorrência de róticas nas cidades de

Goiatuba/GO, Goiânia/GO e Uberlândia/MG, obtidas exclusivamente por meio de gravações e transcrição fonética; e a terceira, a respeito da comparação de ocorrência de retroflexas nas três cidades pesquisadas, procurando identificar a existência de uma gradação entre elas.

São objetivos específicos desta pesquisa:

- a) Conceituar e descrever os fonemas róticos no PB.
- b) Apresentar uma revisão dos estudos sobre as róticas no PB, organizando um panorama das realizações das mesmas, baseadas nesses estudos.
- c) Descrever as realizações das róticas do português de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG.

1.3 Panorama histórico-geográfico das cidades pesquisadas

As cidades pesquisadas localizam-se em dois estados brasileiros: Goiânia, a capital de Goiás (GO), encontra-se a 175 km de Goiatuba, que é cidade do interior deste Estado, pela BR-153. Uberlândia/MG, por sua vez, é a maior cidade do Triângulo Mineiro e dista 190 km de Goiatuba pela BR-153 e dista de Goiânia 338 km pelas BRs-153/452. É possível observar na Figura 1, a seguir, que Goiatuba/GO está no meio do caminho entre Goiânia/GO e Uberlândia/MG e essas cidades posicionadas nos extremos perfazem um total de 338 km pelas BRs-153/452.



Figura 1 – Cidades foco: em Goiás (Goiânia e Goiatuba) e em Minas Gerais (Uberlândia)

Fonte: Guia Geográfico (2013).

1.3.1 Goiânia¹

É capital do Estado de Goiás (GO) e tem uma área aproximada de 739 km². É a cidade mais populosa da região Centro-Oeste com 1.318.148 habitantes. O nome da cidade gira em torno de duas hipóteses: a primeira que seria uma menção à Pedra Goyania na Serra Dourada, e a segunda, uma alusão ao título do livro Goyania, com adaptação fonética e ortográfica. Segundo *site* oficial do Estado de Goiás, em 1735, foi iniciado a colonização de origem europeia, com a chegada dos bandeirantes, na região que anteriormente era habitada

¹ Cf. CINTRA, M. A. Trabalho que você vê. 24 de março de 2010. In: GOIÂNIA. **Prefeitura Municipal de Goiânia**. Disponível em: <<http://prefeituradegoiania.net.br/site/conhecagoiania.php?tla=2&cod=47>>. Acesso em: 01 jun. 2013. Cf. GOIÂNIA. **Prefeitura Municipal de Goiânia**. Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/>>. Acesso em 01 jun. 2013. Cf. WIKIPEDIA. **História de Goiânia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Goiana>. Acesso em: 01 jun. 2013. Cf. WIKIPEDIA. **Goiânia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Go%C3%A2nia>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

por indígenas. Durante o Império, propôs-se que a capital da capitania de Goiás fosse transferida para lá. No governo de Getúlio Vargas havia a política de desenvolvimento e incentivo de ocupação do Centro-Oeste brasileiro, denominada Marcha para o Oeste, portanto, com este intuito, Goiânia foi planejada para ser a capital administrativa e política de GO.

A expansão urbana deveu-se a fatores como a política de interiorização de Vargas: a chegada da estrada de ferro, a construção de Brasília e, conseqüente, obras viárias que ligariam o Planalto Central ao restante do país. Esse crescimento favorece a criação de aeroporto, de escolas e de Universidades que acabaram por manter na cidade aqueles que saíam em busca de formação acadêmica.

Goiânia é considerada a capital mais arborizada do Brasil, ganhando, inclusive, o título de “Capital Verde do Brasil”; possui o maior índice de área verde por habitante do país, 94m². Sua vegetação é de 70% de cerrado, havendo grande preocupação com a manutenção de parques e preservação da natureza.

A cidade é considerada um importante polo econômico da região Centro-Oeste, girando sua economia em torno de indústrias, medicina, moda e agropecuária, especialmente, a bovinocultura e a avicultura.

1.3.2 Goiatuba²

É um município do interior de GO. Tem uma população de 33.706 habitantes e área de 247.510 hectares. A cidade tem localização privilegiada pela sua proximidade com Goiânia/GO, Brasília/DF e Uberlândia/MG. Surgiu por volta de 1860 a partir do estabelecimento de fazendeiros no local e de bandeirantes vindos do interior de São Paulo (SP). O povoado era chamado de São Sebastião das Bananeiras. Um andarilho de descendência italiana, antevendo a dimensão futura do local, sugeriu a mudança do nome para Goiatuba. Com respeito a esse nome, consta no site da cidade a etimologia corrente no local, segundo a qual, Goiatuba significaria “Goiás Grande” formado a partir da junção de *Gwa yá* corresponderia a “indivíduos da mesma raça” e *tuba* a “grande”, formando “Gwa yá tuba”

² Cf. GOIATUBA. Prefeitura Municipal de Goiatuba. **Dados do município**. Disponível em: <<http://www.goiatuba.go.gov.br/dados.html>>. Acesso em: 01 jun. 2013. Cf. História de Goiatuba. **Blog**. Disponível em: <<http://historiadegoiatuba.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 jun. 2013. Cf. WIKIPEDIA. **Goiatuba**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Goiatuba>>. Acesso em: 01 jun. 2013. Cf. Goiatuba on line. **Blog**. Disponível em: <<http://goiatubaonline.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

significando “muitos indivíduos da mesma raça” ou, como pretendia o andarilho Gabinatti, “Onde Goiás é grande”.

A economia da cidade é essencialmente voltada para a agropecuária, considerando suas terras extramente férteis. A principal festa da cidade é a Exposição Agropecuária, considerada a maior da região sul do Estado.

Por muitos anos, os goiatubenses tinham que se dirigir à cidade de Goiânia para cursar o Ensino Médio e Superior. Há alguns anos, porém, existe a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, permitindo que os interessados em uma formação acadêmica permaneçam em sua cidade natal.

1.3.3 Uberlândia³

É município de MG. Possui uma área de 4.115.082 km², com população estimada em 619.536 habitantes, sendo a cidade mais populosa do Triângulo Mineiro. A região era habitada por indígenas e, posteriormente, por volta de 1632, pelos bandeirantes. Era conhecida pelo nome de Uberabinha e foi emancipada de Uberaba por volta de 1880. Está ligada pela malha rodoviária aos grandes centros econômicos como São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG, Goiânia/GO e Brasília/DF. Quanto ao nome da cidade, o site oficial da prefeitura da cidade, entre outros, oferece várias hipóteses: a da união de dois termos *uber* do alemão “super” ou *vbere* do latim “fecundo” ou de *yberaba* do tupi “água brilhante” e *land* do inglês “terra”, indicando ser o local “terra fecunda”, “terra fértil” ou “terra de águas brilhantes”.

A vegetação principal é o cerrado. A economia gira em torno de atividades pecuárias, sua maior atividade econômica, seguida de indústrias, especialmente, indústria-pastoril.

A cidade tem grande preocupação com a educação, contando com uma universidade federal e inúmeras faculdades.

É interessante observar que as três cidades eram habitadas, inicialmente, por indígenas e que foram igualmente colonizadas por bandeirantes. Esse fato sinaliza, de alguma forma, a unidade linguística da região, no que se refere à ocorrência da rótica retroflexa, considerada uma das marcas do dialeto caipira, e, segundo alguns linguistas, como Amaral (1955), deveu-se à influência dos bandeirantes.

³ Cf. UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal de Uberlândia. **Uberlândia, uma história de muitos**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=97>>. Acesso em: 01 jun. 2013. Cf. WIKIPÉDIA. **Uberlândia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Uberl%C3%A2ndia>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

1.4 Estrutura do trabalho

A presente Dissertação se organiza em cinco capítulos. No Capítulo a seguir, apresenta-se a Metodologia adotada nesta dissertação, enfocando os dois tipos de pesquisas realizadas: a primeira, de natureza bibliográfica, com vistas a aprofundar o conhecimento sobre o tema; a segunda, relacionada à pesquisa de campo nas cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG, com gravações de áudio a fim de observar as várias realizações de róticas nas referidas cidades.

O Capítulo 3 apresenta uma revisão dos estudos sobre as róticas do PB, partindo do histórico das róticas e da retroflexão na nossa língua, seus conceitos e as várias realizações de róticas no português brasileiro; retoma estudos de cunho dialetológico como os de Antenor Nascentes e Amadeu Amaral e análises linguísticas e sociolinguísticas de alguns estudiosos brasileiros a respeito deste tema, tais como, os de Câmara Jr., Callou e Leite e Leda Bisol. Completando os estudos sobre as róticas, discutem-se também alguns aspectos fonético-fonológicos que envolvem o estudo das vibrantes e a oposição entre o r- fraco e o r-forte, finalizando com um panorama descritivo de ocorrência das róticas no Brasil.

O Capítulo 4 apresenta a descrição das róticas pesquisadas nas três cidades brasileiras propostas e a análise de resultados obtidos.

O Capítulo 5 consta das considerações finais a respeito das conclusões das análises e estudos das róticas do PB.

Com esta pesquisa espera-se poder contribuir para o conhecimento científico do português do Brasil.

2 QUESTÕES DE PESQUISA E METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho foi de dois tipos: pesquisa bibliográfica sobre as róticas no português brasileiro (PB) e pesquisa de campo nas cidades de Goiânia/GO, Goiátuba/GO e Uberlândia/MG.

2.1 Pesquisa bibliográfica

Partiu-se da premissa de Lakatos (1988 *apud* SOARES, 2013) que a pesquisa bibliográfica objetiva colocar o pesquisador em contato com tudo o que foi escrito a respeito de determinado assunto, e que segundo Fachin (1993 *apud* SOARES, 2013), este tipo de pesquisa serve de base para as demais pesquisas, sendo uma constante àqueles que se propõe a estudar. Levou-se em consideração, ainda, o fato deste tipo de pesquisa ter como principal vantagem o acesso do investigador a informações muito mais amplas que aquelas que se obteria, fazendo pesquisa direta e individualmente.

De acordo com Gil (2007 *apud* SOARES, 2013) constituem-se fontes para este tipo de pesquisa não somente os livros, mas também, obras de referência, teses e dissertações, periódicos científicos, anais de encontros científicos e resumos. Para desenvolver este tipo de pesquisa, buscou-se, então, fazer consultas aos autores de trabalhos publicados, como livros, artigos científicos, teses e dissertações, tanto em bibliotecas convencionais como em bases de dados virtuais disponíveis na internet. Entre as bases de dados digitais visitadas constam: (a) Repositórios das seguintes universidades: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Federal de Goiás (UFG); (b) revistas e periódicos eletrônicos sobre estudos fonético-fonológicos, tais como: *Abralin*, *Revel*, *Letra Magna* e *Revista de Letras*; (c) outros sites não acadêmicos. É relevante mencionar que as dissertações e teses, pesquisadas em várias bases de dados de diversas universidades do país, fundamentaram a montagem do panorama de ocorrências das róticas de inúmeras cidades brasileiras que se apresenta neste trabalho.

Por entender que há na literatura da Fonética e da Fonologia diversos teóricos que enfocaram estudos pertinentes à ocorrência de róticas nas diversas línguas do mundo, optou-se por, inicialmente, fazer um levantamento dos estudos desses teóricos, tanto na área da Fonética como da Fonologia. Na Fonética foram examinados desde o trabalho de referência

geral *Elements of general phonetics*, de David Abercrombie (1967) até a publicação de Peter Ladefoged e Ian Maddieson sobre os sons das línguas do mundo na obra *The Sounds of the World's Languages* (1996). No campo da Fonologia foram considerados textos clássicos que trazem os princípios da fonologia, como o de N.S. Troubetzkoy, *Principes de phonologie* (1949).

Nestas obras, encontra-se um panorama dos estudos linguísticos, partindo de conceitos fonéticos relevantes à contextualização e compreensão das róticas. Após essa busca de conhecimentos básicos da fonética, procurou-se conhecer autores brasileiros que fizeram estudos específicos das róticas no PB, como por exemplo, Câmara Jr. que fez uma descrição da língua portuguesa; Cagliari; Bisol que apresenta uma revisão dos estudos de Câmara Jr. e apresenta pesquisas sobre a fala do Rio Grande do Sul; Callou e Leite que analisam o falar brasileiro. Observou-se que gramáticos portugueses fizeram observações sobre a ocorrência de róticas no Português Europeu, o que motivou gramáticos brasileiros a fazerem análise dessas ocorrências no PB.

2.2 Pesquisa de campo

No intuito de se fazer uma pesquisa de campo necessária para investigar as falas de sujeitos das cidades propostas na pesquisa, buscou-se os estudos de Dixon que dão um excelente embasamento a respeito de princípios que devem ser observados quando da realização deste tipo de pesquisa. Dixon, entre outros aspectos, aborda em sua obra *Basic Linguistic Theory* (2010) uma metodologia de pesquisa de campo, descrevendo etapas que devem ser observadas, desde a escolha da língua a ser descrita, a inserção na comunidade que se pretende pesquisar, a escolha e preparação do material utilizado nas gravações, as análises a serem realizadas, até à proposição de hipóteses que seriam relevantes para o enriquecimento do estudo proposto.

Considerando a opinião de Dixon (2010, p. 3) que declara que alguns linguistas que se propõem a trabalhar em teorias linguísticas sem nunca terem realizado um trabalho de campo, seriam como biólogos que observaram animais apenas em livros e se propuseram a organizar estudos a respeito da natureza e *habitat* dos mesmos. Seguindo a visão do autor, optou-se por realizar pesquisas de campo a fim de investigar a fala de sujeitos das cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG, objetivando não apenas descrevê-las, mas compará-las a estudos relevantes de pesquisadores nacionais com o intuito de confirmar ou não suas observações a respeito das realizações das róticas presentes no PB.

Para tanto, planejou-se a constituição de um corpus, com base em gravações de cerca de vinte participantes que reproduziram palavras previamente selecionadas.

2.2.1 Constituição do corpus da pesquisa

A fim de buscar respostas às questões de pesquisa explicitadas na seção anterior, procurou-se organizar o corpus da pesquisa e o material necessário para obter dados que focasse o objetivo proposto, conforme especificações abaixo:

2.2.2 Sujeitos pesquisados

Na tentativa de se obter dados que revelassem de fato as características dialetais dos falantes das cidades em foco, ao selecionar os sujeitos a serem pesquisados, procurou-se observar uma série de variáveis, tais como: idade, sexo, nível de escolaridade, profissão, se falante de alguma língua estrangeira, considerando-se as orientações de Brandão (1991, p. 26), que apresenta capítulo especial a respeito da seleção de informantes, ao afirmar:

Assim, hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do corpus de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as peculiaridades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

Os sujeitos pesquisados são nascidos nas cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG, e moraram nas referidas cidades a maior parte de suas vidas. Estão na faixa etária entre 25 e 60 anos e são alfabetizados, com escolaridade mínima de Ensino Médio. Buscou-se fazer as pesquisas em um grupo etário específico a fim de manter uma homogeneidade geracional.

A seleção dos pesquisados se fez pelo conhecimento de amigos residentes nessas cidades e de amigos que indicaram seus amigos, o que facilitou em muito a quantidade de pesquisados no corpus. Optou-se por gravar o mesmo número de homens e mulheres para observar se a diferença no trato vocal de ambos interfere na emissão das róticas, considerando que no caso das vogais é fato que o som de frequência dos formantes é mais alto nas

mulheres.⁴ Contudo, ao escolher os pesquisados, observaram-se algumas dificuldades como tempo e disponibilidade para a gravação e a que mais chamou a atenção foi a dificuldade em encontrar homens que tivessem nascido e vivido toda sua vida na mesma cidade, considerando a realidade social e cultural da região. Observou-se, por exemplo, que a maioria dos homens sai muito cedo da cidade de origem, migrando para a capital do Estado a fim de continuar seus estudos e procurar trabalho. Esse fato foi observado, especialmente, na cidade de Goiatuba/GO onde, nas duas últimas décadas, não havia faculdade e muitos já se deslocavam para a cidade de Goiânia com o intuito de concluir o Ensino Médio, além do fato de ser uma região de fazendas, onde em sua maioria, a oferta de trabalho é para atividades correlatas à criação de gado, formação de lavoura e outras atividades pertinentes à realidade de uma região voltada para a agropecuária. Foram gravados um total de dezenove falantes, dos quais nove homens e dez mulheres, assim distribuídos: na cidade de Goiânia – quatro homens e quatro mulheres; na cidade de Goiatuba/GO – dois homens e três mulheres⁵; e, na cidade de Uberlândia – três homens e três mulheres. As gravações foram feitas *in locu* nas referidas cidades.

2.2.3 Organização do material utilizado

As palavras selecionadas para a gravação contemplaram a formação de um corpus representativo das ocorrências das róticas nas posições silábicas em foco. As palavras a serem elicitadas foram organizadas tematicamente, de acordo com os seguintes grupos semânticos: alimentos, animais, cores, fazenda, frutas e partes do carro. Sempre que possível procurou-se elencar uma palavra contendo rótica seguida de uma que não continha, objetivando não induzir os participantes a monitorar a produção das róticas. Da mesma forma, a escolha de palavras a partir de um campo semântico deveu-se à intenção de que os sujeitos pesquisados não se concentrassem na palavra propriamente dita, mas na ideia que transmitiam, evitando assim, perceber a relação das mesmas com as róticas.

No campo semântico “frutas” foram selecionadas trinta e duas palavras, das quais dezessete continham róticas (em negrito), que são: **laranja**, maçã, **mexerica**, manga, **morango**, jabuticaba, **pera**, pêssego, **guaraná**, banana, **acerola**, mamão, **tamarindo**, goiaba,

⁴ Não houve oportunidade de se perceber tais diferenças uma vez que não houve análise pelo PRAAT, embora seja de conhecimento que entre as róticas essas diferenças não são tão relevantes no caso das fricativas, havendo alguma diferença no caso das vibrantes.

⁵ A diferença entre o número de homens e mulheres deve-se ao fato dos homens migrarem para a capital, conforme mencionado anteriormente.

graviola, pitanga, **araticum**, cana, **baru**, côco, **buriti**, abacaxi, **seriguela**, melancia, **carambola**, **amora**, uva, **cereja**, abacate, **maracujá e romã**.

No campo semântico “cores” foram selecionadas vinte e uma palavras, das quais doze continham róticas (em negrito), que são: **vermelho**, azul, **branco**, **amarelo**, cinza, **verde**, bege, **preto**, lilás, **marron**, **rosa**, **roxo**, salmão, **prata**, violeta, **dourado**, **laranja**, vinho e **púrpura**.

No campo semântico “animais” foram selecionadas cinquenta e uma palavras, das quais vinte e nove continham róticas (em negrito), que são: **arara**, leão, **tubarão**, **pássaro**, foca, **garça**, vaca, **porco**, **rato**, lula, **crocodilo**, macaco, peixe, **aranha**, veado, **cobra**, polvo, **piranha**, boi, **carangueijo**, abelha, **touro**, águia, **camarão**, cavalo, **tigre**, **cachorro**, coelho, **borboleta**, sapo, **aririnha**, anta, **pernilongo**, elefante, **girafa**, búfalo, **leão marinho**, **cavalo marinho**, papagaio, **urso**, onça, pavão, **rinoceronte**, **formiga**, baleia, **besouro**, **tartaruga**, **raposa**, **lagarta e jacaré**.

No campo semântico “fazenda” foram selecionadas trinta e três palavras, das quais vinte e quatro continham róticas (em negrito), que são: **porteira**, **aceiro**, **toras**, **empregado**, pinguela, **casarão**, moinho, **cachoeira**, bota, **represa**, tacho, **córrego**, chicote, **rio**, **pomar**, pilão, **cocheira**, **cerca**, estábulo, **espingarda**, **estribo**, **espora**, **arreio**, **celeiro**, **chiqueiro**, **ordenha**, **curral**, gado, **arma**, **esterco**, **carroça e trator**.

No campo semântico “alimentos” foram selecionadas trinta e três palavras, das quais vinte continham róticas (em negrito), que são: **arroz**, feijão, **carne**, cebola, **frango**, **rúcula**, **agrião**, alface, **gingibre**, **abóbora**, tomate, **moranga**, peixe, **berinjela**, milho, **couve-flor**, chuchu, **brócolis**, jiló, **rabanete**, batata, **beterraba**, **cenoura**, **ervilha**, alho, **cará**, **hortelã**, mandioca, **manjeriço**, **repolho-roxo**, pepino e **abobrinha**.

No campo semântico “partes do carro” foram selecionadas doze palavras, das quais oito continham róticas (em negrito), que são: **porta-malas**, volante, **pára-brisas**, **farol**, pneu, **traseira**, **dianteira**, assento, **roda**, **motorista**, buzina e **porta-luvas**.

O total de palavras selecionadas foi de cento e oitenta e duas, entre as quais cento e dez continham róticas.

Quando da constituição do corpus observou-se alguns fatores: o primeiro, a busca de vocabulário pertencente a grupos semânticos que interessassem aos pesquisados, ou seja, palavras conhecidas e relacionadas a sua realidade social, profissional e regional, de preferência parte constante do seu cotidiano. Apesar disso, os pesquisados do sexo masculino tiveram dificuldade em identificar algumas imagens, como se explica mais adiante.

Objetivando uma real análise das realizações das róticas, tomou-se o cuidado de selecionar palavras que continham róticas nas diversas posições, tais como: posição intervocálica (pera, laranja, aranha, espora, farol, córrego, marrom, curral, arroz, cachorro e etc.), início de palavra (rato, represa, rúcula, rabanete, roxo e etc.), coda: medial (verde, púrpura, borboleta e etc.) e final (couve-flor e etc.) e grupo consonântico (branco, prata, empregado, brócolis e etc.).

É importante notar que no levantamento das palavras por campo semântico houve, em posição intervocálica, um número muito maior de ocorrências da rótica denominada r-fraco [r] que da rótica r-forte [x]. Essa constatação acidental sugere a possibilidade de uma assimetria na distribuição desses fonemas, o que pode vir a ser um tema para pesquisas futuras, trazendo novas contribuições para as discussões sobre o status fonológico dos fonemas róticos no PB.

Cada arquivo de grupo semântico teve duas versões que foram apresentadas na tela do computador, uma a uma. A primeira, constituída por palavras escritas e, a segunda, constituída por imagens equivalentes à versão com palavras, sendo ambos os arquivos lidos uma vez pelos participantes da pesquisa; e nos casos em que houve algum equívoco na leitura, houve repetição da mesma. Em alguns casos, não houve identificação do slide da imagem com o slide da palavra, pelo fato de não reconhecerem a imagem, como por exemplo, no caso do campo semântico de alimentos em que, principalmente, pesquisados do sexo masculino não conseguiram identificar determinados legumes ou verduras; nestes casos houve necessidade de mencionar o nome esperado a fim de que o repetissem.

Na leitura da versão com palavras de alguns grupos semânticos, as palavras escritas foram lidas, dentro de uma frase específica, constituindo um contexto, a fim de que a palavra observada fosse lida de uma forma mais espontânea. Doravante, esta frase será denominada “frase veículo”. Apenas três campos semânticos foram lidos a partir de uma frase veículo, que são: o grupo semântico “alimentos” cuja frase veículo foi “Eu como ----- todo dia”; o grupo semântico “frutas” cuja frase veículo foi: “Compro ---- na feira”; e, o grupo semântico “cor” cuja frase veículo foi “A cor ---- é bonita”.

2.2.4 Coleta de dados

Antes de iniciar as gravações, contatou-se o Comitê de Ética da Universidade de Brasília (UnB), que de acordo com a Resolução CNS n°. 196/1996, estabelece critérios éticos para pesquisa com seres humanos. Os convidados a participar da pesquisa foram contatados a fim de obter dos mesmos a autorização para gravação de voz com cada indivíduo, conforme Anexo I “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)”. Os documentos solicitados pelo Comitê de Ética foram: Termo de Responsabilidade pelo uso de informações e cópias de documentos para fins de pesquisa (Anexo II), Termo de Autorização para uso de imagem e sons para fins de pesquisa (Anexo III). De posse da documentação submeteu-se a solicitação de pesquisa com seres humanos ao Comitê de Ética da UnB. Somente depois de deferida a autorização pelo referido Comitê, em Ata da 39ª reunião datada de 30 de março de 2012, foram iniciadas as gravações.

Para a realização das gravações, foram necessárias duas viagens a Uberlândia/MG, uma a Goiânia/GO e uma a Goiatuba/GO. Todas foram feitas nas cidades pesquisadas com pessoas locais e em ambiente propício, ou seja, uma sala mais isolada, longe de qualquer barulho.

Antes do início das gravações, todos os participantes foram informados que a pesquisa para a qual foram convidados a participar, se tratava de observar a fala e o vocabulário da região. Todos assinaram os documentos indicados pelo Comitê de Ética, tais como ciência da pesquisa e concordância com a gravação de som e utilização dos mesmos para fins de pesquisa.

Durante a coleta de dados, foram observados os seguintes procedimentos:

- a) A gravação foi feita em ambiente silencioso, utilizando-se um *lap top* e microfone da marca Shure SV-100 mono.
- b) No início da gravação, foi solicitado de cada sujeito pesquisado que contasse uma história espontânea a fim de propiciar um ambiente descontraído para a elicitación das palavras enfocadas.
- c) Em seguida, passou-se à gravação da leitura dos slides por campo semântico.
- d) Ao final da gravação, foi solicitada outra narrativa, esta mais longa, para observação e análise das róticas em situação de fala mais espontânea.

Antes do início das gravações, os sujeitos pesquisados foram entrevistados com a finalidade de se coletar dos mesmos os seguintes dados pessoais: idade, local de nascimento, nível de escolaridade, profissão e se falavam alguma língua estrangeira. Ao longo dos dias em que houve contato com os informantes, foi investigado se todos haviam nascido e vivido na cidade pesquisada. Devido ao fato de alguns informantes terem vivido em outras cidades por longo tempo ou por pouco tempo, e também, por terem vivido em duas ou três cidades diferentes, resolveu-se por descartá-los da pesquisa, evitando que os resultados mascarassem a realidade linguística da região. Descartaram-se, ainda, alguns sujeitos entrevistados, que apesar de nativos e residentes nas cidades pesquisadas, demonstraram durante as gravações falta de naturalidade ou não manifestação de retroflexas, objetivando uma fala “bonita”, o que não se evidenciou durante conversas espontâneas. Vale mencionar também que na cidade de Goiânia, uma família na qual três irmãos de diferentes níveis culturais foram pesquisados, a mãe tentou dissuadir um deles de participar da pesquisa, pois, segundo ela, apesar de ter o Ensino Médio completo, ele não gostava de estudar, e acreditava que ele iria envergonhar a família, pois falava muito errado. Curiosamente, este colaborador foi o único na família, e, também, entre outros informantes desta cidade, que acabou fazendo concordância de gênero no campo semântico “cor”, quando da leitura da frase veículo “a cor ---- é bonita” ao encaixar na referida frase as cores apresentadas nos slides. Exemplificando, no slide constava a palavra “vermelho”, a qual deveria ser lida dentro da frase veículo da seguinte forma: “a cor vermelha é bonita”, a maioria leu “a cor vermelho é bonita”. Apesar do foco da pesquisa não ser voltado para aspectos sintático-morfológicos, o fato merece nota, uma vez que ficou evidenciado que o referido pesquisado sofria preconceito linguístico, por estar estigmatizado como menos “apto” dentro do próprio grupo familiar e sociocultural a que pertencia.

Para realizar as gravações procurou-se identificar o arquivo de cada sujeito pesquisado com um código. Nas gravações realizadas na cidade de Uberlândia/MG, o código utilizado para arquivos de gravação foi o seguinte: MG-UBE-H-Nº ou MG-UBE-M-Nº, no qual MG indica o estado de Minas Gerais; UBE indica a cidade de Uberlândia; H e M indicam o sexo do pesquisado, respectivamente homem e mulher e o Nº indica o número do falante na ordem de gravação. Na cidade de Uberlândia/MG, tivemos seis pesquisados, os códigos para esta cidade são os seguintes: MG-UBE-H-01, MG-UBE-H-02, MG-UBE-M-03, MG-UBE-M-04, MG-UBE-M-13 e MG-UBE-H-14. Observe a descontinuidade numérica dos falantes MG-UBE-H-13 e MG-UBE-M-14 em relação à continuidade numérica dos quatro primeiros falantes; isso se justifica pelo fato de se ter optado por seguir a numeração de acordo com a ordem de gravação e não pela cidade, necessariamente; isto significa, portanto,

que em Uberlândia as duas últimas gravações foram feitas em um outro período de viagem à cidade, após terem sido realizadas as gravações nas cidades de Goiânia e Goiatuba.

Na cidade de Goiânia/GO, tivemos oito pesquisados sob o código GO-GYN-H-Nº ou GO-GYN-M-Nº, no qual GO indica o estado de Goiás e GYN indica a cidade de Goiânia, H e M indicam o sexo do pesquisado, respectivamente homem e mulher e Nº indica o número do falante na ordem da gravação. Os pesquisados desta cidade estão sob os seguintes códigos: GO-GYN-H-05, GO-GYN-M-06, GO-GYN-H-07, GO-GYN-M-08, GO-GYN-H-09, GO-GYN-M-10, GO-GYN-H-11 e GO-GYN-M-12. Desta cidade foram descartados os seguintes pesquisados GO-GYN-H-07, GO-GYN-M-08 e GO-GYN-M-12 pelos motivos mencionados anteriormente.

Na cidade de Goiatuba/GO, os arquivos dos pesquisados estão sob o seguinte código: GO-GTB-H-Nº ou GO-GTB-M-Nº em que GO indica o estado de Goiás e GTB indica a cidade de Goiatuba, H e M indicam o sexo do pesquisado, respectivamente homem e mulher e o Nº indica o número do falante na ordem de gravação. Os pesquisados desta cidade estão sob os seguintes códigos: GO-GTB-M-15, GO-GTB-H-16, GO-GTB-M-17, GO-GTB-M-18 e GO-GTB-M-19. Desta cidade foi descartado o pesquisado GO-GTB-H-17 pelos motivos mencionados anteriormente.

Observados os descartes realizados, como consta no parágrafo anterior, foram analisadas as gravações de um total de quinze sujeitos pesquisados da seguinte forma: em Uberlândia/MG, totalizaram-se seis pesquisados: três homens e três mulheres; em Goiânia/GO, totalizaram-se cinco pesquisados: três homens e duas mulheres; em Goiatuba/GO, totalizaram-se quatro pesquisados, sendo três mulheres e um homem. No total geral tem-se quinze pesquisados, sendo oito mulheres e sete homens.

2.2.5 *Transcrição fonética*

À medida que foram sendo feitas as gravações, os dados foram sendo transcritos foneticamente, tomando por base a declaração de Cagliari (apud CARVALHO, s. d.), que afirma: “A mais importante ferramenta do foneticista ainda é a transcrição fonética, e o melhor equipamento, o ouvido e o aparelho fonador”. E, observou-se ainda, as orientações do mesmo autor sobre como realizar uma boa análise fonético-fonológica, apresentada passo a passo na obra *Análise Fonológica* (1997).

Para a transcrição fonética dos dados, foi utilizado o sistema de símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA)⁶. Pretendia-se fazer a seleção de sons para análise no PRAAT⁷ para obter acuidade nos resultados, mas observados em alguns arquivos problemas com a qualidade do som e, conseqüentemente, havendo a necessidade de regravar alguns arquivos, optou-se por restringir este trabalho à análise fonética auditiva e articulatória dos dados, reservando o referido corpus para futuros estudos de análise acústica.

É importante ressaltar que a transcrição fonética realizada é de caráter simples, evitando-se detalhamentos que envolvem os elementos vocálicos, como por exemplo, uso de diacríticos. Objetivou-se ressaltar basicamente as realizações das róticas que são o foco desta pesquisa.

⁶ Do inglês, *International Phonetic Alphabet* – sistema de notação fonética criado pela Associação Fonética Internacional.

⁷ PRAAT é um *software* utilizado para análise e síntese da fala, desenvolvido pelo *Institute of Phonetics Sciences* da Universidade de Amsterdã.

3 REVISÃO DA LITERATURA

A seguir apresentamos os trabalhos que embasaram essa pesquisa, divididos em duas seções: os conceitos gerais da literatura que tratam de róticas e os estudos sobre as róticas no português brasileiro (PB).

3.1 Conceitos

É importante definir as róticas para contextualizar o estudo que se pretende. Dentro dos estudos de fonética e fonologia, o tema róticas tem sido estudado por inúmeros linguistas e há consenso que o estudo das inúmeras variações do fonema /r/ e de seus contextos de ocorrência é uma questão complexa. De acordo com Ladefoged e Maddison (1996), os sons róticos são bem comuns em várias línguas do mundo, e de acordo com Maddieson (1984), em torno de 75% das línguas do mundo contêm alguma forma do fonema /r/, assim é com a Língua Portuguesa. Segundo Ladefoged e Maddieson (1996, p. 215), os sons classificados como róticos são aqueles representados ortograficamente por r (sendo uma ocorrência comum na maior parte das línguas do mundo), e podem ser produzidos por meio de diferentes modos de articulação, tais como vibrantes (*trills*), teques (*taps* ou *flaps*), fricativas e aproximantes, e são articulados em vários pontos do aparelho fonador, desde a glote até a ponta da língua. Para Ladefoged e Maddison (1996), não são nem o modo de articulação, nem o ponto de articulação que definem a classe das róticas, o que torna difícil organizar a noção de classe para esses sons.

Na tentativa de definir propriedades comuns aos membros desta classe, Ladefoged e Maddieson (1996) buscam argumentos de diferentes naturezas. Os autores questionam, por exemplo, se a classificação das róticas é baseada nas relações sincrônica e diacrônica existentes entre os membros desta classe ou se há, realmente, uma similaridade fonética entre as róticas que até o momento não tenha sido percebida. Acreditam que tal similaridade deva ser mais acústica que articulatória, inclusive como apontam estudos de Lindau (1985 *apud* LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

Ladefoged e Maddieson (1996) argumentam que, apesar de foneticamente as róticas não apresentarem características comuns, fonologicamente as róticas apresentam comportamento similares. Os autores destacam três argumentos de natureza fonológica: (a) são, praticamente, a única consoante que surge como segundo elemento de grupo

consonântico⁸; (b) as róticas tendem a ocorrer próximas ao núcleo silábico, observando-se uma afinidade entre róticas e vogais; sendo que as róticas podem chegar a fundir-se de várias formas com vogais contíguas ou a terem variantes silábicas. Esse fenômeno pode ser observado entre dialetos de uma mesma língua, observando-se a posição das róticas em relação às vogais, quer sejam pós-vocálicas, intervocálicas e etc., em que resultará em diferentes realizações. Fatos estes observados em diversas línguas do mundo, tais como: Alemão, Sueco, Francês, Farsi e Palauan, em que ora se realizam como aproximantes, ora como vibrantes, ora como *taps* e ora como fricativas.

Embora os autores concluam que, do ponto de vista fonético, as róticas não possam ser consideradas uma classe homogênea, elas apresentam algumas características bastante frequentes entre as róticas na maioria das línguas, o ponto de articulação mais comum seja o alvéolo-dental, apesar de haverem ocorrências no pós-alveolar (retroflexos) e em algumas línguas na articulação uvular. Note-se que os autores entre essas propriedades não mencionam a fricativa glotal que é uma realização rótica do PB.

No Brasil, há vários estudiosos que no intuito de descrever o PB especificaram os tipos de róticas presentes em nossa língua, tais como: Câmara Jr, Bisol, Callou & Leite, Monaretto e Nishida, entre outros.

3.2 As realizações de róticas do PB

No PB é notória a presença de inúmeros tipos de róticas, entre elas observando-se a ocorrência de tepe simples [ɾ], a vibrante [r], as fricativas [x, ɣ, h, fi] e a aproximante retroflexa [ɽ].

O objetivo deste trabalho é fazer um levantamento das róticas no PB, no contexto dos estudos já existentes de autores brasileiros referentes a variedades linguísticas de algumas regiões do país, por isso, cabe-nos identificar os tipos de sons que realizam essas róticas.

As róticas mais frequentes no PB são as fricativas velares e uvulares [x, h, fi]; as vibrantes: simples, *tap* ou flap [ɾ], vibrante múltipla ou *trill* alveolar [r]; a aproximante alveolar [ɽ]; e as retroflexas: *tap, flap* retroflexo [ɽ] e a aproximante retroflexa [ɽ].

Toda essa variedade de róticas surge, primeiro, relacionada à variedade do português, visto que no Brasil, há enorme variedade dialetal; em segundo, relaciona-se ao contexto linguístico em que ocorre. No PB observa-se a ocorrência de róticas nos seguintes contextos

⁸ Note-se que no PB, nessa posição também ocorre com a líquida lateral “l”.

linguísticos: (a) em onset ou início de palavra (CV, (b) em codas⁹: (i) medial (CVC), (ii) coda final (CVC); (c) posição intervocálica (VCV) e (d) em grupos consonânticos (CCV).

A seguir, examinam-se os vários modos de articulação com que se realizam róticas no PB.

3.2.1 Vibrante

A vibrante é classificada dentre as consoantes líquidas e róticas, podendo ser surda ou sonora dependendo do contexto em que aparecer. Elas podem ser, bilabiais [B], alveolares [r] ou uvulares [R] e, é definida por Leda Bisol (2010, p. 211) como:

[...] um som vibrante ocorre por pequenas oclusões produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula através da ação da corrente de ar. Os movimentos vibráteis são feitos pela ponta ou pelo dorso da língua, que bate repetidamente contra a arcada dentária superior, contra os alvéolos ou ainda contra o véu palatino.

Para Ladefoged e Maddison (1996), neste som há um articulador que vibra contra o outro produzindo uma vibração, mas não há ação muscular que controle essas vibrações.

Crystal (2000, p. 268) faz distinção entre as vibrantes simples e as vibrantes múltiplas [r]; aquela autora define as vibrantes múltiplas como “qualquer som feito por batidas rápidas de um órgão da articulação contra outro”; lembra que sem incluir vibração das cordas vocais e, as vibrantes simples como “qualquer som produzido por um único e rápido contato entre dois órgãos da articulação”, também excluindo vibração das cordas vocais. O autor enfatiza a diferença entre ambos pelo número de batidas efetuadas nos alvéolos.

Embora o modo de articulação vibrante possa produzir consoantes nos pontos já mencionados, Ladefoged e Maddieson (1996 *apud* BUENO, 2013) não incluem a vibrante bilabial [B] entre as róticas por se distribuírem nas línguas do mundo de forma restrita, em geral, acompanhando segmentos plosivos pré-nasalizado.

Em outras palavras, todos esses conceitos confirmam que a vibrante é o modo de articulação de consoantes produzidas com a ponta da língua ao bater rapidamente nos alvéolos ou nos dentes superiores. Em sendo apenas uma batida é denominada vibrante simples cujo contexto mais comum é em posição intervocálica, ocorrendo duas ou mais batidas seria a

⁹ Segundo Silva (2011), coda é termo adotado pela Fonologia Autossegmental para indicar a parte pós-vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal e pode ocorrer em final de palavra ou no meio de palavra.

vibrante múltipla cujo contexto mais comum é início de sílaba. Devendo-se observar que em posição intervocálica há distinção de oposição fonológica.

3.2.2 *Aproximante*

As aproximantes, embora se assemelhem a vogais, são classificadas como segmentos consonantais, uma vez que, se comportam de forma semelhante às consoantes de uma língua. Silva (2011, p. 62), assim as define “som produzido com a aproximação dos articuladores ativo e passivo, mas em que a aproximação não é suficiente para produzir obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar [...]”, por isso, não chega a constituir uma fricativa.

Para Ladefoged e Maddison (1996, p. 232), as róticas aproximantes se definem pelo fato de não haver contato entre os articuladores mas apenas uma aproximação entre eles. Aquele autor afirma haver alguns tipos de aproximantes que ocorrem em línguas do mundo, tais como aproximante alveolar que é comum no inglês britânico em posição pré-vocálica e a aproximante uvular que é mais comum no alemão em posições não iniciais (LADEFOGED; MADDISON, 1996, p. 233). Afirma também que as róticas aproximantes são bem comuns em diversas variedades do inglês americano.

Quanto à aproximante, observa-se, portanto, que seu modo de articulação é correspondente à ideia de seu nome, uma vez que o som se produz apenas pela aproximação dos articuladores, não chegando a promover uma obstrução, mas ainda assim, apresentando certa contrição que provoca turbulência na passagem do ar. Ocorrem em várias línguas do mundo, inclusive no PB, como por exemplo, a aproximante alveolar [ɹ]

3.2.3 *Tepe (tap)*¹⁰

O tepe tem como símbolo fonético [ɾ] e é classificado dentre as consoantes líquidas e róticas.

Ladefoged e Maddison (1996) definem o tepe como o som em que há breve contato entre os articuladores ao movimentar o articulador ativo em direção ao céu da boca, ou seja, envolve um movimento direto da ponta da língua para a região dental ou alveolar. Afirma

¹⁰ Câmara Jr. usa o termo vibrante simples, embora a rigor, o som em questão não seja realizado com esse modo de articulação.

ainda que o tepe (dental) é bem comum em posição intervocálica em várias variedades do espanhol, assim como, no inglês americano.

Cagliari (1981 *apud* BUENO, 2013), afirma que os tepes não devem ser confundidos nem com as vibrantes nem tão pouco com as oclusivas, considerando que diferentemente das vibrantes, ocorre uma única e rápida batida da língua contra os alvéolos dos dentes incisivos, e, em relação às oclusivas, os tepes têm uma duração bem menor do que a apresentada por aquelas.

Conclui-se que o tepe apresenta similaridade com a articulação das vibrantes, diferenciando-se pela quantidade de batidas entre os articuladores.

3.2.4 *Fricativas*

Segundo Crystal (2000, p. 123) os sons fricativos (ou espirantes), representados por [x, γ, h, fi], são realizados “quando dois órgãos se aproximam tanto que o ar que passa entre eles produz uma fricção audível”, podendo estes sons serem surdos ou sonoros. Dessa forma, as róticas fricativas também são produzidas por um estreitamento do canal fonador.

Ladefoged e Maddison (1996) definem as fricativas como sons que são produzidos a partir de uma aproximação entre os articuladores, gerando uma leve obstrução que se concretiza em uma leve fricção audível.

Considera-se, portanto, que os sons fricativos são realizados a partir da aproximação dos articuladores, gerando uma contração que produz um som audível. Podem se realizar em diversos pontos de articulação: nos lábios, em vários pontos da língua, na faringe e na glote. Dessas, ocorrem como róticas apenas as fricativas realizadas nos pontos de articulação: velar, uvular, faringal e glotal.

3.2.5 *Retroflexa*

De acordo com Ladefoged e Maddison (1996), o termo “retroflexo” foi usado para uma variedade de articulações diferentes que estão mais ligadas ao formato da língua e à região da superfície superior da boca. Acrescenta que uma articulação retroflexa implica no fato de que a extremidade da língua fica enrolada em algum ponto. (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 25). São exemplos de róticas retroflexas [ɻ] ,[ɻ], o r do inglês norte-americano e o erre caipira do Brasil.

Para Crystal (2000, p. 229), retroflexão também é

[...] termo usado na classificação fonética dos sons consonantais, com base em seu ponto de articulação. Refere-se aos sons feitos quando o ápice da língua está curvado para trás na direção da parte anterior do Palato duro – em outras palavras, logo atrás do Alvéolo [...].

Em vários autores pesquisados, incluindo Silva (2011, p. 196) e Callou e Leite (2000), entre os acima citados, todas convergem para definir retroflexão como aquela em que a língua se curva para trás tocando o palato.

3.3 Revisão dos estudos sobre as róticas no PB

Distinguem-se dois tipos principais de estudos que envolvem róticas no PB: (a) estudos dialetológicos, tais como, os de Nascentes e Amaral, assim como, as pesquisas para a organização dos atlas linguísticos¹¹ do Brasil; e (b) análises linguísticas de pioneiros como Câmara Jr. e análises sociolinguísticas, como Bisol, que focou a região sul, entre outros.

3.3.1 Estudos de cunho dialetológico

Objetivando uma compreensão maior dos fenômenos que poderiam surgir quando da comparação dos dados das cidades pesquisadas, optou-se por pesquisar também autores cujo foco incluísse as variações regionais e os fatores extralinguísticos que seriam determinantes da fala de determinada região. Por isso, buscaram-se referências importantes na dialetologia como Amaral, Callou e Leite, Nascentes e Rodrigues. É importante esclarecer que, apesar desses autores apontarem em seus estudos as diversas variáveis observadas, serão mencionadas apenas aquelas relacionados às róticas, por serem foco deste estudo.

¹¹ “Atlas linguístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico”. Cf. Brandão (1991, p. 25).

3.3.1.1 Amadeu Amaral

Amaral é considerado o primeiro dialetólogo brasileiro, uma vez que sua obra *O dialeto caipira* (1920), foi a primeira tentativa de descrição de um falar regional. Ele procura descrever o que denomina de “aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo”, buscando a compreensão do que intitula de dialeto caipira, que revela ser bastante característico da maioria da população, inclusive, estendendo-se à minoria culta. Esclarece que o caipirismo não se restringia à linguagem, mas “em todas as manifestações da nossa vida provinciana” (AMARAL, 1955, p. 41). Tenta justificar a ocorrência do falar caipira considerando aspectos étnico-linguísticos ligados à influência do falar africano no português europeu (PE) e no PB. Contudo, acreditava que esse falar seria transitório como se percebe em suas palavras: “Este dialeto caipira, acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve” (AMARAL, 1955, p. 42). Nesta obra, denota uma preocupação metodológica, frisando a seriedade na coleta de dados visando ser o mais fiel possível aos fenômenos observados no dialeto.

Em sua pesquisa, aborda aspectos fonéticos, lexicais, morfológicos e sintáticos. Dentre as questões fonéticas, observa o /r/ inter e pós-vocálico como em arara e carta que acredita ter valor línguo-palatal e guturalizado, enfatizando que este som caipira assemelha-se ao r inglês pós-vocálico. Relata que o “l” em final de sílaba se transforma em “r” como em *quarquer*, *paper*, *mér*, ou quando em grupos consonânticos como *craro*, *cumpreto*, *frô*, considera a troca como um vício de linguagem que ocorre em qualquer das classes sociais. Nas róticas observa a queda do *r* em final de palavras como em andar (*andá*), esquecer (*esquecê*) e subir (*subi*).

O autor não esclarece as áreas pesquisadas. Contudo, de acordo com Duarte (1976, p. 91 *apud* CASTRO, 2006), no artigo *Revisitando Amadeu Amaral*, as coletas devem ter ocorrido nas cidades de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos onde fez suas observações e de onde se originam seus informantes.

3.3.1.2 Antenor Nascentes

Em seus estudos, observando a autonomia do português do Brasil em relação ao do europeu, a qual acabou por constituir-se em diversos dialetos¹² como consequência de aspectos geográficos, étnicos e políticos, entre outros e, na tentativa de se obter clareza sobre os dialetos existentes no Brasil, Nascentes propõe estudar a variação linguística observada no país. Para tanto, percorre todo o Brasil “do Oiapoc ao Xuí” e, ainda, analisando propostas de tentativas dialetais anteriores de pesquisadores como Alfredo Rangel, Júlio Ribeiro, Maximino Maciel e Rodolfo Garcia, propõe uma divisão dialetal, após algumas tentativas e modificações da mesma, dividindo o falar brasileiro em seis subfalares reunidos em dois grupos denominados de Norte e Sul. Estabelece que os subfalares do grupo do Norte são dois, a saber:

[...] **o amazônico**, que abrande o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquíqui à serra do Estrondo, e **o nordestino**, que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba (NASCENTES, 1953, p. 25) (grifos meus).

Ao grupo do Sul, dividiu-o em quatro sub-falares, que são:

[...] **o baiano**, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos); **o fluminense**, abrangendo o Espírito Santo, o Estado do Rio, o Distrito Federal, Minas (mata e parte do Leste); **o mineiro** (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); **o sulista**, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso (NASCENTES, 1953, p. 25-26) (grifos meus).

Partindo desses seus estudos, Nascentes (1953) apresenta um mapa linguístico com sua proposta dialetal para o Brasil, conforme a Figura 2, a seguir:

¹² Ao termo dialeto, Nascentes observa que há que se considerar o tipo de conceito adotado para o mesmo; neste caso adota a definição proposta pelo dialetólogo português Leite de Vasconcelos que considera dialeto apenas como “diferenciações locais de uma língua” (Nascentes, 1953, p.12)



Figura 2 - Antenor Nascentes e a divisão dialetal do Brasil

.Fonte: Cardoso (s. d.).

Nascentes publica a obra *O linguajar carioca*, em 1922, na qual apresenta proposta de sua divisão dialetal dos falares brasileiros, e apresenta uma análise do falar carioca. Referindo-se ao falar carioca, declara que traça um estudo dialetológico da língua falada pelo povo e não da língua das classes cultas, considerando que nesta “lhe falta a naturalidade, a espontaneidade da língua popular” (NASCENTES, 1953, p. 14). O autor apresenta um panorama das diferenças observadas entre o PB e o PE, focando a fala “inculta” do carioca; Enfoca aspectos fonético-fonológicos e apresenta observações relacionadas às vogais, aos ditongos, aos hiatos, às consoantes denominadas simples, na qual afirma que o “R final tem pronúncia suave, leve realizada pela classe culta, enquanto os pedantes as pronunciam mais fortes, de forma exagerada.” Observa o que seria equivalente ao apagamento do *r* em final de

sílaba, exemplificando com *mar-má* e *lavar-lavá*, contudo, atribui o fenômeno ao uso desses termos pela classe inculta, observando que essa ocorrência deve-se ao negro tanto no Brasil como na América espanhola. Relata que este fenômeno é corrente no português de outros países como Portugal, Macau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, entre outros. (NASCENTES, 1953, p.51)

No que concerne aos grupos consonânticos, observa haver manutenção do *r* em sílabas tônicas e o seu desaparecimento nas átonas, exemplificando com *compadre* (*cumpade*), negro (*nego*). Afirma que no “Novo Mundo”, a oposição entre laterais e vibrantes tende ao enfraquecimento ou desaparecimento, o que, segundo ele, justificaria a substituição do “l” pelo “r” como em *bloco* (*broco*) e *plantar* (*prantá*). Observa que em algumas palavras ocorre a epêntese, como em *recruta* (*reculuta*) que apresenta a epêntese do *u*, desfazendo-se, assim, o grupo consonântico.

Nascentes (1953) observa também, outros fenômenos linguísticos, como a prótese, no caso o acréscimo do “a” diante de verbos que apresentem róticas em posição pré-vocálica como nos exemplos de *receber* (*arrecebê*) e *responder* (*arrespondê*).

Nesta obra o autor enfoca outras abordagens que não fonético-fonológicas, tais como, aspectos morfológicos, sintáticos e lexicais que envolvem o falar carioca.

O autor publica ainda obra relevante para os estudos dialetológicos, *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, no qual apresenta diretrizes metodológicas para elaboração de atlas linguísticos, sugerindo abordagens geo-linguísticas e a organização de atlas linguísticos regionais. Vários atlas linguísticos regionais já foram organizados e sua obra serve de parâmetro para pesquisadores ainda hoje.

3.3.1.3 Ada Natal Rodrigues

Ada Natal Rodrigues publicou o livro *O dialeto caipira na Região de Piracicaba*, em 1974, a partir dos resultados de sua pesquisa de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo (USP). A pesquisa foi realizada no período de 1971-1972 com vinte e oito informantes. A escolha da cidade deveu-se, entre outros fatores, ao fato de que “é considerada uma das regiões onde o Dialeto Caipira, mesmo na área urbana, teria grande vigor e por estar localizada na zona velha de colonização”, o que denota a preocupação da autora em pesquisar de fato o dialeto caipira e os fatos histórico-sociais que poderiam ter colaborado para sua formação.

As pesquisas realizadas por Ada Natal na década de 1970 corroboram dados levantados por Amaral na década de 1920, tais como, a troca do “l” pelo “r” como nos exemplos *perarta* para *peralta*, *sarto* para *salto*; a mudança do “l” pelo “r” em meio de sílaba e final de sílaba como em *arma* para *alma* e *paper* para *papel*. Esses fenômenos são aspectos pontuais do falar caipira.

Além das abordagens fonético-fonológicas, a autora aborda também aspectos morfossintáticos.

3.3.1.4 Yonne Leite e Dinah Callou

Callou e Leite escrevem a obra *Como falam os brasileiros* (2002), e apresentam, sobretudo, um panorama da variação linguística no Brasil, inclusive enfatizando fatores que dificultam a elaboração de altas linguísticas, entre eles o fato dos limites administrativos não coincidirem com os limites linguísticos (CALLOU; LEITE, 2002, p. 22). Contudo, lembram que tais fatores não impediram a concepção de que há “variantes delimitáveis”, afirmando que

[...] todo brasileiro é capaz de reconhecer, intuitivamente, um grande eixo divisório entre falares do “norte” e falares do “sul”: uma cadência do nortista e outra do sulista, vogais pretônicas abertas do nordestino e fechadas do sulista, o s sibilado do sulista em oposição ao chiante do carioca e o r rolado do gaúcho em oposição ao aspirado do carioca (CALLOU; LEITE, 2002, p. 20).

As autoras confirmam a tese que fatores extralinguísticos têm grande importância quando da análise de variações linguísticas, ao afirmarem que

[...] as divisões dialetais no Brasil são menos geográficas que socioculturais e de que as diferenças na maneira de falar são maiores num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto do que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural, originários de regiões distantes uma da outra (CALLOU; LEITE, 2002, p. 18).

Considerando fatores geográficos, Callou e Leite (2002, p. 31-32) exemplificam com a diferença de pronúncia do “r”, mencionando ser mais comum nos falares gaúcho e paulista a realização de vibrante anterior, ou como denominam, “r rolado”, considerada padrão ou mais conservadora, e, assim como, é comum a aspiração ou ausência do referido segmento, em final de infinitivos como *tomá(r)* e *fazê(r)*, consideradas realizações inovadoras. Apontam ainda fatores socioculturais como relevantes na diferença de tais pronúncias, como

por exemplo, o fato de, no Rio de Janeiro, ser nos subúrbios que se observa um percentual maior de aspiradas na fala culta, ou seja, mais inovadora e estável, em contraposição à de maior índice de preservação do “r” em finais de verbos. Observam que a Zona Sul é mais instável, ora apresentando realizações conservadoras, ora inovadoras no mesmo contexto. Por outro lado, na Zona Norte, embora apresente intercalação de ocorrências, revela realizações mais conservadoras, atribuindo este fato à possibilidade de se relacionar a uma área de ocupação antiga e tradicional.

As diferenças dialetais começam a se tornar evidentes, uma vez que as autoras relatam que segundo algumas opiniões, era possível relacionar a diferença de pronúncia entre o *r* do interior paulista e o do falar carioca com a imigração portuguesa, o que se acentuou a partir da metade do século XIX, sendo possível, por exemplo, que os baianos identificassem o sotaque fluminense “por ser bastante aportuguesado”.

Para as autoras a variação de pronúncia de determinados segmentos deve-se também às questões socioculturais e linguísticas advindas com a vinda da corte portuguesa para o Brasil que acabou por definir classes sociais diferentes como a escravagista e a capitalista, gerando uma distribuição urbana que refletia uma oposição linguística, caracterizando o falar carioca: o mais popular e o mais próximo do português europeu, conseqüentemente, evidenciando-se as diferenças de escolarização, inclusive, as existentes por questão de gênero.

Variações linguísticas são relatadas, considerando entre outros aspectos, os etários e os de gênero, uma vez que os fenômenos sociais interferem nos fenômenos linguísticos. As autoras exemplificam este fato, considerando que percentualmente as mulheres jovens “utilizam mais frequentemente a variante marcada e mais inovadora, apagando o *r* final nas formas verbais do infinitivo” (CALLOU; LEITE, 2002, p. 37), enquanto esse percentual de uso é menor em mulheres adultas acima de 36 anos, opondo-se à realidade de uso masculino que se mantém o mesmo nas várias faixas etárias. Contudo, alertam para o perigo de ser uma generalização sobre diferenças de gênero, considerando que as variações linguísticas ocorrem em simultaneidade com outros fatores, como os socioculturais, por isso, sugerem sempre que, em análises, se conjuguem diferentes áreas de observação, como por exemplo, a interação entre gênero/faixa etária que é relevante no processo de mudança linguística.

Quanto ao *r* pós-vocálico, as autoras consideram notória a tendência às variações dos fonemas, ocorrendo inclusive em várias línguas, “a posteriorização do ponto de articulação da consoante, acompanhada de um processo de enfraquecimento e perda, se em final de palavra” (CALLOU; LEITE, 2002, p. 43). Apontam as várias possibilidades de realização do *r*, tais como: uma vibrante ápico-alveolar como em *rato*, uma fricativa velar como em *carro* e uma

“mera aspiração” como em *carta*, ou ainda, a ausência do segmento como em *amor* e *cantar*, conforme mencionado anteriormente, a tendência ao apagamento dos segmentos na posição de final de palavra.

As autoras apontam as várias diferenças de realizações do *r* pós-vocálico, identificando, por exemplo, maior número de ocorrência de vibrantes simples em São Paulo e Porto Alegre do que no Rio, Salvador e Recife. Em relação à fricativa velar, Rio e Salvador já apresentam percentuais maiores que em São Paulo e Porto Alegre, sendo baixíssimo em Recife. Em relação à fricativa aspirada, há percentual alto em Recife, Rio e em Salvador, enquanto é baixíssimo em Porto Alegre e ausente em São Paulo. No contexto final de sílaba, como em *carta* ou *porto* observa-se a predominância do “r rolado” em Porto Alegre e do “r posterior” (fricativa velar) no Rio de Janeiro.

Considerando essas diferenças, entre outros aspectos, as autoras enfatizam que a pluralidade de falares deve-se aos contatos de diversos grupos étnicos e sociais com a nossa língua, o que, portanto, leva à objeção da existência de falares menos prestigiados, mais certos ou mais errados, melhores ou piores. Concluindo, portanto, que há apenas falares diferentes, caracterizados por questões socioculturais e histórico-linguísticas.

3.3.2 Análises linguísticas e sociolinguísticas

Nesta seção, apresenta-se menção a trabalhos e análises linguísticas discutidas por Câmara Jr., Callou e Leite, Bisol, Cagliari e Monaretto. É importante esclarecer que apesar dos autores apontarem em seus estudos as diversas variáveis observadas na língua, serão relatadas apenas aquelas relacionados ao fonema /r/¹³ por serem foco deste estudo.

3.3.2.1 Joaquim Mattoso Câmara Jr.

Em sua obra *Para o estudo da fonêmica portuguesa* publicada em 1953, Câmara Jr. apresenta uma descrição e análise dos fonemas da Língua Portuguesa. Descreve o sistema de consoantes constando de 19 no total e discute o problema da “líquida vibrante”, concluindo que a oposição /r/ forte versus /r/ brando só se verifica em posição intervocálica.

¹³ Observar que os fonemas /r/, assim como algumas palavras, ora aparecem entre barras (/), ora entre aspas (“”), ora em *script*, uma vez que buscou-se ser fiel ao uso adotado pelo autor em questão.

A respeito do sistema de consoantes, Câmara Jr. (2008) aponta que a consoante combinada à vogal silábica pode ser pré-vocálica ou pós-vocálica. É necessário observar a consoante pré-vocálica dentro de um vocábulo quando ela estiver entre vogais, uma vez que poderá determinar um enfraquecimento articulatório ou o aparecimento de alofones.

Sobre a noção de variantes ou alofones, Câmara Jr. (2008, p. 37) afirma que “um mesmo fonema pode variar amplamente, na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante”. Quando a variação se refere ao ambiente fonético é denominada de distribuição complementar como no exemplo dado pelo autor no /l/ português que, quando pré-vocálico é dental ou anterior, e quando pós-vocálico é posterior ou velar. Portanto, dois sons estão em distribuição complementar quando um som ocorre exclusivamente em um contexto e outro som ocorre exclusivamente em outro contexto, como por exemplo, as africadas alveolopalatais [tʃ, dʒ] que ocorrem antes de uma vogal alta [i] e [t,d] as oclusivas alveolares que ocorrem nos demais ambientes. Quando a variação for relacionada a peculiaridades do sujeito falante e, geralmente, a variações sociais e geográficas da língua, são denominadas de alofones livres como no caso do som de r em final de palavra no português [r,ɾ, h, ñ]. Câmara Jr. (2008,p. 39) afirma que exemplo de variante livre é o /r/ forte em português que pode ocorrer individualmente como /r/alveolar rolado (vibrante múltiplo) e /r/ velar próximo do “grasseyé” francês, ou seja, uvular.

Câmara Jr. (2008) considera inicialmente a existência de 18 fonemas consonantais, revendo sua posição, posteriormente, e considerando haver 19 consoantes, para tanto, discorre sobre a interpretação das vibrantes, considerando as duas líquidas vibrantes como fonemas distintos. No intuito de se evitar repetições, este tópico será analisado em capítulo específico.

Em sua obra *Estrutura da Língua Portuguesa*, Câmara Jr (2009, p. 51) faz uma análise e descrição do português brasileiro, enfocando as consoantes e afirmando que “as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis são as líquidas (mar, mal) e as fricativas não labiais (pasta, rasgo, folhas, etc.)”.

3.3.2.2 Dinah Callou e Yonne Leite

Segundo, Callou e Leite (2000), a língua é um processo dinâmico e, portanto, sujeito à variação. Percebe-se que cada falante apresenta uma variação no ato da fala. Em algumas regiões percebe-se uma variação homogênea de um determinado fenômeno fonológico, entre eles, há uma variação do fonema /r/. Em todo o Brasil há uma enorme diversidade nas

realizações das róticas, tais como: vibrante simples - tepe, vibrante múltipla –fricativa glotal, etc.

Em sua obra *Iniciação à fonética e à fonologia*, as autoras apresentam os principais conceitos postulados na fonética e na fonologia; descrevem, ainda, os fonemas do português apresentando interpretação do sistema fonológico como estatuto fonêmico das vogais nasais, das vogais assilábicas e da “vibrante R”, com exemplificações de atlas linguísticos.

Quanto às consoantes, as autoras lembram que não constituem centro de sílaba e sempre aparecem ao lado de vogais. Apresentam diferentes realizações em contextos diversos como em posição inicial, medial ou final.

Esclarecem que as consoantes líquidas (laterais e vibrantes) em posição pós-vocálica estão relacionadas com as semivogais ou vogais assilábicas, uma vez que aparecem na mesma posição: quando depois de vogal: “mar”; entre consoante que precede e vogal que se segue: “cravo” e entre duas vogais como em “raro”.

As autoras apresentam análise sobre as líquidas vibrantes cujas observações serão apresentadas em outra seção.

3.3.2.3 Cagliari

Na obra *Análise Fonológica* (1977), Cagliari apresenta uma introdução aos estudos da fonética e da fonologia, discutindo conceitos fundamentais à área tais como distribuição complementar, neutralização e variação livre; orienta como fazer uma boa análise fonológica, desde a orientação sobre símbolos usados na fonologia até como se fazer uma transcrição fonética; apresenta discussões sobre processos morfo-fonológicos. Apresenta, ainda, capítulo sobre variação linguística e análise fonológica, do Português.

Ao tratar de variação livre, exemplifica com elementos encontrados na mesma variedade dialetal como em “mar” que pode se realizar como [maɹ] ou [maɹ̃], “porta” podendo se realizar como [pɔɹta] ou [pɔɹ̃ta] e “fazer” que se realiza como [fazer] ou [fazeɹ]. Neste último exemplo, não trata da questão como apagamento do “r” em final de palavras, uma vez que analisa que a primeira realização de fazer ocorra em ambiente de fala mais formal e que a segunda, em ambiente mais informal ou em falas mais rápidas. Quanto à variação apresentada em mar e porta para [ɹ, ɹ̃, r] acredita que a escolha pelo uso de [ɹ, r] em detrimento a [ɹ̃], deva-se ao fato de o falante evitar pronúncias “estigmatizadas” como é o caso do som retroflexo (CAGLIARI, 1997, p. 36).

O autor afirma que, uma vez que, a variação nos sons da fala não se deve exclusivamente a fatores fonético-fonológicos, mas também a sociolinguísticos, que o que se chama de variantes livres, na verdade, são variantes sociolinguísticas, considerando haver fatores extra-fonológicos, tais como, etários, gênero, nível sociocultural, estilo individual e etc. Apoiado nisso, considera que em se tratando de variação linguística, podem haver focos distintos de análise, quer sejam, diacrônicos ou sincrônicos, e que as análises devem ser constituídas tanto do aspecto fonológico quanto da variação linguística a fim de evitar equívocos.

Quanto à oposição fonológica e neutralização, afirma haver no PB, em dialetos paulistas e outros, oposição entre /x/ e /r/ na posição intervocálica, e neutralização, em início de palavra, pela não ocorrência de /r/, exemplificando com as seguintes palavras: carro [kaxu] x caro [karu] e murro [muxu] x muro [muru].

3.3.2.4 Leda Bisol

Em sua obra *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro* (2010), Bisol reúne trabalhos de diferentes autores, além dos seus, sobre fonética e fonologia, teorias lineares e não lineares, nos quais se apresenta uma descrição dos elementos fonéticos/fonológicos constituintes da Língua Portuguesa. Neste sentido, há um capítulo especial às consoantes do português brasileiro, apresentando um inventário das mesmas e elencando as variantes do sistema consonantal.

Nesse livro, apresenta a visão gerativista de Lopez a respeito do sistema consonantal do PB, que traz algumas observações a respeito de róticas que podem ser verificadas na seção de ocorrência de róticos em posição de coda medial e final.

Considerando a análise de consoantes em posição final, Lopez (*apud* BISOL, 2010, p. 207) não concorda com a análise de Câmara Jr. sobre as líquidas em final de sílaba como um arquifonema /R/, uma vez que, segundo ele, são especificados como coronais, havendo na posição intervocálica alternância com “r”, exemplo: <mar>-<marear>.

Bisol (2010, p. 208) afirma que, como habitual no sistema de línguas naturais, as consoantes apresentam variabilidade no seu uso, e são denominadas de variantes de um fonema, uma vez que “possuem mais de uma forma com o mesmo significado”. De acordo com aquela autora, as variantes de um fonema, ocorrem devido tanto a fatores linguísticos,

quanto a extralinguísticos. Lembra que Câmara Jr. divide essas variantes em posicionais ou livres.

Segundo Bisol (2010, p. 208), as variantes que apresentam variações no PB são “l”, “s”, “r”, o “t” e o “d” diante de “i” e a nasal pós-vocálica. Quanto à variação do “r” este pode ser pronunciado como vibrante, fricativa velar, uvular e aspirada ou, como retroflexo.

Aquela autora também aborda a questão das vibrantes, analisando a visão de Câmara Jr. e de Lopez e sob a ótica de uma visão autossegmental. A questão das vibrantes será tratada em seção específica.

3.3.2.5 Monaretto

Monaretto (2000), em seus estudos sobre o português do Rio Grande do Sul, observa a ocorrência de apagamento da vibrante pós-vocálica, especialmente no infinitivo da maioria dos verbos. Afirma haver vários fatores que influenciam este fenômeno, desde aspectos morfológicos a fonológicos, incluindo fatores extralinguísticos como questões etárias, de estilo e de gênero, exemplificando com o fato de a maior parte dos apagamentos se dá em informantes jovens.

No artigo *O apagamento da vibrante pos-vocálica nas capitais do Sul do Brasil*, publicado na revista *Letras de Hoje*, Monaretto (2000 *apud* MEIRELLES, 2011, p. 35), observa em pesquisas realizadas em três capitais da Região Sul que este tipo de apagamento, ou processo de enfraquecimento da vibrante, estariam em processos de andamento diferenciados em Florianópolis e Porto Alegre, enquanto na primeira cidade já estaria em estágio final, na segunda, estaria em estágio bem anterior; afirma ainda que o referido apagamento seria favorecido por fatores tais como “vogal anterior precedente; posição não acentuada; verbos infinitivos ou final de palavra”.

Essa questão é controversa, Vegine (2009) afirma que Hora e Monaretto, em publicação de 2003, teriam concluído que as fricativas seriam uma das responsáveis pela atenuação ou desaparecimento do r, justificando-se por questões de origens históricas relacionadas a alteração gráfica de palavras, como em *corsaiu*>*corsário*.

Monaretto (1997) apresenta estudo sobre as vibrantes, que será tratado em seção específica.

3.3.3 Ocorrência de róticos em diferentes posições na sílaba no PB

De acordo com Câmara Jr. (*apud* BISOL, 2010, p. 202) a consoante manifesta diferenças articatórias dependendo da posição em que ocupe na palavra, seja ela, pré-vocálica, intervocálica ou pós-vocálica.

3.3.3.1 Em início de palavra

Parece haver consenso entre estudiosos que na posição pré-vocálica, onset absoluto, ocorre essencialmente a vibrante múltipla.

Bisol (2010, p. 212) afirma que apesar de as modalidades articatórias do r serem dependentes do dialeto e do contexto linguístico, constata que em algumas posições a ocorrência é bem definida, como por exemplo, na posição pré-vocálica em que há ocorrência da vibrante forte e isso independe da realização fonética, como se pode notar nos exemplos *rato* e *honra*.

3.3.3.2 Em coda: medial e final

A posição pós-vocálica é o contexto em que ocorre a maior variação. No Sul, por exemplo, Bisol (2010) observa que nesta posição há predomínio da vibrante simples em dialetos do sul, como por exemplo, em palavras como *carne* e *mar*.

De acordo com Lopez (*apud* BISOL, 2010, p. 213), “no português carioca, o /r/ em posição de final de sílaba é realizado como fricativa velar, representado por [x]”. Ainda segundo aquela autora, as consoantes finais, bem como as vogais finais, estão sujeitas a sândi¹⁴, opcionalmente. Antes de palavra iniciada por vogal, o /r/ é realizado como um tap apical, como no exemplo *mar azul* [ma'razuw]. Afirma ainda que em final de sílaba ou final de palavra está desobrigado da regra geral de assimilação de sonoridade consoante-consoante como se vê no exemplo *mar verde* [maɣ 'verdʒi].

¹⁴ Segundo Silva (2011), sândi é fenômeno fonológico que se aplica em formas justapostas e tem como motivação juntar ou agregar formas adjacentes.

Além do fato desta posição apresentar o maior número de variação de realizações de róticas, pesquisas têm apontado a ocorrência de um fenômeno nesta posição que consiste em uma tendência ao apagamento em posição pós-vocálica de coda final e, também, em coda medial, contudo, com menores ocorrências. Segundo Hora e Monaretto (2003, p. 113 *apud* SILVA, 2009, p. 77), essa grande variação deve-se ao fato de os segmentos da sílaba seguinte que ocupam posição de ataque serem, contextualmente, mais fortes. Assim sendo, o processo de assimilação, que é um processo de enfraquecimento, facilitaria o conseqüente apagamento ou não dessas consoantes. Levando-se em consideração ainda, o fato desses autores considerarem que a coda é posição fraca para as consoantes se comparada com a de ataque.

3.3.3.3 Em grupo consonântico

Os resultados de pesquisas e estudos sobre grupos consonânticos, têm apontado que nesta posição há registro apenas da vibrante simples.

Observa-se também que em algumas localidades, quando da enunciação de palavras que contém grupos consonânticos, há presença de alguns fenômenos, tais como aqueles em que a palavra *prato*, por exemplo, é articulada como “parato”, ou ainda naqueles, em que em palavras proparoxítonas, os falantes tendem a enunciá-las como paroxítonas, formando um grupo consonântico onde não existe, como por exemplo, na palavra *abóbora* que é enunciada como [a'bɔbrɐ]. Esses fenômenos estão mais ligados a questões de dificuldade na fala ou ainda relacionados a questões sociolinguísticas.

3.3.3.4 Em posição intervocálica

A posição intervocálica é a única que apresenta uma distinção fonológica em português.

De acordo com Bisol (2010, p. 203-205), as vibrantes somente se opõe em posição intervocálica como no exemplo de *ferre/ferre*, *erra/era*, *caro/carro* e *muro/murro*, e que há maior número de oposições na posição intervocálica e menor na posição pós-vocálica.

Considerando-se as conceituações apresentadas, percebe-se a riqueza da diversidade de realizações de róticas existentes no PB, verificando-se ainda a pluralidade de posições de ocorrência das mesmas, podendo ocorrer nas posições pré-vocálica, pós-vocálica e intervocálica e, na formação de grupos consonânticos. No PB há registro basicamente de vibrante múltipla em posição de coda absoluta. Em posição pós-vocálica, nas codas medial e final há grande variedade de realizações, inclusive regionais que podem, também, conferir tendência a ocorrências de sândi e de apagamento. Na posição intervocálica há uma predominância da vibrante simples, e é a posição em que ocorre oposição fonológica.

Há comentários a respeito da distinção fonológica na seção das vibrantes, e o tema será retomado na seção O caso das vibrantes.

3.3.4 Resultados e considerações

A seguir, apresenta-se um apanhado das realizações de róticas mais comuns no PB, considerando a posição de ocorrência, conforme dados constantes nos trabalhos examinados.

Quadro 1 - Ocorrências de róticas no PB

RÓTICAS POSIÇÕES	Vibrante		Aproximante	Retroflexa		Fricativa		
	Simples [r]	Múltipla [r]	Alveolar [ɹ]	Aproximante [ɻ]	Tepe [ɽ]	Velar su [x]	Velar so [ɣ]	Glotal [h]
Início de palavra		X						
Coda medial	X			X		X	X	
Coda final	X			X			X	
Grupo consonântico	X							
Intervocálica	X							

Onde: Final de sílaba – X.

Nestes trabalhos, foram observados também pontos relevantes sobre as róticas, tais como: (a) a ocorrência em grupos consonânticos, somente, da vibrante simples; (b) o fato de em posição intervocálica, as róticas distinguirem oposição fonológica (era/erra, caro/carro); (c) o fato de haver uma tendência ao apagamento dos erres em posição de coda medial e final; (d) Segundo Bisol, ser predominante no Rio Grande do Sul a vibrante simples em coda medial e final; (e) Segundo Lopez, ocorrer fricativa velar surda (x) em final de sílaba no Rio de Janeiro; e segundo o mesmo autor, (f) as róticas em final de palavra, estarem sujeitas a sândi quando a próxima palavra se iniciar por vogal como em [ma'razuw] (LOPEZ *apud* BISOL, 2010).

De acordo com os dados de Meirelles (2011, p. 197) no que diz respeito à ocorrência de róticas no português gaúcho, as que ocorreram em mais contextos foram as vibrantes simples [r] e as fricativas glotais [h]. Afirma ainda, que do ponto de vista fonológico, há ocorrência de r-fraco e r-forte, observando-se neutralização em posição inicial.

Estudos sobre o PB também apontam para o apagamento das vibrantes, Monaretto, (2000 *apud* MEIRELLES, 2011) aponta apagamentos da vibrante pós-vocálica em capitais da Região Sul e afirma que há fatores linguísticos que favorecem esse apagamento, tais como, vogal anterior precedente, posição não acentuada, verbos infinitivos e posição de final de palavras. Estudos de Callou e Leite (2000) sobre as vibrantes em estado da Região Sul apontam uma tendência dessa queda em quase todos os dialetos e com maior incidência em verbos do infinitivo.

Câmara Jr. (*apud* BISOL, 2010, p. 212) também observa que a vibrante sofre um processo diacrônico de mudança do ponto de articulação de anterior para posterior, ou seja, a pronúncia da vibrante apical em substituição à vibrante posterior. O autor acredita que essa mudança começa a surgir no final do século passado em que se observam as pronúncias uvular [R] e velar [x] para o r-forte que anteriormente era somente articulado como vibrante alveolar [r]. Há evidências de que no PE, no final do século XIX, há o aparecimento da vibrante uvular em Lisboa, como pronúncia vulgar e a observância, em 1883, do surgimento de “r” entre os jovens como fricativa sonora [ɣ].

Lopez (*apud* BISOL, 2010, p. 205) afirma que a vibrante no português carioca é representada pela velar fricativa [x].

Segundo Ladefoged (1996 *apud* BUENO, 2013) as fricativas mais comuns no PB se realizam como velares e glotais, sonoras. Sendo representados da seguinte forma: a fricativa velar surda [x] e a sonora [ɣ], som produzido a partir da aproximação da língua com o palato mole; e o fricativo glotal surdo [h] e sonoro [ɦ], som produzido na glote.

Callou e Leite (*apud* BUENO, 2013) afirmam que devido a um processo diacrônico da língua, as vibrantes vêm sendo substituídas pelas fricativas no PB. E, segundo Silva (*apud* BUENO, 2013), as fricativas nas diversas variedades do PB estão condicionadas a variações sociais, estilísticas e geográficas.

3.3.5 Aspectos terminológicos, fonéticos-fonológicos das róticas no PB

3.3.5.1 Os termos r-fraco e r-forte

Na literatura sobre descrição das consoantes do PB há variação de nomenclatura para alguns sons do “r”, tais como, r-brando, r-fraco, r-simples, r-forte, r-rolado, r-múltiplo e etc.

No Brasil, as vibrantes são mencionadas frequentemente por diversos autores, do ponto de vista fonológico, como /r/brando para as vibrantes simples e /r/forte para as vibrantes múltiplas. Câmara Jr., por exemplo, adota essa terminologia e apresenta questionamento se há ocorrência apenas de um fonema ou dois.

Vale notar, que Paul Teyssier, em sua obra *História da Língua Portuguesa* (1982), afirma que no PE sempre houve oposição fonológica entre /r/brando e /r/forte em posição fonológica. Afirma que tanto em um quanto em outro o ponto de articulação era apical com uma batida da língua para /r/branco e várias batidas para /r/forte, mas que durante o século XIX, aparece, para o r/forte/ uma articulação uvular bem semelhante ao /r/ francês, enquanto o /r/branco manteve sua articulação apical. Daí, conclui-se que o /r/ vibrante chega ao PB provindo do português europeu (TEYSSIER, 1997, p. 54). No séc. XVI, no PE, observa-se o desaparecimento das vibrantes finais e no português brasileiro em fins do século XIX.

Nos estudos sobre as róticas, há grande incidência do uso dos termos r-fraco e r-forte, contudo, não há clareza quanto à sua interpretação, considerando sua indicação ora referindo-se ao sentido fonético, ora referindo-se ao sentido fonológico. Bueno (2013) apresenta uma discussão sobre o uso desses termos e analisa o status fonológico das róticas. Afirma que em relação ao r-fraco parece não haver maiores problemas de interpretação quer seja fonética ou fonologicamente, uma vez que, no PB o r-fraco comumente é realizado por

um tepe, ocupando, basicamente, posições em grupos consonânticos ou em posição intervocálica, neste caso podendo indicar oposição fonológica. Contudo, no caso do r-forte, considerando a variabilidade de suas realizações no PB, o uso do termo gera falta de clareza e compreensão, no sentido de ser usado como termo fonético ou fonológico. Além disso, os segmentos que correspondem ao fonema r-forte, como argumenta Bueno (2013, p. 9), “na verdade, se realizam fracos ou nem se realizam, como se verifica com os fricativos aspirados que são apagados na posição de coda final dos verbos infinitivos”. Sendo assim, Bueno conclui que os termos r-fraco e r-forte não devam ser tratados fora do contexto fonológico, a fim de evitar dúvidas para os leitores.

Câmara Jr. (2009, p. 50) adota os termos r-brando e r-forte e explica que o fonema /r/ em sendo uma vibrante a língua vibra; no caso do r-brando vibra somente uma vez junto aos dentes superiores e, no caso do r-forte, há ocorrência de vibração múltipla.

Aquele autor ainda afirma que esse fonema ocorre em diferentes posições da sílaba: o r-forte, só ocorre em posição inicial e entre consoante e vogal, como em *Israel, rato, guelra* e, por outro lado, o r-brando só parece entre vogais, e costuma aparecer depois de ditongo como em *Laura, eira, europeu* (CAMARA Jr., 2009, p. 52).

Afirma, ainda, que depois de uma sílaba nasal, o “r” pré-vocálico nunca se realizará como intervocálico ou r-brando como em *honra, genro*, realizando-se como r-forte como em *guelra, Israel*.

A respeito do r-brando, Câmara Jr. (2009, p. 46) relata que sua ocorrência se restringe entre vogais, ou seja, na posição intervocálica, e que nestes casos pode criar uma oposição com r-forte, como em: “*era e erra, caro e carro, coro e corro*”. Concluindo-se, conseqüentemente, que em posição não intervocálica há uma neutralização das oposições r-forte x r-brando, o que se justifica por não haver ocorrência de r-brando em posição não intervocálica.

Para representar essa neutralização, o autor postula a existência de um arquifonema, representando-o por |R|.

Para Bisol (2010, p. 211), o /r/ forte é chamado também de vibrante múltipla e pertence a categoria das líquidas.¹⁵

¹⁵ A classe das consoantes líquidas inclui as consoantes laterais [l, ʎ, ʎ] e os róticos [r, r, x, ɣ, h, f, ʎ].

3.3.5.2 Interpretação das vibrantes

Há divergência entre os autores sobre a interpretação fonológica das vibrantes. Existem pesquisadores que defendem hipóteses da existência de apenas um fonema como r-fraco, outros como um fonema r-forte e outros ainda, consideram a existência dos dois: r-forte e r-fraco.

A primeira proposta do status fonológico das róticas seria a da existência de somente um fonema representado pelo r-forte, com várias realizações fonéticas. Entre os estudiosos que defendem esta hipótese, tem-se Câmara e Wetzels.

Na 1ª edição da obra *Para o estudo da fonêmica portuguesa* (1953), Câmara Jr., ao descrever o sistema de consoantes do PB considera a existência de somente 18 fonemas consonantais, uma vez que considerava o r-brando correspondente ao “enfraquecimento do /r/simples latino, em consequência da oposição intervocálica” (BISOL, 2010, p. 214) considerando-o um “mero alofone de posição intervocálica”. Posteriormente, em sua 2ª edição (2008, p. 80), revê este conceito por considerá-lo distante da realidade fonética, declarando “*prefiro admitir uma oposição restringida à oposição intervocálica entre /r/ brando e /r/ forte*”. Em decorrência dessa correção, considera dezenove fonemas consonantais, pois, inclui as duas líquidas vibrantes como fonemas distintos, conforme explicitado em seu “prefácio à segunda edição” da referida obra.

Câmara Jr (2008, p. 77) afirma que /r/brando entre vogais contrasta com /r/forte, a exemplo de: “*caro - carro; era - erra; mira - mirra*”. O autor observa duas soluções para o contraste: uma fonêmica e outra fonética.

Na visão fonêmica devem-se distinguir dois fonemas vibrantes em português: os que contrastam em posição intervocálica e os que em posição inicial funcionam como arquifonema, realizando-se, neste caso, com o mesmo som do /r/ forte intervocálico.

Na visão fonética, por apresentar um número maior de vibrações o /r/ forte pode ser uma espécie de variante do /r/brando, ou seja, nas palavras do autor “*um aspecto especial do /r/brando*”, ou ainda, pode ser chamado de /r/ múltiplo de acordo com o autor Gonçalves Viana (apud CÂMARA Jr., 2008, p. 77). Contudo, Câmara Jr., adverte que não se pode considerar o r-fraco como o fonema básico, argumentando a partir de análises a respeito das consoantes latinas, se a oposição existente em *ferum* (feroz) x *ferrum* (ferro) se trataria de um contraste em /r/ longo ou múltiplo com /r/simples ou se seria uma questão de gemação.

O autor analisa os fatores que teriam motivado tais diferenças e conclui que o caso do /r/brando se justifica pelo enfraquecimento em posição intervocálica do /r/ simples latino. Ao passo que no caso do /r/ múltiplo, em contraposição ao /r/ simples, foi mantido o prolongamento do /r/ latino, em posição inicial ou medial não intervocálica, como nas consoantes geminadas, o que justificaria a ocorrência do /r/ múltiplo nos seguintes exemplos: rei, Israel, genro e erra (CAMARA Jr., 2008, p. 78).

Câmara Jr. (2008) observa que não se pode ter apenas uma análise diacrônica dessa questão, mas deve-se também fazer uma análise sincrônica. Inclusive, julga importante este tipo de análise para se justificar o contraste dos /r/ brando e /r/ forte em posição intervocálica, apoiando-se na comprovação ou não de uma gemação do /r/ forte nesta posição.

Baseia sua análise em alguns pontos como: (a) constata que não existe /r/ brando em posição inicial ou medial não-intervocálica, o que o caracteriza como oposição de fonemas distintos. (b) deve-se observar a regra, ainda existente no português, da “anulação fonética do primeiro elemento de uma gemação consonântica” (CÂMARA Jr., 2008, p. 79). A observação dessa regra justifica a forma de vários fonemas existentes hoje como a simplificação de /ll/, saídos de /rl/, a passagem de /ss/ a /s/; ou ainda, nos casos de delimitação fonética, a persistência fonética do primeiro membro de uma gemação, como por exemplo, o som sibilante final em contato com /s/ ou /z/ inicial como no exemplo “paz sólida” /pas'sò'lida/, o que justificaria o caso da delimitação vocabular do /r/ pós-vocálico em *ar roxo* para *arrocho* mantendo-se o /r/ forte.

O próprio Câmara Jr. (2008) acredita que partir da análise explicitada em (b) não responderia satisfatoriamente a todas as questões fonéticas sobre o tema, por isso, estabelece que o quadro de consoantes deva constar de dezenove, considerando as líquidas vibrantes como dois fonemas em posição intervocálica, um brando e um forte, ainda que o /r/brando possa ser considerado como enfraquecimento historicamente.

Conclui, então, que as líquidas vibrantes devem ser consideradas como dois fonemas em posição intervocálica, a saber, /r/ brando e /r/ forte, apresentando o último uma variação livre como velar, substituindo facultativamente a vibração anterior múltipla.

Câmara Jr (1984, p. 15 *apud* BISOL, 2010, p. 212), a respeito do dialeto carioca, apresenta quatro realizações do /r/ forte “uma vibração múltipla da língua junto a arcada dentária superior; ou uma vibração do dorso da língua junto ao véu palatino; ou uma tremulação da úvula; ou apenas uma forte fricção de ar na parte superior da faringe”. Constatando que o uso dessas modalidades articulatórias não altera a forma linguística, havendo, somente, um só r-forte.

Bisol (2010, p. 215) afirma que nas primeiras conclusões de Câmara Jr, este defendia a ideia da existência de uma só vibrante e que o r-brando seria uma variante enfraquecida. E que, ao rever sua posição, com base na fonética, afirma não haver qualquer geminação, existindo, portanto, duas vibrantes que se opõem entre vogais, neutralizando-se nas outras posições.

Bisol (2010) afirma que os dialetos e os contextos linguísticos influem nas modalidades articulatórias do *r*. No caso da posição pré-vocálica, como em “*rato e honra*”, independentemente da realização fonética, sempre ocorrerá vibrante forte. Em posição pós-vocálica há predomínio da vibrante simples, nos dialetos do Sul, configurando-se como contexto de maior realização; em grupo consonântico, como em “*prato*”, há exclusividade da vibrante simples e, na posição intervocálica, há distinção de significados, ocorrendo em oposição fonológica, como em “*caro/carro, era/erra, muro/murro*” (BISOL, 2010, p. 212).

Bisol apresenta a interpretação de Câmara Jr. corroborando a análise do mesmo.

Wetzels (1995 *apud* OLIVEIRA; LAMPRECHT, s. d.) também defende a proposta do r-forte na adjacência considerando a integração dos “r”s na matriz fonológica de mais aceitação na teoria, por haver a presença do r-forte no léxico. Justifica essa proposta considerando as análises de que o r-forte passa a r-fraco em duas situações: quando na posição de segundo elemento de sílaba CCV e quando em ambiente intervocálico.

A segunda proposta do status fonológico das róticas seria a da existência de somente um fonema na subjacência representado pelo r-fraco, realizado predominantemente como tepe. De acordo com Bisol (2010), entre os estudiosos que defendem esta hipótese, tem-se Lopez e Monaretto.

Bisol (2010, p. 215) analisa a interpretação de Lopez, sobre as vibrantes, que concorda com Câmara Jr. sobre a existência de um só fonema vibrante na estrutura subjacente, mas ao contrário deste, considera-o uma vibrante simples, apresentando os seguintes argumentos: (a) somente a vibrante simples ocorre em posição final de palavra, apesar de, foneticamente, ser possível a ocorrência tanto da vibrante forte como da fraca, como em *mar*: [max] e [mar]. Isso se comprova, acrescentando-se um morfema de plural ou derivativo, como nos exemplos (*mar, mares, marítimo*) na qual se percebe apenas a ocorrência da vibrante simples; (b) considerando que os ambientes fonéticos de *carro* e *mar+es* são o mesmo (V_V), reforçaria a hipótese de ser o mesmo fonema em ambos os casos; (c) partindo da premissa que no PB há coincidência de ocorrência dos segmentos que ocorrem em final de palavra e em final de sílaba, supondo que sejam os casos de /r/ e /x/, então só ocorreria t/ em posição final; (d) o fato de no segundo elemento do grupo

consonantal só corre /r/ brando; (e) em palavras com o prefixo *in*, como em *in + regular* > irregular, ocorre a presença de vibrante forte ao invés de branda, justificando-se pelo fato de o /n/ assimilar a consoante inicial da raiz (*ir + r*), o que resultaria em dois *rr* brandos, resultando em um forte [x]. A autora, pondera que em *carro* o [x] intervocálico pode ser uma derivação do mesmo processo, analisando que “o segundo *r* é fonemicamente /r/ e o primeiro, por assimilação também é /r/, formando a geminada /rr/, que é foneticamente [x]” (BISOL, 2010, p. 216). A partir dessas análises, conclui que o/r/ brando é o fonema que se encontra em todos os ambientes linguísticos, sendo [x] mero alofone, reflexo de uma geminada entre vogais.

Bisol (2010, p. 220) apresenta ainda uma visão autosssegmental da interpretação da vibrante, focando a análise de Monaretto, em que afirma:

Portanto, de acordo com essa análise, a vibrante é representada na estrutura subjacente apenas por uma unidade fonológica, o r-fraco, que o sistema interpreta como r-forte, se tiver linhas duplas de associação, e como r-fraco propriamente nas demais posições, coda e grupo, em que se apresenta com ligação simples. No início de palavra, por uma regra particular, ele se converte em r-forte.

Monaretto (*apud* MEIRELLES, 2011, p. 194) declara haver apenas um fonema vibrante que seria a vibrante alveolar simples [r] ou tepe, considerando que as vibrantes simples e múltiplas seriam variantes de um mesmo fonema, de acordo com os dados pesquisados por ela sobre estados do Sul.

A terceira proposta do status fonológico das róticas seria a da existência de dois fonemas na subjacência: o r-fraco e o r-forte. Segundo Oliveira e Lamprecht (s. d.), Bonnet e Mascaró (1996) e Miranda (1996, 2003), defendem esta hipótese. As autoras afirmam que Bonnet e Mascaró fazem suas análises a partir da Escala de Soância, apoiado no Ciclo de Soância (Clements, 1990), que estabelece a preferência de um perfil de soância que “é uma sílaba na qual o grau de soância aumenta maximamente do *onset* para o núcleo e, diminui minimamente do núcleo para a coda” (BISOL, 2010, p. 218). As autoras apresentam a Escala de Soância: obstruintes<fricativas e /R/<nasais<laterais<glides e /r/<vogais e a explicam da seguinte forma:

O r-fraco assim como o glide e a lateral, possui um maior índice de soância e, por isso, pode ocupar o lugar de segundo elemento de uma sílaba CCV, explicando a distribuição de róticas no PB. Nos casos em que há contraste, ou seja, onde o r-forte e o r-fraco são distintos os autores postulam a presença de um traço [a] ligado às róticas. Na subjacência o r-forte possui o valor não marcado para [a], enquanto o r-fraco possui o valor [+a] (OLIVEIRA; LAMPRECHT, s. d.).

Callou e Leite (2000, p. 72-74), ao fazerem sua análise de interpretação da vibrante, afirmam que há oposição fonológica em dois tipos de *r*, apenas em posição intervocálica, “(careta:carreta, tora:torra)” da seguinte forma, embora ocorram em muitos outros contextos, conforme explicitam as autoras textualmente: (i) Inicial [pré-vocálica]: (rato, roupa); (ii) final de sílaba no meio da palavra [pós-vocálico]: (corta, mergulho); (iii) final de palavra (bilhar, chegar) [pós vocálico]: (a) seguida de pausa (final absoluto) : mar, ver; (b) seguida de consoante : mar forte, ver bem; (c) seguida de vogal: mar alto, ver o livro; e (iv) como segundo elemento de grupo consonântico [pré-vocálico]: (prato, praia).

Mateus (1975 *apud* CALLOU; LEITE, 2000, p. 75) também acredita que haja duas vibrantes na matriz fonológica para o português de Portugal.

Callou e Leite (2000, p. 75) julgam extremamente necessário interpretar a vibrante levando-se em conta as realizações fonéticas, a fim de se evidenciar as características de cada um dos fonemas *r*, definindo o *r* fraco assim:

O chamado *r* fraco realiza-se quase sempre como vibrante apical simples, um tepe alveolar sonoro, embora possa apresentar uma realização retroflexa – como o seu correspondente forte – que caracteriza o chamado dialeto caipira.

Quanto ao *r* forte apresenta variação mais ampla na sua realização e, que no falar carioca, apresenta as seguintes variantes:

[...] 1) vibrante múltipla anterior ápico-alveolar sonora [...]; 2) vibrante múltipla posterior-uvular, [...]; 3) fricativa velar surda [...], e 4) fricativa laríngea ou glotal (aspiração) surda. No final de palavra, pode ainda reduzir-se a zero fonético ou realizar-se como vibrante simples [r] quando a palavra seguinte começa por vogal (CALLOU; LEITE, 2000, p. 75).

As autoras concluem que se existirem duas vibrantes no PB, haverá oposição fonológica em posição intervocálica, havendo neutralização em outros ambientes, conforme justificam:

[...] em posição inicial só ocorre o *r* forte (múltiplo), como segundo elemento de grupo consonântico ocorre de preferência o *r* fraco (simples) e em posição pós-vocálica pode ocorrer ou outro (CALLOU; LEITE, 2000, p. 75).

Nas pesquisas realizadas, apesar de não haver consenso, verifica-se que a maioria dos autores acredita haver um único fonema na subjacência, como Monaretto (*apud* BISOL, 2010, p. 216) que também admite a existência de um só fonema na estrutura, concordando com Lopez que considera ser a vibrante branda, contudo, opondo-se à Câmara Jr (*apud* BISOL, p. 213) que o considera como vibrante forte. Enquanto há outros estudiosos, que conforme a segunda análise de Câmara Jr. (*apud* BISOL, p. 216-220), defendem a existência de dois fonemas: o r-fraco e o r-forte em posição intervocálica.

3.4 Análises sociolinguísticas

Nesta seção pretende-se apresentar as análises que enfocam as variantes encontradas na realização das róticas no PB, objetivando organizar um panorama nacional.

3.4.1 Variantes regionais

Embora considere, com Callou e Leite (2000, p. 42-43), que “o tipo de variação que os linguistas chamavam, tradicionalmente, variação livre, era explicado como decorrente de características individuais do falante, independente de qualquer fator condicional” e adote a visão de Labov (1969 *apud* CALLOU; LEITE, 2000), segundo a qual a variação supostamente livre “é sempre determinada por fatores extra-e-intra-linguísticos de forma predizível e existe até no nível do idioleto”, apresento as variantes regionais nesta seção de acordo com os termos utilizados pelos diferentes autores das obras aqui resenhadas.

No PB existem algumas consoantes que podem apresentar variabilidade no seu uso, motivadas por fatores como o ambiente fonético em que se encontram ou por fatores extralinguísticos, geográficos ou sociais. Para Bisol (2010, p. 208), as variantes de um fonema são “elementos que possuem mais de uma forma com o mesmo significado”. Por outro lado, para Câmara Jr. (1981, p. 239), variação é “consequência da propriedade da língua de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso” e esclarece existirem dois tipos de variantes de fonema na Língua Portuguesa: as posicionais e as livres. As posicionais que “se impõem pela posição na sílaba ou no vocábulo, através de assimilação de traços dos sons vizinhos” e livres que “ocorrem de acordo com a comunidade que as usa, típicas de um grupo social ou regional” (CAMARA Jr., 1977, p. 45). Quanto às variantes livres afirma (CAMARA Jr., 2009, p. 35), que ocorrem “quando os falantes da língua divergem na

articulação do mesmo fonema ou um mesmo falante muda a articulação conforme o registro em que fala”, como no caso dos alofones do /r/ forte que afirma:

[...] que pode ser uma vibração prolongada da ponta da língua junto aos dentes superiores (“r” múltiplo), ou uma vibração da língua junto ao véu palatino (“r” velar), ou uma vibração da úvula, na parte extrema do véu palatino (“r” uvular), ou uma forte fricção da faringe (“r” fricativo não lingual, foneticamente semelhante ao /h/ aspirado inglês, onde simplesmente não há na faringe nenhuma fricção) (CÂMARA Jr., 1977, p. 45).

O autor afirma que no caso dos alofones, variantes livres, são, analisando diacronicamente, mudanças fonológicas em andamento, e que no caso do r-forte é um indicativo de processo de mudança da articulação anterior (parte anterior da boca, junto aos dentes) para uma articulação posterior (parte posterior da boca, a partir do véu palatino). O autor afirma que estas mudanças fonológicas são parte de um processo em andamento ainda não terminado (CÂMARA JR., 1970, p. 27).

As chamadas variantes facultativas ou elementos linguísticos individuais, como por exemplo, o r-forte velar, caracterizam um grupo regional, social ou até mesmo um estilo individual que podem ser indícios de um estilo (CÂMARA Jr., 2008, p. 41). Câmara Jr. (2008) chama a atenção para a enunciação do r-forte que embora possa ser um estilo pessoal, é também uma variante facultativa local ou regional.

Para Leda Bisol (2010), a ocorrência de variáveis ocorre de acordo com a fala de uma determinada comunidade. Para ela, as consoantes variáveis do português brasileiro são o “l” pós-vocálico, o “s” pós-vocálico, o “t” e o “d” diante de “i”, a nasal pós-vocálica e o “r”, que pode ser pronunciado como vibrante, fricativa velar, uvular e aspirada, ou como vibrante simples, ou ainda, como um som retroflexo. Ela nota, por exemplo, que a vibrante tem um número grande de realizações fonéticas em diferentes dialetos do PB, e que no Estado do Rio de Janeiro “predomina a realização forte na posição pós-vocálica com as seguintes variantes: vibrante múltipla, anterior, apicoalveolar, sonora; vibrante múltipla, posterior-uvular; fricativa velar, surda e fricativa laríngea ou glotal surda, zero fonético e vibrante simples, quando a palavra seguinte começar por vogal”.

Bisol (2010) relata que a partir de estudos realizados por Callou, Moraes e Leite (1994) a respeito do /r/ pós-vocálico na fala culta das capitais Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, observando distribuição de áreas de ocorrência, nota-se que nas cidades de Porto Alegre e São Paulo, há uma maior frequência da vibrante apical simples em oposição aos resultados encontrados no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, por outro lado,

nestas últimas cidades há frequência inferior de /r/ fricativo velar e aspirado. Observa-se ainda que nas cidades de Salvador e Recife há ausência absoluta de vibrante apical múltipla e que a aproximante retroflexa é restrita às cidades de Porto Alegre e São Paulo. Posteriormente, em 1998, esses mesmos autores analisaram o enfraquecimento do R em posição final. A coleta de dados foi efetuada em três fases: a primeira, com sessenta e seis informantes na década de 1970; a segunda e a terceira, gravadas entre 1992-1996, sendo, a segunda, com novo contato de dez informantes constantes na primeira coleta e, a terceira, com dezoito informantes. Os autores constataram que “o apagamento do R final é um caso de mudança de baixo para cima, que já atingiu seu limite e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social” (*apud* BISOL, 2010, p. 210). Esta pesquisa apontou que as vibrantes tendem a ser mais apagadas pelos homens nas classes dos verbos e que as mulheres apresentam uma mudança em progresso, não somente nos verbos, mas nas demais classes de palavras.

Bisol (2010) observa a partir dos estudos de Marquardt (1977) e de Monaretto (1992, 1977) a respeito do dialeto do Rio Grande do Sul, a predominância da vibrante múltipla alveolar. Deve-se notar que essa predominância é bastante comum nos estados da região sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, justamente onde há predomínio da imigração europeia, sendo o referido som, típico dessas línguas.

Callou e Leite (2002, p. 59-60), ao analisar a divisão dialetal de Nascentes, que divide os falares em dois grandes grupos: norte e sul, subdividindo-o em subfalares, observam não haver, necessariamente, correspondência entre limitações geográficas e comportamento linguístico de alguns falares, como apontam:

[...] Recife, por exemplo, incluída na região Nordeste, aproxima-se, muitas vezes, mais de Porto Alegre que de Salvador. O Rio de Janeiro, cujo dialeto é considerado o “padrão médio” em relação aos falares brasileiro e é incluído, segundo Nascentes, entre os dialetos do Sul, apresenta realizações que ora o aproximam de Salvador e Recife, como no caso do r, ora apenas de Recife, como no caso do s. O falar do Rio de Janeiro, pois, ora se liga aos falares do Sul, ora aos do Nordeste, ora ocupa uma posição intermediária.

Observando as pesquisas realizadas, nota-se que há variantes regionais que apresentam fenômenos que são de abrangência geral do PB, como a queda do /r/ em final de palavras que parece ser uma tendência em várias regiões do país; enquanto há outros aspectos que se restringem a determinados espaços geográficos, como no chamado “dialeto caipira” no qual se observa sua ocorrência restrita a determinadas localidades do país, como se verá na seção seguinte.

3.4.2 O dialeto caipira

O dialeto caipira, ainda hoje alvo de preconceito linguístico, está presente em algumas regiões brasileiras. Meirelles (2011) aponta haver vários aspectos que denotam o falar caipira, tais como: a duração de tempo da emissão das vogais, a inexistência do som palatal, o uso indistinto de [b] e [v] e, entre eles, aspectos que envolvem o “r” que é o foco desta pesquisa, tais como, a ocorrência de rotacismo em final de sílaba, e queda do fonema “r” em final de palavra; O “r” em final de palavra no dialeto caipira, é realizado tipicamente por sons retroflexos, e, segundo Amaral (1955) é semelhante ao *r* inglês pós-vocálico. O chamado “r caipira” chama muita atenção pelo fato de ser tão diferente das realizações encontradas na maior parte do país. Para entendê-lo melhor, buscou-se relatar hipóteses a respeito de seu surgimento.

Há inúmeras hipóteses sobre o surgimento do chamado “r caipira” ou rótica retroflexa no PB. Segundo Almeida, “os indígenas habitantes do Brasil não pronunciavam o R forte (vibrante), mas em contato com os portugueses surge o bilinguismo luso-tupi, surgindo modificações no tupi começando a surgir o retroflexo [ɺ] pós-vocálico (alveolar retroflexa)”. De acordo com o autor, o português de então, em contato com essas modificações e, posteriormente, em contato com os escravos africanos que também possuíam marcas do retroflexo, foi reforçando a característica da retroflexão.

Há hipóteses também da influência da língua americana, contudo, em período bem posterior ao mencionado no parágrafo anterior. Essa hipótese se deve à vinda dos americanos para o Brasil em consequência da migração de sulistas norte-americanos após a Guerra Civil americana em meados do século XIX (1865). Inicialmente, esses americanos se instalaram nas cidades de Santa Bárbara d’Oeste e Americana, interior paulista, e a Língua Inglesa em contato com a Língua Portuguesa teria deixado marcas de sua retroflexão, influenciando a realização desse tipo de som em nossa língua.

De acordo com o estudo do Projeto Caipira (estudo sobre a história e a variedade da Língua Portuguesa no Estado de SP) que é parte do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), o dialeto caipira teria surgido a partir da influência de portugueses oriundos de diversas regiões de Portugal com índios brasileiros de grupos distintos, inicialmente no Planalto de Piratininga, interior de São Paulo, e levado pelos bandeirantes

para outras regiões do país, tais como, sul de Minas, Mato Grosso e Goiás, nos séculos XVI e XVII.¹⁶

Esta hipótese parece ser a mais plausível, uma vez que, considera fatores histórico-linguísticos que foram determinantes para a formação da Língua Portuguesa e por apontar a forma como este dialeto teria se disseminado por algumas regiões do Brasil. Silva (2011, p. 196), por exemplo, aponta que “a consoante retroflexa é um importante marcador dialetal do chamado *dialeto caipira*, ocorrendo principalmente em regiões de São Paulo e sul de Minas”.

Este som retroflexo é conhecido, popularmente, como a pronúncia caipira, uma vez que ocorre notadamente em cidades do interior do país, como dos estados de São Paulo e Minas, locais em que houve grande influência do falar dos bandeirantes, tendo sido disseminada por eles para outras regiões brasileiras quando de seu desbravamento do interior do país.

Há ocorrência também das retroflexas em estados da Região Sul, como no Rio Grande do Sul, em que, como justifica Meirelles (2011), pode dever-se à influência da variedade do português levada pelos tropeiros que cruzavam o interior do Brasil, e mais especificamente na região Sul até início do século XX, com o trabalho de transporte de muares e sua comercialização que acabou por tornar-se trabalho relevante para o desbravamento e formação de cidades ao longo de rotas por onde passavam.

O tropeirismo acaba por surgir em substituição ao bandeirantismo que era mais voltado para a atividade mineradora, a fim de resolver a demanda de transporte exigida pelas atividades de comercialização do minério. Esta atividade econômica teve que abrir mão dos trabalhos de transportes realizados pelos escravos, em função da grande demanda de trabalho nas minas. Os tropeiros surgem em substituição aos escravos no trabalho de transporte e acabam abrindo rotas e trilhas em busca de muares para efetivar suas atividades. Acabam tornando-se grandes negociantes e vão pouco a pouco substituindo os bandeirantes. O que nos leva a crer que o som retroflexo deve sua expansão aos bandeirantes na Região Centro-Oeste e Sudeste, e aos tropeiros na Região Sul do país.

Bisol (2010, p. 210) relata que Head em seus estudos sobre a “*variante r-caipira*” a considera como “típicas das variedades populares e rurais do português brasileiro quanto à sua natureza e origem”, partindo de uma análise fonética, conclui que “suas realizações retroflexa e gutural derivam de um processo de variação e mudança de consoantes líquidas anteriores com um processo de retração semelhante ao do r-forte”.

¹⁶ Cf. PACHECO, S. Herança da capital. **Correio Braziliense**, 07 de maio de 2011.

Conclui-se que o dialeto caipira e a realização retroflexa do “r” ocorrem, notadamente, nas regiões em que houve a presença dos bandeirantes e tropeiros, como na região Sudeste, interior de São Paulo e interior de Minas Gerais; na Região Centro-Oeste, praticamente em todo o Estado de Goiás; e na Região Sul, em uma faixa, possivelmente a percorrida pelos tropeiros, que se estende por toda a região, percorrendo todos os estados do sul. Há que se observar, que na Região Sul, há também uma grande variação dialetal, considerando o contato com imigrantes europeus que se fixaram ali.

3.4.3 Resultados de variação linguística de alguns estados brasileiros

Nesta seção pretende-se apresentar alguns resultados obtidos por pesquisadores brasileiros, que focaram tanto estudos dialetológicos quanto linguísticos, e por meio de dados apontados em dissertações e teses e ainda em atlas linguísticos, sobre a ocorrência de róticas no PB em algumas cidades do nosso país. A ideia é apresentar uma amostragem de resultados conhecidos em pelo menos uma cidade em cada região do país para poder observar as diferentes realizações das róticas no panorama nacional. No caso da Região Centro-Oeste, será feita comparação de resultados já conhecidos com os dados das três cidades-alvo pesquisadas neste trabalho. Observar que nesta seção os dados apresentados são praticamente textuais, considerando a natureza descritiva dos dados apresentados pelos autores.

Nas menções a atlas linguísticos aparecerão as seguintes siglas referentes aos questionários aplicados pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): Questionário Fonético Fonológico (QFF) e Questionário Semântico Lexical (QSL).

3.4.3.1 Região Norte

3.4.3.1.1 Estado do Amazonas

Os dados a seguir são embasados nos dados da tese da doutorada de Maria Luiza de Carvalho Cruz (2004), intitulada *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM: a natureza de sua elaboração*, que é apoiado na perspectiva da Geografia Linguística e Teoria Sóciovariacionista. A pesquisa foi realizada em nove microrregiões do Estado do Amazonas (AM), que são: Barcelos (microrregião do Alto do Rio Negro), Tefé (microrregião do Jutáí-

Solimões-Juruá), Benjamin Constant (microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (microrregião do Juruá), Lábrea (microrregião do Purus), Humaitá (microrregião do Madeira), Manacapuru (microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (microrregião do Médio Amazonas) e Parintins (microrregião do Baixo Amazonas). O corpus é constituído de trinta e seis informantes, sendo seis em cada município, de ambos os sexos, com grupo de três níveis etários: 18 a 35, 36 a 55 e acima de 56, com nível de instrução máximo de 4ª série do Ensino Fundamental. Segundo a autora, foram aplicados os questionários propostos pela ALiB, com quatrocentos e oitenta e três questões assim divididas: o QFF, com cento e cinquenta e seis questões; e, o QSL, com trezentos e vinte e sete questões, embora o objetivo da pesquisa não tenha sido a interpretação dos dados obtidos nos questionários, mas o de obter um panorama de traços que tipificam os falares da região.

Em relação às róticas, os resultados apontam que o R-forte, tanto em início de palavra, quanto em posição intervocálica se realizam no dialeto amazonense, em sua maioria, como fricativa glotal surda.

Buscou-se outros dados embasados no artigo de Ribeiro (2011) sobre do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM). Sabe-se que foram pesquisados nove localidades rurais, com um corpus de trinta informantes, tendo sido pesquisado seis por localidade, de ambos os sexos, com escolaridade variável entre semianalfabeto, analfabeto e alfabetizado. Aplicado o QFF com cento e sessenta e duas perguntas, e o QSL com trezentos e vinte e nove perguntas. O contexto do r pós-vocálico consta apenas em sete cartas fonéticas.

Os resultados apontaram predominância da fricativa glotal (aspirada), encontrada em praticamente todas as nove localidades pesquisadas. Ocorrendo também em menores frequências: apagamento em três localidades; vibrante múltipla em duas localidades do extremo oeste do estado; fricativa velar surda e sonora em duas localidades.

3.4.3.1.2 Estado do Acre

Os dados a seguir constam do artigo de Dornelles e Cerqueira (2011), intitulado *O apagamento do /R/ na fala urbana do Rio Branco*, que apresenta estudo sobre variação linguística em Rio Branco. Nessa a pesquisa foi organizado um corpus, de maneira aleatória, com trinta e cinco falantes originários de Rio Branco, sendo dezoito masculinos e dezessete femininos, com variados níveis de escolaridade e em faixas etárias de três grupos: 14 a 22, 23 a 41 e 42 a 57, sob a visão variacionista Laboviana e sociolinguística. As entrevistas foram na

cidade universitária da Universidade Federal do Acre (UFAC) e nos bairros de: Irineu Serra, Bahia, Palheiral e Sobral, Nova Estação, Jardim Primavera e Tucumã. O foco da pesquisa é o apagamento do /R/ que obteve 94% de apagamento, em sua maioria, em verbos.

Resultados corroboram as pesquisas de Monaretto (1997) sobre o Sul, em que a ocorrência de apagamentos se dá com maior percentual nos jovens. Nos dados de gênero, o sexo masculino apresenta um índice maior de apagamento e nos dados etários observou-se que o apagamento é mais frequente nos jovens que em idosos. Verificou-se que em relação à escolaridade o maior apagamento ocorre entre a 8ª série e o nível superior, e o não apagamento é mais frequente até a 4ª série primária.

3.4.3.1.3 Estado do Pará

Os dados abaixo constam do artigo de Ribeiro (2011), intitulado *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA*. A pesquisa foi realizada em dez localidades urbanas do Pará, com um corpus constituído de quarenta informantes, tendo sido pesquisados quatro em cada localidade divididos em dois grupos etários: de 18 a 30 anos e de 40 a 70 anos, de ambos os sexos, com nível de escolaridade até o 1º grau completo. Para a pesquisa foi utilizado o questionário QFF com cento e cinquenta e sete perguntas.

Observou-se haver o /r/ pós-vocálico em apenas quatro cartas. Há ainda uma carta com *r* em grupo consonântico (braguilha).

Os resultados da pesquisa apontam que a predominância, em praticamente todo o estado, é da variante fricativa glotal. Ocorrendo, ainda, com pouquíssima frequência, a vibrante múltipla e o tepe alveolar, em apenas dois locais e com apenas dois informantes em cada localidade.

3.4.3.2 Região Nordeste

3.4.3.2.1 Estado da Bahia

Os dados abaixo constam do artigo de Ribeiro (2011). O *Atlas Prévio dos Falares Baiano* é fruto da pesquisa em cinquenta cidades rurais, com cem informantes, sendo de dois a seis informantes por localidade; a faixa etária variando entre 25 e 84 anos, com nível de

escolaridade entre analfabeto e semianalfabeto, englobando pessoas de ambos os sexos. Para a realização das pesquisas foi apresentado questionário QSL com cento e oitenta e duas perguntas, que se baseiam na pesquisa de Atlas Linguísticos publicados, com registro de cento e cinquenta e cinco cartas, das doze com /r/ em posição pós-vocálica medial (ex.: corpo, lagartixa).

Os resultados apontam as realizações de frequência de uso (em ordem decrescente) de: fricativa velar, múltipla alveolar e vibrante simples alveolar, vibrante retroflexa e apagamento. Observou-se que a predominância da fricativa velar ocorreu em todos os pontos do inquérito.

3.4.3.2.2 Estado do Piauí

Os dados abaixo são constante da Tese de Doutorado de Silva (2009), sob o título *Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar piauiense*. A autora apresenta sua pesquisa partindo de uma amostra de trinta e seis informantes, sendo vinte da capital Teresina e dezesseis da região norte do Estado, provenientes das cidades de Altos, Miguel Alves, Campo Maior, Piripiri, Castelo do Piauí, Cocal de Telha, Buriti dos Montes, Barras, José de Freitas, Boa Hora, Esperantina e Parnaíba, num total de doze cidades.

Os resultados apontam quatro realizações fonéticas no estado, em posição de coda medial e final: fricativa glotal [h], tepe [r], zero fonético [∅] e fricativa palatal [ʃ].

De acordo com a pesquisadora, entre as variantes róticas em final de palavra, sendo sua maior ocorrência em coda medial, os dados do seu corpus apontam que a fricativa glotal [h] aparece em primeiro lugar totalizando 48,1% de ocorrência; em segundo lugar, aparece o zero fonético [∅] com 22,2% de ocorrência; em terceiro lugar, o tepe com 19,01% (com foco em análise enária); e em quarto lugar a fricativa palatal [ʃ].

A pesquisadora aponta que a alta ocorrência da variante tepe no Piauí pode dever-se ao fato de os paulistas terem contribuído com a colonização do Estado.

Considerando o fenômeno do apagamento do *r*, Silva (2009, p. 134), afirma que ele se dá em sílaba final ou em final de palavra, em posição interna ou externa de coda. Aponta que no Piauí, o zero fonético¹⁷, especialmente, quando a rótica medial ou final vier seguida de determinadas consoantes, tais como: das fricativas sonoras como em “vargem” [‘va∅ʒẽy], das fricativas surdas como em “março” [‘ma∅su], das oclusivas surdas como em “cor

¹⁷ Articulatoriamente, implica na não realização do som.

predominante” [‘koøpredõmĩ’nãtʃi]; das nasais “mar morto” [maø’mohtu], e das laterais como em “ler livros” [leø’livrɾus]. Concluindo, aquela autora destaca que as fricativas apresentam maior ocorrência no uso do zero fonético pelos piauienses.

3.4.3.2.3 Estado do Ceará

Os dados abaixo se encontram no artigo de Maria Silvana Militão de Alencar (2007), intitulado *Variação dos fonemas /R/ e /r/ no falar de Fortaleza – UFC*. A autora se propõe a investigar aspectos fonético-fonológicos e sócio-dialetais nos referidos fonemas na cidade de Fortaleza/CE, para isso, constitui *corpus* com vinte e quatro informantes naturais de Fortaleza, de vinte e quatro bairros escolhidos aleatoriamente entre centro e periferia. Os informantes pertencem a grupos etários distintos: 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos; quanto ao grau de instrução, constata-se serem doze participantes que cursaram até a 8ª série e, doze participantes com nível superior; sendo divididos igualmente nos dois gêneros. A pesquisa segue a metodologia orientada pelo Projeto ALiB, aplicando-se os questionários QSF com duzentos e sete questões e QFF com cento e cinquenta e nove questões.

Os resultados encontrados para Fortaleza são: apagamento do *r* em posição final ocorrência maior que em posição medial – observando-se o contexto fonológico seguinte, percebe-se que se seguido de consoante há favorecimento do apagamento; se seguido de vogal, favorece ocorrência de tepe, por consequência de processo de ressilabificação (no ataque); e a realização do *r* em posição de coda final (interna ou externa) aponta para [h] e [ø].

3.4.3.2.4 Estado da Paraíba

Os dados abaixo são constantes do artigo de Ribeiro (2011), intitulado *O comportamento Geolinguístico do /R/ pós-vocálico nos Altas Brasileiros Publicados*. A pesquisa foi realizada em vinte e cinco localidades da Paraíba entre rural e urbana, com *corpus* constituído de cem informantes, sendo de três a dez por localidade. Com faixa etária variável entre 30 a 75, de ambos os sexos, com grau de instrução entre analfabeto, semianalfabeto e alfabetizado. Na pesquisa de campo foi aplicado questionário QSF com oitocentos e setenta e sete perguntas.

Observou-se haver ocorrência de /r/ pós-vocálico em quatorze cartas fonéticas. Os resultados demonstram a predominância nas vinte e cinco localidades da variante vibrante aspirada, inclusive, na capital João Pessoa. Há registros também de outras realizações como: de zero fonético e vocalização, embora ocorra com menores frequências.

Também estudos de Skeet (1996 *apud* CARVALHO, 2009) apontam que a fricativa que é predominante em contexto pós-vocálico na fala de habitantes de João Pessoa, acabou desaparecendo ao dar lugar à vibrante múltipla anterior; observando ainda que o nível de escolaridade tem sido determinante como elemento que favorece a ocorrência de vibrante.

3.4.3.2.5 Estado do Sergipe

Os dados abaixo são constantes do artigo Ribeiro (2011), intitulado *O comportamento Geolinguístico do /R/ pós-vocálico nos Altas Brasileiros Publicados*. O *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS 1*, foi elaborado a partir de pesquisas realizadas em quinze localidades rurais de Sergipe, com corpus constituído de trinta informantes, sendo duas pessoas pesquisadas em cada localidade. A faixa etária era variável entre 32 a 52 anos, com participantes de ambos os sexos, com escolaridade variável entre analfabeto, semianalfabeto e alfabetizado. O questionário utilizado era de natureza semântica, contendo seiscentos e oitenta e seis perguntas. As pesquisas apontam apenas cinco cartas fonéticas constando o /r/ pós-vocálico. Os resultados demonstram a predominância da ocorrência da variante fricativa velar em todo o estado; há uma localidade com ocorrência de vibrante múltipla alveolar. Foi realizado um *2º Atlas Linguístico de Sergipe*, no qual também se verifica a predominância da variante fricativa velar. A pesquisadora não esclarece o número de inquéritos nem tão pouco o número de localidades pesquisadas.

3.4.3.3 Região Centro-Oeste

3.4.3.3.1 Estado de Goiás

De acordo com Serafim Bueno (1958, p. 2-3 *apud* HEAD, 1978, n. p.), o dialeto caipira com sua marca típica da presença do retroflexo estaria presente no estado de Goiás (GO): “[...] foram os bandeirantes paulistas que disseminaram por essas áreas sua maneira de

falar e as *sic* levaram aos Estados que surgiram de seu descobrimento de minas, especialmente, Mato Grosso, Goiás, sul de Minas, norte do Paraná”.

3.4.3.4 Região Sudeste

3.4.3.4.1 Estado de Minas Gerais

Ribeiro (2011), em artigo intitulado *O comportamento Geolinguístico do /R/ pós-vocálico nos Altas Brasileiros Publicados*, afirma que para o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG*, foi realizada pesquisa em cento e dezesseis localidades, com corpus constituído de cento e dezesseis informantes, tendo sido pesquisado um em cada localidade, todos de sexo masculino, na faixa etária entre 30 e 50 anos com escolaridade de ensino fundamental incompleto. Neste estudo há apenas quatro registros de /r/ pós-vocálico entre suas cartas.

Os resultados apontam as seguintes ocorrências, em ordem decrescente quanto à frequência de uso: vibrante (fricativa) velar, vibrante retroflexa e vibrante alveolar. A ocorrência de vibrante alveolar é mais ao sul do estado, a vibrante retroflexa é mais frequente na região oeste do estado, ocorrendo também com menor frequência ao sul e ao norte, sendo a vibrante (fricativa) velar a mais realizada por todo o estado.

De acordo, ainda, com pesquisa de Fabiana da Silva Campos Almeida, autora do *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – Micro AFeRJ: uma contribuição para os estudos dos falares fluminenses*, é relatado que no Estado co-existem três falares: o do sul e o Triângulo Mineiro, o do Norte, e da região formadas pelas Zonas Metalúrgica, da Mata e das Vertentes.

No que se refere ao Estado e à localização da cidade mineira de Uberlândia, sul do Triângulo Mineiro, é notória a presença da retroflexão caracterizando o chamado falar caipira. Gladstone de Melo (1971, p. 106) afirma:

[...] tal r é característico do norte de São Paulo e sul de Minas Gerais, e nele se transforma sistematicamente o –L final de sílaba. Quem já viajou por aquelas bandas sabe que basta transpor-se a Mantiqueira, aparecem meninos vendendo “paster de carne”, com o seu errezinho particular. Esta consonância aproxima-se bastante do r-final de sílaba americana, que figura, por exemplo, em form, porém é mais intenso.

3.4.3.4.2 Estado do Rio de Janeiro

Conforme explicitado na seção 3.3.1 Estudos de cunho dialetológico, há observância neste estado do apagamento do /r/ em final de palavras, especialmente, em formas verbais, corroborando os estudos de Leite e Callou (2002).

Esta ocorrência ainda se pode averiguar nos estudos de Fabiana Almeida (2008), sobre o linguajar fluminense, em Dissertação de Mestrado intitulada *Micro Atlas Fonético do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*, na qual apresenta pesquisa dialetológica, de natureza fonético-fonológica, em que descreve a variedade popular do dialeto fluminense, a partir de pesquisas em doze comunidades fluminenses, a saber: São Francisco de Itabapoana, Porciúncula, Santa Maria Madalena, Cabo Frio, Cantagalo, Cachoeiras de Macacu, Itaguaí, Parati, Valença, Três Rios, Quissamã e Resende. O corpus consta de setenta e dois indivíduos, divididos em três grupos etários: 18-35, 36-55 e 56 em diante. Em cada localidade, foram pesquisados seis informantes, de ambos os sexos, com nível de escolaridade inferior à 4ª série. A autora relata que seu trabalho também se baseou em pesquisas do Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Linguística Oral Culta de Cinco das Principais Capitais Brasileiras, ou simplesmente, Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Oral Culta (NURC-RJ)¹⁸, do Programa de Estudos da Língua (PEUL)¹⁹ e do Projeto Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)²⁰ (inclusive tendo como coordenadora Dinah Callou à época de sua pesquisa) e concluiu que os cariocas, em geral, não pronunciam o /R/ final ou, quando o fazem, realiza-se como uma fricativa velar ou laríngea (aspiração). Os resultados apontam que, em geral, o apagamento, ocorre com verbos infinitivos. Há que se observar que a pesquisa do Projeto NURC-RJ focava a modalidade falada culta, em corpus que constava de vinte e cinco pessoas de ambos os sexos, com nível superior, em três faixas etárias diferentes: de 25 a 35, 36 a 55 e de 56 em diante.

Estudos de Callou (1987 *apud* SILVA, 2009) apontam que em análise sobre as vibrantes no Rio de Janeiro, considerando variáveis etárias, relaciona a ocorrência de variantes inovadoras ao falante mais jovem; além de observar que em posição pós-vocálica final, há ocorrência de zero fonético nas falas de informantes das mais diversas classes

¹⁸ Todos os dados do projeto são constantes da Dissertação de Mestrado de Almeida (2008).

¹⁹ Sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

²⁰ *Ibidem*.

sociais, idades e graus de escolaridade. O que se nota é que atualmente não existe o preconceito que havia antes em relação a esta realização.

Estudos de Pontes (1965 *apud* SILVA, 2009), em análise da língua coloquial espontânea de pessoas cultas do Rio de Janeiro, afirma que as realizações mais predominantes do fonema /r/ são fricativas [h,x,ʝ].

3.4.3.4.3 Estado de São Paulo

Cagliari (1981 *apud* SILVA, 2009, p. 26) afirma que no dialeto paulista, a vibrante apresenta pronúncia atípica ao se comparar a outras formas de articulação do /r/:

Consiste em um som retroflexo, que nada mais que a elevação da ponta da língua, encurvando-se na direção palato-alveolar. Assim a parte da frente da língua retrai-se, formando um grande volume de massa da língua junto aos dentes molares. Esse som é comum no dialeto caipira e em alguns dialetos do inglês americano.

Afirma ainda que este som só não ocorre entre vogais, onde se realizam como vibrante alveolar. Ocorre, contudo, em todas as outras posições.

Bisol (1996 *apud* SILVA, 2009, p. 76), ao reanalisar dados de Cagliari, afirma que no dialeto paulista, a vibrante realiza-se como alveolar, no entanto, parece estar havendo mudança no tipo de articulação, sendo, no contexto intervocálico, substituído por fricativa velar.

Leite e Callou (2002, p. 10) ao comentarem sobre a extensão do território brasileiro, lembram que é comum a unidade linguística que é a língua portuguesa, mas que certamente, há diversidade de falares. Observam que no Brasil, nunca existiu dificuldade de intercomunicação, mas a tentativa de se ter uma padronização na língua oral e escrita, na busca de uma língua padrão, acabou girando em torno da fala dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Na tentativa de justificar a razão dessas escolhas a respeito de São Paulo declaram

Não há como negar que, em termos socioeconômicos, São Paulo há muito superou o Rio de Janeiro, mas, por outro lado, mantém a sua marca localista, pelo menos na fala, a marca do chamado “dialeto caipira” (LEITE; CALLOU, 2002, p. 10).

As pesquisas, realizadas no estado, indicam a forte presença dos sons retroflexos. Cagliari (1982, 2007 apud MEIRELLES, 2011, p. 153) já havia comentado que este som é especialmente comum em São Paulo, onde em outros dialetos há ocorrência de [x,r ou r], no dialeto caipiría há ocorrência da retroflexa [ɻ].

Carvalho (2009, p. 27) relata que em pesquisas realizadas por Callou, Moraes e Leite (1995) sobre análise das variantes do fonema /r/ entre outros em posição pós-vocálica nas capitais: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, com amostras do *corpus* do NURC, observou-se o favorecimento de vibrante simples em posição interna de sílaba.

3.4.3.5 Região Sul

3.4.3.5.1 Estado do Rio Grande do Sul

O Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (Projeto VARSUL), realizado pelas Universidades Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), pesquisou sobre a fala do três estados do Sul. Os dados dessas pesquisas foram compilados nas obras da Professora Doutora Leda Bisol: *Fonologia e Variação e Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*.

O projeto VARSUL selecionou doze cidades, entre as quais quatro em cada estado da Região Sul. No Rio Grande do Sul (RS), a pesquisa foi realizada em Porto Alegre, São Borja, Flores da Cunha e Panambi.

De acordo com Bisol e Collischonn (2009), as pesquisas de Monaretto (2009) (UFRGS) e Brescancini (2008) (PUCRS), revelam a distribuição das vibrantes no Sul, da seguinte forma:

- variável vibrante condicionada a grupo geográfico e a posição que ocupa na sílaba: presença de variantes anteriores (vibrantes ou fricativas) quer seja em coda ou posição de ataque – sendo identificada como marca típica da variante falada na Região Sul;
- presença do retroflexo (menor no RS, maior no Paraná (PR));
- percentuais de frequência de variantes da vibrante, segundo a posição da sílaba:
 - (a) no ataque: 40% de fricativa velar, 30% de vibrante alveolar e 25% de tepe;

(b) em coda: 60% de tepe; 24% de apagamento; 20% de fricativa alveolar; 5% de retroflexo.

Segundo essas pesquisas, o apagamento está restrito em posição de coda, preferencialmente final, e, geralmente, ocorre com verbos no infinitivo.

A pesquisadora Meirelles (2011, p. 184) na Tese de Doutorado intitulada *Elementos de fonética do Português falado no Rio Grande do Sul*, encontrou resultados significativos que comprovam a ocorrência de sons retroflexos, conforme afirmou “em cidades do interior gaúcho foram registrados dados da vibrante retroflexa, produzida por falantes de todas as idades”. O *corpus* inclui pesquisas nas cidades de Porto Alegre, Sant’ana do Livramento, Alegrete, São Francisco de Paula, Caixas do Sul e Pelotas (MEIRELLES, 2011, p. 80).

A pesquisadora Giselle da Silveira (2010) em sua Dissertação de Mestrado intitulada *O apagamento da vibrante na fala do sul do Brasil sob a ótica da palavra*, confirma a existência de uma diferença dialetal relacionada à questão geográfica nos três estados da Região Sul. Sua pesquisa consta de *corpus* constituído de doze pessoas das quatro cidades, sendo seis homens e seis mulheres, divididos em três grupos etários de 25 a 35, 35 a 45 e de mais de 46. Em suas análises, observou haver maior incidência de realizações de tepe que de vibrante posterior e anterior. Afirma que se realiza mais a variante retroflexa no PR que em Santa Catarina (SC), constatado nos dados da pesquisadora em que no Paraná nas cidades de Pato Branco e Londrina o percentual de ocorrência é de 32% e 33% respectivamente em contraposição às ocorrências obtidas em SC que foram de 28% e 27% nas cidades de Lages e Blumenau respectivamente.

Em relação ao uso do *r*, observando-se a posição na sílaba, as pesquisas revelaram divergências consideradas geográficas quanto ao uso de variantes da vibrante: na posição de coda medial observa-se que há presença tanto de tepe quanto de retroflexa²¹, contudo as cidades do PR (Pato Branco e Londrina) demonstram preferência pela retroflexa, enquanto nas cidades de Santa Catarina (Blumenau e Lages) observa-se preferência por tepe. Em posição de coda final, apesar de haver pequena ocorrência tanto de tepe quanto de retroflexa nas quatro cidades, há predomínio de apagamento do *r*, em verbos no infinitivo, com índice altíssimo de 86% de apagamento. Vale menção que o apagamento não ocorre em coda medial. Em início de sílaba interna, observa-se a ocorrência de vibrantes alveolar ou uvular.

²¹ Observe-se que a pesquisadora não especifica o tipo de realização retroflexa.

3.4.3.5.2 Estado de Santa Catarina

Estudos de Ana Kelly Borba da Silva (2008) em artigo *Os róticos na Ilha de Santa Catarina*, apresentam pesquisa das características fonético-fonológicas dos róticos na fala de nativos de Florianópolis. A pesquisadora organizou *corpus* constituído por quatro informantes do sexo masculino, de grupo etário e nível de escolaridade distintos: 76 anos com nível superior, 64 anos com primário, 34 anos com nível superior e 30 anos com primário.

Os resultados desta pesquisa apontaram que na posição de final absoluto, final de palavra seguida de consoante e intervocálica há grande incidência de apagamento do *r* em contraposição à posição final de sílaba interna que praticamente não ocorre. Verificando-se na posição de final absoluto 84% de apagamento do rótico; em final de palavra seguida de consoante 77% de apagamento, 79% em posição intervocálica, e em final de sílaba interna apenas 2% com uma ocorrência de fricativa glotal de 69%. Essas pesquisas corroboram os estudos de Callou e Leite (2002) que afirmam que há predominância de apagamento em final absoluto, e que a menor incidência se dá em final de sílaba interna. Outras variáveis foram observadas como: tonicidade com 68% de preferência pela fricativa glotal quando em sílaba átona, quando em sílaba tônica há favorecimento ao apagamento; no que se refere ao grau de escolaridade o percentual de apagamento é alto independente da escolaridade. Quanto ao grupo etário, há mais apagamento entre os jovens, os mais velhos tendem a mantê-lo. Quanto ao restante, a fricativa glotal [h] é a mais utilizada, havendo contudo preferência pelo [r] em falantes acima de 70 anos, confirmando o processo de variação do /r/ anterior para posterior. Esse resultado também corrobora resultados de Monaretto (2002) sobre róticas no PB, que apontam percentuais de 35% de fricativas (glotal ou velar) e 17% para o tepe., e 47% para apagamento da rótica.

3.4.3.5.3 Estado do Paraná

O artigo de Celeste Maria da Rocha Ribeiro (2011), aponta os seguintes dados referentes à elaboração do *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*: foram pesquisadas sessenta e cinco localidades rurais, com um *corpus* constituído de cento e cinco informantes, sendo dois pesquisados para cada localidade, com faixa etária variável entre 30 e 65 anos, de ambos os sexos, com nível de escolaridade variável entre analfabeto e ensino fundamental completo. O questionário apresentado era de natureza semântico-lexical com trezentos e vinte e cinco

perguntas, além de relato de experiência pessoal. O resultado da pesquisa aponta apenas a ocorrência de 8 cartas com r pós-vocálico.

Os resultados demonstram a predominância da variante vibrante simples retroflexa, com pequenas ocorrências de vibrante simples alveolar e uma única ocorrência de vibrante múltipla retroflexa.

Sobre a Região Sul como um todo, há um artigo, de Celeste Maria da Rocha Ribeiro, especifica que para a organização do *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul – ALERS*, foram pesquisadas duzentas e setenta e cinco localidades rurais (cem no PR, noventa e cinco no RS e oitenta em SC) e dezenove urbanas (seis no PR, seis no RS e sete em SC) entre os três estados que compõe a Região Sul, com um corpus constituído de duzentos e noventa e quatro informantes, tendo sido pesquisado somente um por localidade. A faixa etária variava entre 28 e 58 anos, todos do sexo masculino, com nível de escolaridade variando entre analfabeto, semianalfabeto e alfabetizado. Foi utilizado o questionário QSL com oitocentas perguntas, QMF com setenta e cinco perguntas e QFF com cinquenta perguntas. Observa-se a ocorrência de apenas quatro cartas fonéticas com r pós-vocálico.

Os resultados obtidos apontam que a variável em contexto pós-vocálico predominante é a vibrante simples (tepe alveolar) nos três estados pesquisados. Havendo também pequena ocorrência da vibrante múltipla em duas localidades do RS e de SC; a vibrante retroflexa presente nos três estados, fricativa velar em duas localidades do extremo leste de SC e vibrante uvular em cinco localidades também do extremo leste de SC. Concluindo-se que as variantes mais frequentes na Região Sul são as vibrantes simples (tepe alveolar) e vibrante retroflexa.

Quadro 2 - Ocorrências de róticas em coda no Brasil – Literatura

ROTICAS REGIÕES	Vibrante		Aproximante	Retroflexa		Fricativa		
	Simples [r]	Múltipla [r]	Alveolar [ɹ]	Aproximant e [ɻ]	Tene [r̥]	Velar su [x]	Velar so [ɣ]	Glotal [h]
Norte - Amazonas - Acre - Pará								X X
Nordeste - Bahia - Piauí - Ceará - Paraíba - Sergipe						X X		X X X
Centro- Oeste - Goiás				X				
Sudeste - Minas Gerais - Rio - São Paulo	X			X		X X	X	X
Sul - Paraná - Rio Grande do Sul - Santa Catarina	X X X			X X X				

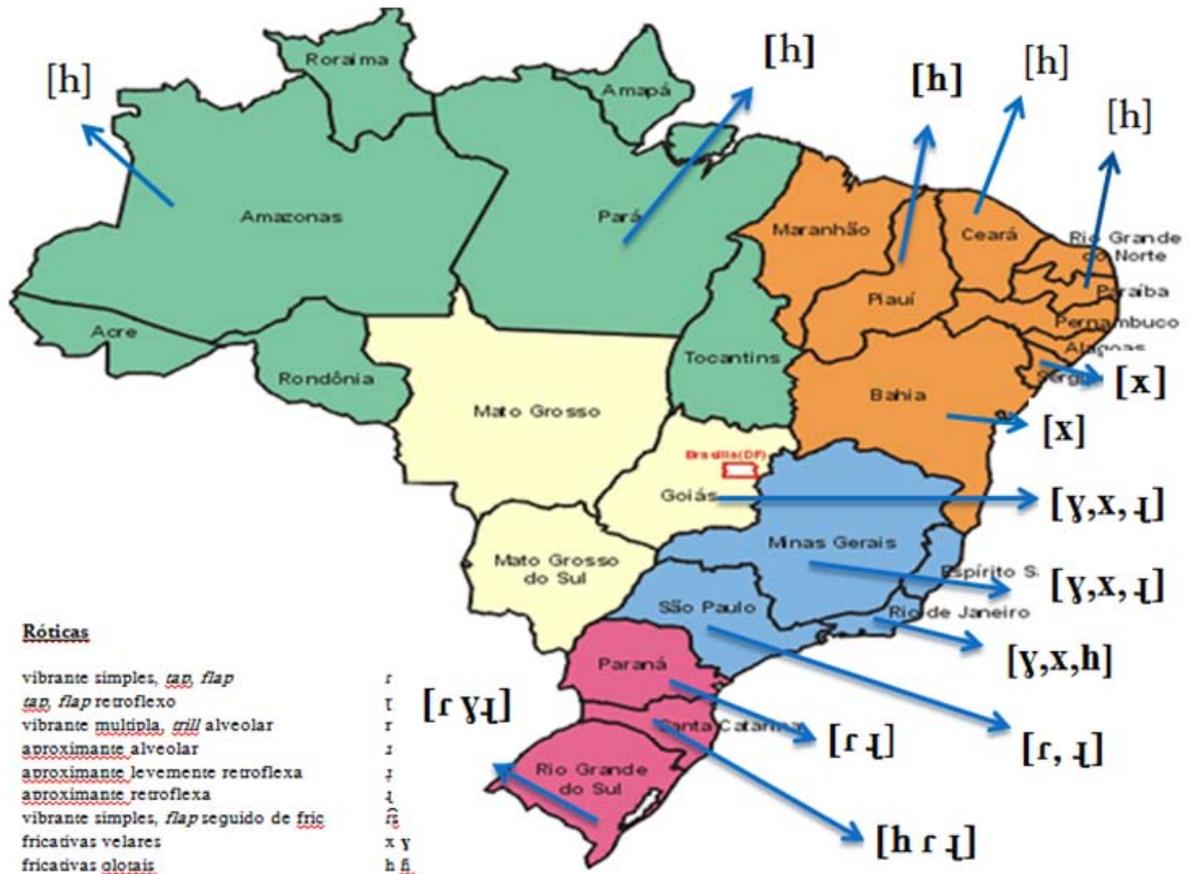


Figura 3 - Distribuição de róticas em coda nos estados brasileiros.²²

Partindo das pesquisas realizadas acima, em cada Estado, pode-se concluir que na Região Norte há predominância de fricativa glotal. Já na Região Nordeste há predominância das fricativas com realizações diversificadas: na Bahia (BA) e Sergipe (SE), fricativa velar; no Piauí (PI), fricativa glotal; na Paraíba (PB), vibrante. Na Região Centro-Oeste há predominância da aproximante retroflexa. Na Região Sul, em São Paulo (SP) e Minas Gerais (MG), há ocorrência de aproximante retroflexa em cidades mais do interior. Em áreas mais urbanas, em MG, fricativa velar; em SP, a vibrante alveolar com evidências de mudanças para fricativa velar; em posição pós-vocálica maior ocorrência de vibrante simples em São Paulo. Na Região Sul, há presença do retroflexo nos três Estados, e da vibrante simples. No RS, a vibrante em posição de ataque realiza-se como fricativa velar e em posição de coda medial intercala, ora como tepe, ora como retroflexa. Observou-se, ainda, que em todas as regiões do País há uma tendência ao apagamento do r em posição de coda final absoluta; essa tendência

²² Observar que a aparente uniformidade de ocorrência da fricativa glotal percebida em estados das Regiões Norte e Nordeste do País pode dever-se ao fato de não haver tantos estudos naquelas regiões ou ainda pelo fato de que alguns estudos apresentam-se mais detalhados e outros não.

aponta expressiva ocorrência em verbos no infinitivo. Em alguns Estados há, ainda, o apagamento em coda medial, mas em percentual bem menor.

4 DESCRIÇÃO DAS RÓTICAS NA FALA DE CIDADES PESQUISADAS

Nesta seção, serão apresentadas as realizações das róticas, especialmente em coda em diferentes contextos silábicos, encontradas entre os falantes das cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG. O objetivo desta seção é documentar as variantes das róticas dessas cidades a fim de identificar a região linguística a que pertencem e contribuir dessa forma para melhor caracterização do panorama das róticas no Brasil. Apesar de os campos semânticos cor e carro fazerem parte do *corpus*, resolveu-se não fazer as transcrições fonéticas dos mesmos, considerando já haver uma boa quantidade de material de pesquisa e por perceber o pouco tempo para realizá-las.

É importante ressaltar o número de palavras e sua posição na sílaba em cada grupo semântico, a fim de se poder levantar um percentual de frequência de realizações das róticas. Abaixo quadro explicativo dessa divisão, por campo semântico:

Quadro 3 - Número de palavras por campo semântico

POSIÇÃO	ANIMAL (27)	ALIMENTO (23)	FRUTA (17)	COR (13)	CARRO (08)	FAZENDA (25)	TOTAL (113)
CODA MEDIAL	06	03	-	03	02	06	20/15
CODA FINAL	-	01	-	-	-	02	03/03
GEMINADA	01	02	-	01	-	04	08/07
GRUPO CONS	03	06	01	03	01	04	18/14
INICIO PALAVR	02	04	01	02	01	01	11/08
INTERVOCÁLICA	15	07	15	04	04	08	53/45

Obs.: o número entre parênteses representa o número de palavras contendo róticas.²³

²³ As lacunas existentes nas posições de coda medial e final nos campos semânticos fruta, cor e carro, só foram observadas após a coleta de dados. Pretende-se preencher essas lacunas em futuras viagens e pesquisas.

4.1 Goiânia

4.1.1 Informante – GO-GYN-M-06

Quadro 4 - Informante GO-GYN-M-06

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA			% - CODA MEDIAL %	
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)	GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)		INTERVOC. (45/90)
VIBRANTE							
Simp r	X-04			X		X	13,3
Mult r							
Flap Retro r							
Flap c/fric r̥s							
APROXIMANTE							
Alveolar ɹ							
Lev Retro ɹ	X-04	X-03					13,3
Retroflexa ɻ	X-02						6,66
FRICATIVA							
Velar surda x			X		X		
Velar sonora γ	X-20	X-03					66,6
Glotal h							
Nº Ocorrência	30						
Percentual							

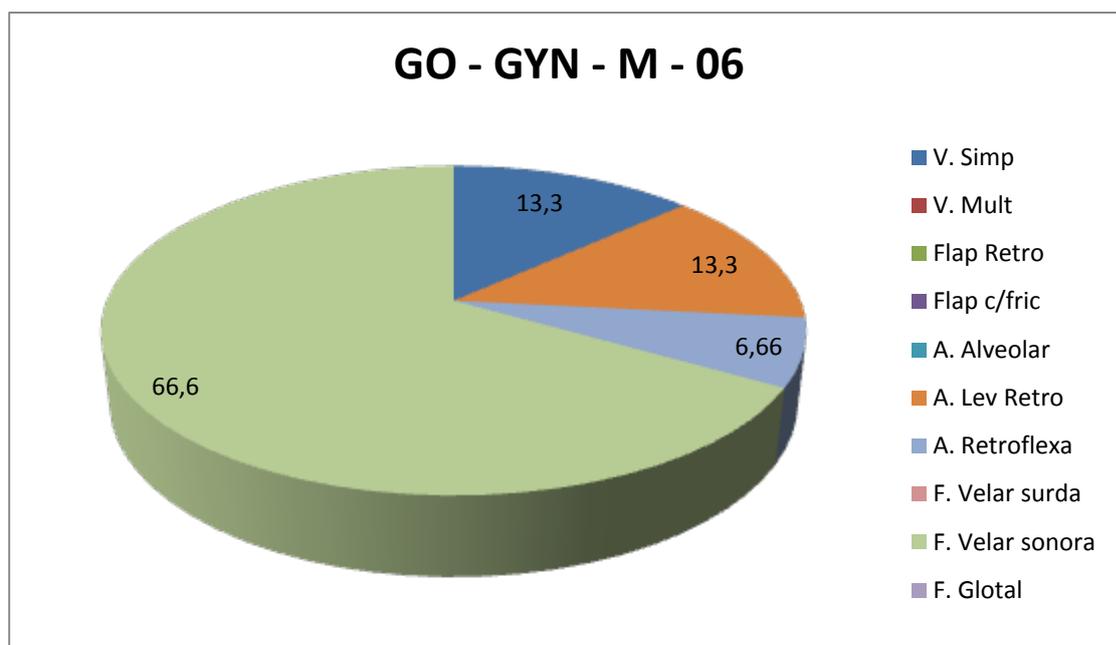


Figura 4- Realizações de róticas – Informante GO-GYN-M-06

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x].
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [f].
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [f].
- Geminadas: todas as realizações como [x].
- Coda medial: algumas palavras tiveram suas realizações como retroflexa, mas muitas se realizaram como fricativa velar sonora [ɣ] como em *porco*: [poyku], borboleta: [boɣbo'leta], pernilongo: [peɣni'lõgo], urso: [uɣsu], formiga:[foɣ'miga], carne: ['kaɣni], arma: ['aɣma], ervilha: ['eɣviʎɐ], cerca: ['seɣka], exceto: tartaruga: [tartaruga] e hortelã: ['ɔrtelã], tanto em imagem quanto em leitura.
- Coda final: couve-flor: ['kowvi-'floɹ] e trator e pomar com variante entre fricativa velar e aproximante levemente retroflexa trator: [tra'toɣ][tra'toɹ], pomar: [po'maɣ][po'maɹ] e arma: ['aɹma][aɣma]

Observações:

1. A palavra *besouro* se realiza como [besoxu], parecendo ser variante da região.
2. A palavra *abóbora* realiza-se como [a'bɔbra].
3. As seguintes palavras, na imagem, não foram identificadas pelo informante, tendo sido lidas da seguinte maneira: *cocheira* como *estábulo* e *curral* como *gado*.

Esta informante tem o menor percentual de realizações retroflexas (6,6%), e um grande percentual de realizações fricativas velares sonora (66,6%), o que nos induz a concluir que se monitorava na fala, ou, apesar de não ter vivido em outra cidade, recebe facilmente influência de outros falares.

4.1.2 Informante – GO-GYN-M-12

Quadro 5 - Dados gravação: GO-GYN-M-12

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA			%	
	CODA		GEMIN	GRUPO CONS.	INÍCIO PALAV		INTERVOC.
	MEDIA	FINAL					
VIBRANTE							
Simp r				X		X	
Mult r							
Flap Retro r							
Flap c/fric rs							
APROXIMANTE							
Alveolar ɹ							
Lev Retro ɹ	X-05	X-03				16,6	
Retroflexa ɻ	X-14					46,66	
FRICATIVA							
Velar surda x			X		X		
Velar sonora ɣ	X-10	X-03				33,3	
Glotal h	X-01					3,33	
Nº Ocorrência							
Percentual							

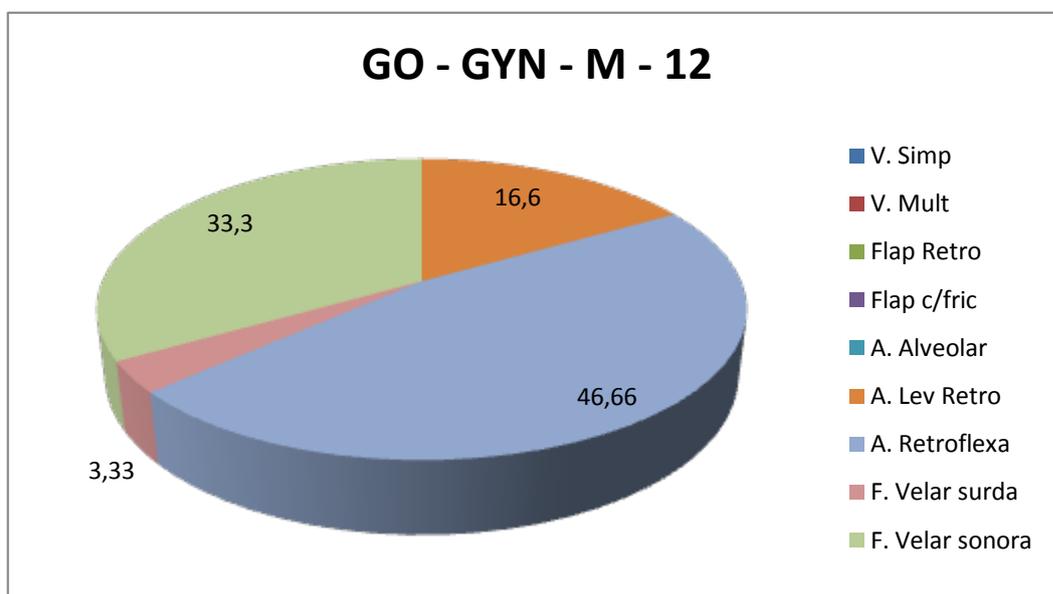


Figura 5 - Realizações de róticas – Informante GO-GYN-M-12

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x].
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r].
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r].

- Coda medial: há uma predominância de fricativa velar sonora [ɣ] como se vê nos exemplos [boɣbo'leta] [peɣni'lõgo] ['eɣvi'lɛ] tanto em leitura quanto em imagem. Contudo nos exemplos: urso: ['uɣsu] ['ursu polɑ], porco: ['poɣku][pohku], formiga: [foɣ'miga][foh'miga], Observe, contudo, que na imagem (2ª emissão da palavra) ocorre fricativa velar surda [h]. A palavra tartaruga apresenta exceção com realização de tepe [tarta'rugɐ], tanto na imagem quanto na leitura. Apenas garça e lagarta como retroflexa. Há também variação entre aproximante levemente retroflexa e fricativa velar sonora como no caso de carne: ['kaɰmi] ['kaɣni], ou ainda somente a aproximante levemente retroflexa nas duas ocorrências como em hortelã: ['oɰtelã]. Há bastante presença da aproximante levemente retroflexa como em arma: ['aɰma], trator: [tra'toɰ], pomar: [po'maɰ]
- Coda final: há ocorrência variada entre leitura e imagem, bem presente na leitura a aproximante levemente retroflexa, enquanto na imagem aparece a fricativa velar como em couve-flor: [kou've-'floɰ][ko've-'floɰ], trator: [tra'toɰ][tra'toɣ], pomar: [po'maɰ][po'maɣ] e urso realiza como urso polar.

Observações:

1. A palavra *araticum* sofre redução vocálica de [a'ratikũ] para [aɰtikũ] realizando-se como aproximante levemente retroflexa.
2. A palavra *besouro* realizou-se como [be'souru] [be'soxu], observando-se que na 2ª emissão (imagem) seria um contexto mais espontâneo, denota uma provável variação regional.
3. As palavras *abóbora* e *araticum* sofrem redução vocálica para [a'bɔbrɐ] e [aɰtikũ].
4. Observa-se ainda a redução de consoante na palavra *tamarindo* para [tama'riɲ]
5. Algumas palavras não foram identificadas pelo informante, tendo sido lidas como: *cocheira* como *estábulo*, *curral* como *gado*.

Esta informante tem um maior percentual de aproximante retroflexa [ɰ], (46,6%) apesar de ter um grande percentual também de fricativa velar sonora (33,3).

4.1.3 Informante – GO-GYN-H-05

Quadro 6 - Dados gravação: Informante GO-GYN-H-05

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA				%
	CODA		GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	INTERVOC. (45/90)	CODA
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)					MEDIAL%
VIBRANTE							
Simp r				X		X	
Mult r							
Flap Retro r	X-01						3,33
Flap c/fric rs							
APROXIMANTE							
Alveolar ɹ							
Lev Retro ɹ	X-04						13,3
Retroflexa ɻ	X-25	X					83,3
FRICATIVA							
Velar surda x			X		X		
Velar sonora ɣ							
Glotal h							
Nº Ocorrência							
Percentual							

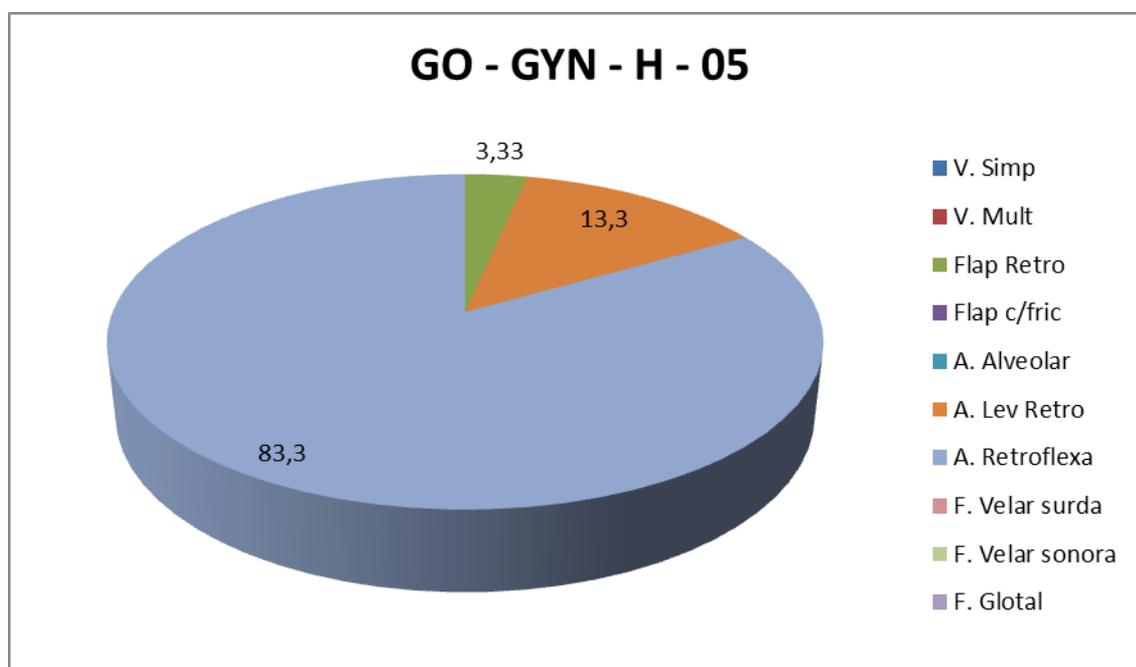


Figura 6 - Realizações de róticas – Informante GO-GYN-H-05

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x]
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [ɾ]

- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [f]
- Coda medial: a maior parte se realiza como retroflexa, havendo as seguintes variações para ambas as emissões (leitura e imagem): borboleta: [boʁbo'leta], urso: [u.ɾsu], formiga: [fo.ɾmiga]
- Coda final: todas se realizam como retroflexa.

Observações:

1. As seguintes palavras não foram identificadas pelo informante, tendo sido lida (a imagem) da seguinte maneira: *cocheira* como *estábulo*, *chiqueiro* como *porco*, *curral* como *gado*.
2. A palavra *besouro* realizou-se como [besoru][bisoxu] respectivamente leitura e imagem, observando-se que na 2º emissão (imagem) seria um contexto mais espontâneo, denota uma provável variação regional.

Este informante apresenta percentual altíssimo de aproximante retroflexa (83%).

4.1.4 Informante – GO-GYN-H-09

Quadro 7 - Dados gravação: Informante GO-GYN-H-09

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA			% CODA MEDIAL %
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)	GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	
VIBRANTE						
Simp r				X		X
Mult r						
Flap Retro ɾ	X-02					6,66
Flap c/fric ɾs						
APROXIMANTE						
Alveolar ɹ						
Lev Retro ɹ	X-02					6,66
Retroflexa ɹ̥	X-25					83,3
FRICATIVA						
Velar surda x			X		X	
Velar sonora γ	X-01					3,33
Glotal h						
Nº Ocorrência						
Percentual						

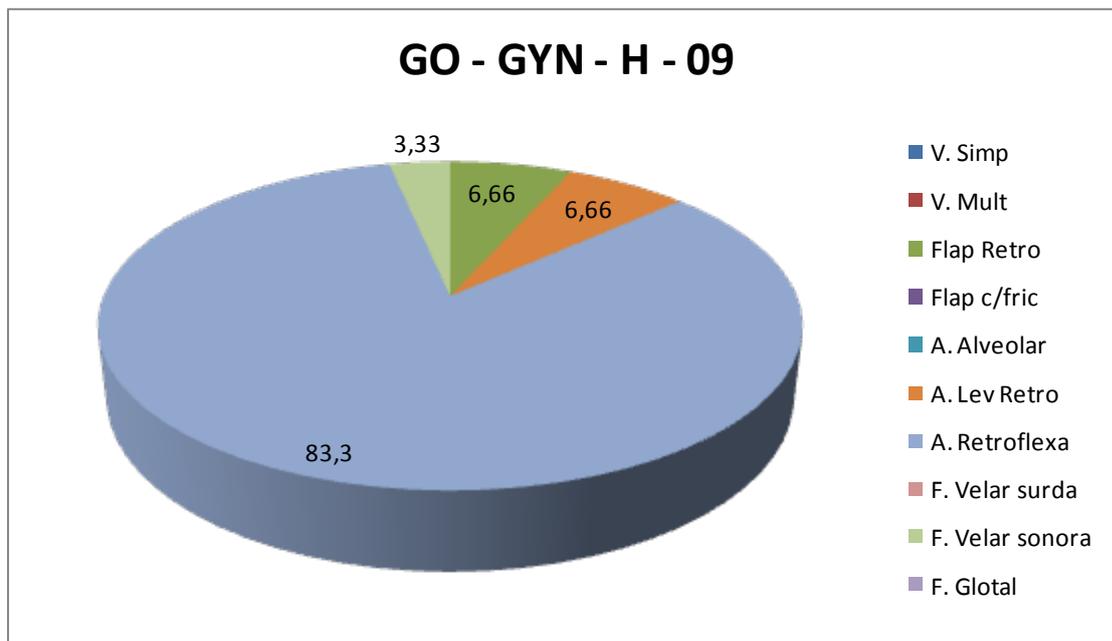


Figura 7 - Realizações de róticas – Informante GO-GYN-H-09

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x].
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r].
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r].
- Coda medial: a maioria retroflexa com exceção de borboleta: [boʁbo'leta] tanto para imagem quanto para leitura; pernilongo: [peɣni'lõgo] para leitura, e aproximante levemente retroflexo em urso: [uɾsu] e formiga: [fuɾ'miga].
- Coda final: todas se realizam-se como aproximante retroflexa[ɻ].

Observações:

1. A palavra *besouro* realiza-se como [bisoxu], denotando uma variação linguística na região.
2. Há uma redução vocálica em *abóbora*, realizando-se como [a'bɔbra].
3. As seguintes palavras não foram identificadas pelo informante tendo sido lidas da seguinte maneira: *curral* como *gado*.

Este informante apresenta percentual altíssimo de aproximante retroflexa (83.3%).

4.1.5 Informante – GO-GYN-H-11

Quadro 8 - Dados gravação: Informante GO-GYN-H-11

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA				%	
	CODA		GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	INTERVOC. (45/90)		CODA MEDIAL %
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)						
VIBRANTE								
Simp r				X		X		
Mult r								
Flap Retro r								
Flap c/fric rs								
APROXIMANTE								
Alveolar r								
Lev Retro r	X-02						6,66	
Retroflexa r	X-28						93,3	
FRICATIVA								
Velar surda x			X		X			
Velar sonora γ								
Glotal h								
Nº Ocorrência								
Percentual								

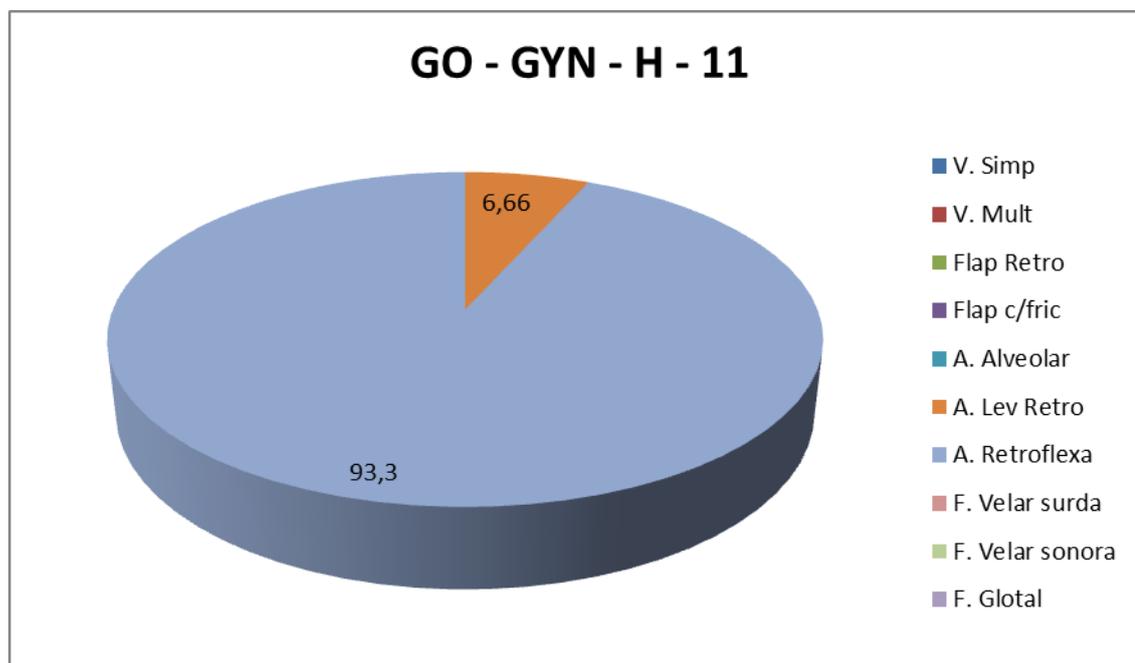


Figura 8 - Realizações de róticas – Informante GO-GYN-H-11

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x].
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r].
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r].
- Coda medial: maioria como retroflexa.

- Coda final: todas realizam-se como aproximante retroflexa.

Observações:

1. A palavra *besouro* na imagem realiza-se com fricativa velar surda [besoru] [bisoxu].
2. Há uma redução vocálica em *abóbora*, realizando-se como [a'bɔbra], *araticum*: [a.ɾi'tikũ] e *córrego*: ['kɔ.ɾgo].

As seguintes palavras não foram reconhecidas na leitura a imagem, tendo sido lidas como: *Cocheira* como *istadu* (querendo talvez dizer estábulo?), *curral* como *gado*.

Este informante apresenta o maior percentual de aproximante retroflexa (93,3%) não somente no estado de Goiás (GO), mas entre as três cidades estudadas.

4.2 Goiatuba

4.2.1 Informante – GO-GTB-M-15

Quadro 9 - Dados gravação: Informante GO-GTB-M-15

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA			CODAL MEDIAL %
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)	GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	
VIBRANTE						
Simp r				X		X
Mult r						
Flap Retro ɾ	X-02					6,66
Flap c/fric ɾs	X-01					3,33
APROXIMANTE						
Alveolar ɹ						
Lev Retro ɹ	X-07					23,3
Retroflexa ɹ̥	X-20	X				66,6
FRICATIVA						
Velar surda x			X		X	
Velar sonora ɣ						
Glotal h						
Nº Ocorrência						
Percentual						

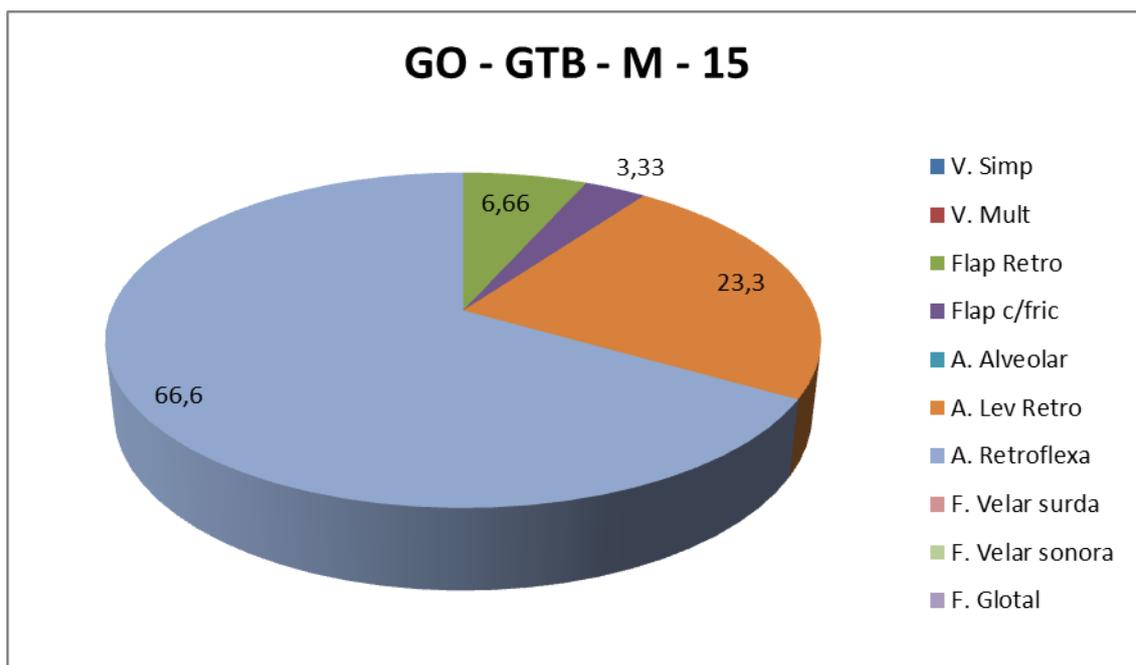


Figura 9- Realizações de róticas – Informante GO-GTB-M-15

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x].
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r].
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r].
- Coda medial: A maioria se realiza como retroflexa, como aproximante retroflexa[fo.ʔmiga].
- lagarta: [la'ga.ʔtə], carne: ['ka.mi], a palavra cerca se realiza na imagem como retroflexa cerca: ['se.ʔka] ['se.ʔka], como tepe retroflexo pernilongo: [peɾni'lõgo], borboleta: [boɾbo'letə], e as exceções urso: ['uɾssu].
- Coda final : Todas realizam-se como aproximante retroflexa [ɻ].

Observações:

1. As palavras *tamarindo* e *araticum* sofrem redução de vogal para [tama'rinu][aɾti'kũ] ou pode ser uma variante linguística da região.
2. A palavra *besouro* se realiza como [besouxu] na leitura, e [bisouru] na imagem.
3. Algumas imagens não foram identificadas pelo informante tendo sido lida como: *cocheira* como *estábulo*, *curral* como *gado*.
4. Esta informante apresenta na maioria das palavras um fechamento na vogal a como no exemplo: *cachoeira* [kə'ʃueira].

Esta informante apesar de apresentar um alto percentual de aproximante retroflexa (66,6), há também um percentual considerável de aproximante levemente retroflexa (23,3%).

4.2.2 Informante – GO-GTB-M-18

Quadro 10 - Dados gravação: Informante GO-GTB-M-18

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA			%	
	CODA		GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)		INTERVOC. (45/90)
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)					
VIBRANTE							
Simp r				X		X	
Mult r							
Flap Retro r	X-02						6,66
Flap c/fric r̥s							
APROXIMANTE							
Alveolar r	X-04						13,3
Lev Retro r̥							
Retroflexa r̠	X-24	X					80,0
FRICATIVA							
Velar surda x			X		X		
Velar sonora γ							
Glotal h							
Nº Ocorrência							
Percentual							

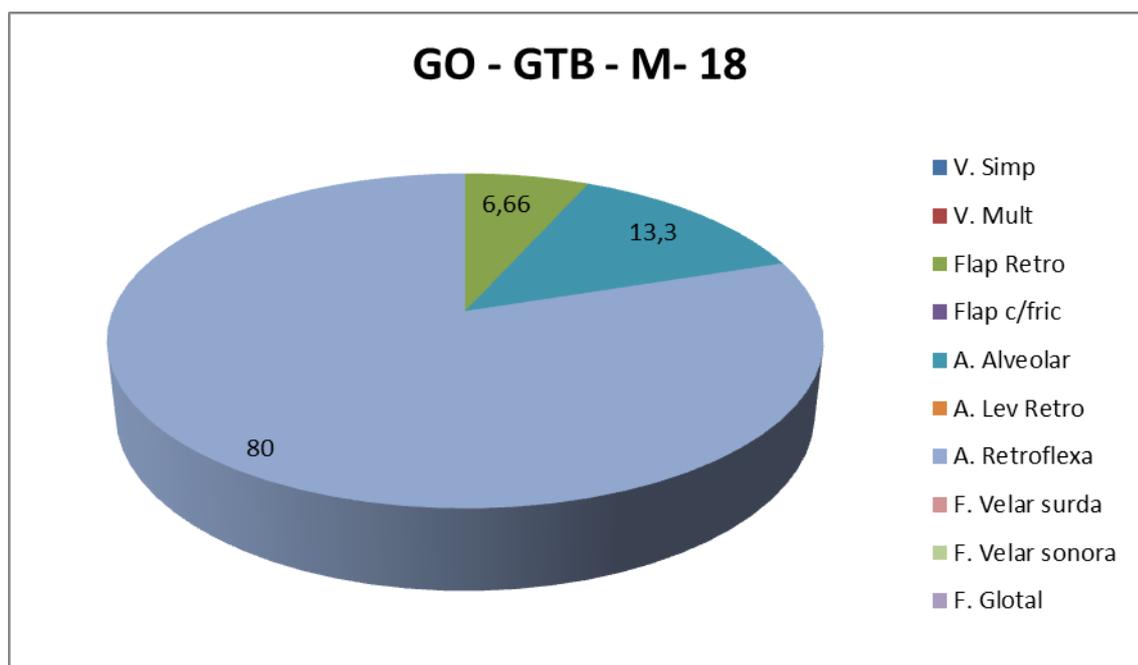


Figura 10 - Realizações de róticos – Informante GO-GTB-M-18

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x]
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r]
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r]
- Coda medial: A maioria se realiza como retroflexa e algumas como aproximante alveolar formiga: [foɾ'miɣa], urso: ['uɾsu]; tartaruga: [taɾtaɾuɣa]
- Coda final : Realizam-se como aproximante retroflexa [ɻ] .

Observações:

1. As palavras *tamarindo*, *araticum* e *abóbora* sofrem redução de vogal para [tama'rinu][aɾti'kũ] [a'bɔbra] ou pode ser uma variante linguística da região.
2. A palavra *besouro* se realiza como [besoxu] tanto na imagem quanto na leitura.
3. Algumas imagens não foram identificadas pelo informante tendo sido lidas da seguinte forma: *cocheira* como *estábulo* e *curral* como *gado*.

Este informante apresenta um alto percentual de 80% de aproximante retroflexa em sua fala.

4.2.3 Informante – GO-GTB-M-19

Quadro 11 - Dados gravação: Informante GO-GTB-M-19

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA				%	
	CODA		GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	INTERVOC. (45/90)		CODA MEDIAL %
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)						
VIBRANTE								
Simp r				X		X		
Mult r								
Flap Retro ɾ								
Flap c/fric ɾs								
APROXIMANTE								
Alveolar ɹ								
Lev Retro ɻ	X-08						26,6	
Retroflexa ɻ	X-22	X					73,3	
FRICATIVA								
Velar surda x			X		X			
Velar sonora ɣ								
Glotal h								
Nº Ocorrência								
Percentual								

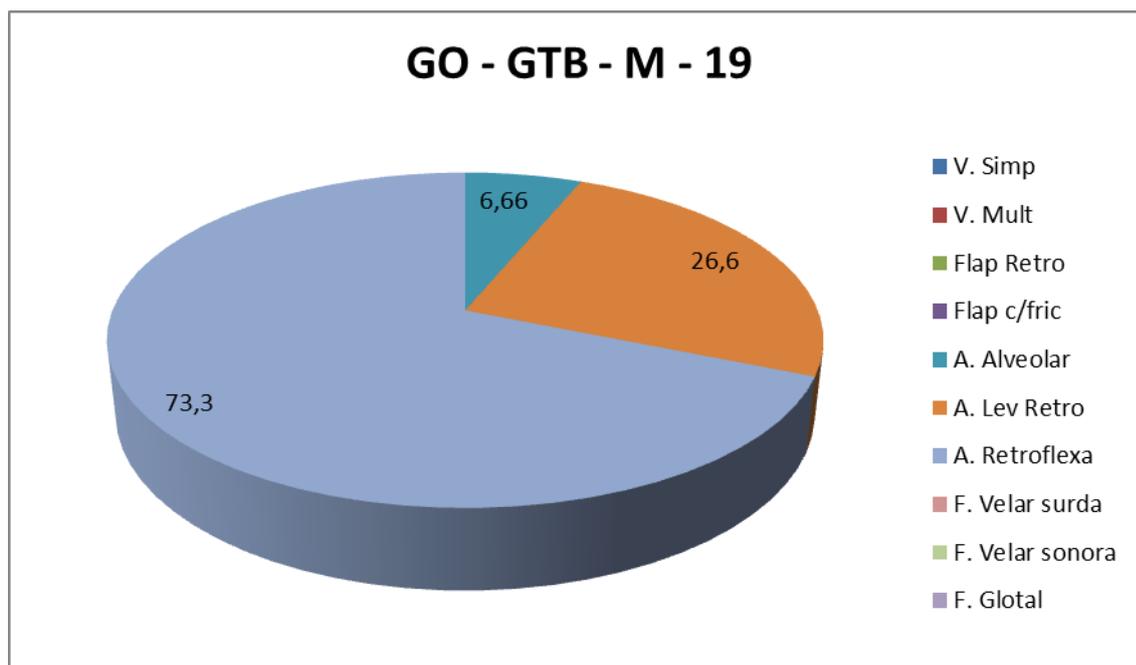


Figura 11 - Realizações de róticos – Informante GO-GTB-M-19

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x]
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r]
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r]
- Coda medial: A maioria se realiza como retroflexa, como aproximante alveolar
urso: [u.ɹsu]; aproximante levemente retroflexa borboleta:
[bo.ɹbo'leta], pernilongo: [pe.ɹne'lõgo], formiga: [fo.ɹmiga]
- Coda final : realizam-se como aproximante retroflexa .

Observações:

1. A palavra *araticum* sofre redução de vogal para ['a.ɹi'kũ].
2. A palavra *besouro* tem na leitura e imagem respectivamente a seguinte realização [besouru] [besoxu].

Este falante apesar de apresentar alto índice percentual de aproximante retroflexa (73,3%), há um índice considerável de realizações de aproximante levemente retroflexa.

4.2.4 Informante – GO-GTB-H-16

Quadro 12 - Dados gravação: Informante GO-GTB-M-16

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA				% CODA MEDIAL %
	CODA		GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	INTERVOC. (45/90)	
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)					
VIBRANTE							
Simp r				X		X	
Mult r							
Flap Retro r							
Flap c/fric rs							
APROXIMANTE							
Alveolar ɹ	X-02						6,66
Lev Retro ɻ	X-06						20,0
Retroflexa ɻ	X-22	X					73,3
FRICATIVA							
Velar surda x			X		X		
Velar sonora ɣ							
Glotal h							
Nº Ocorrência							
Percentual							

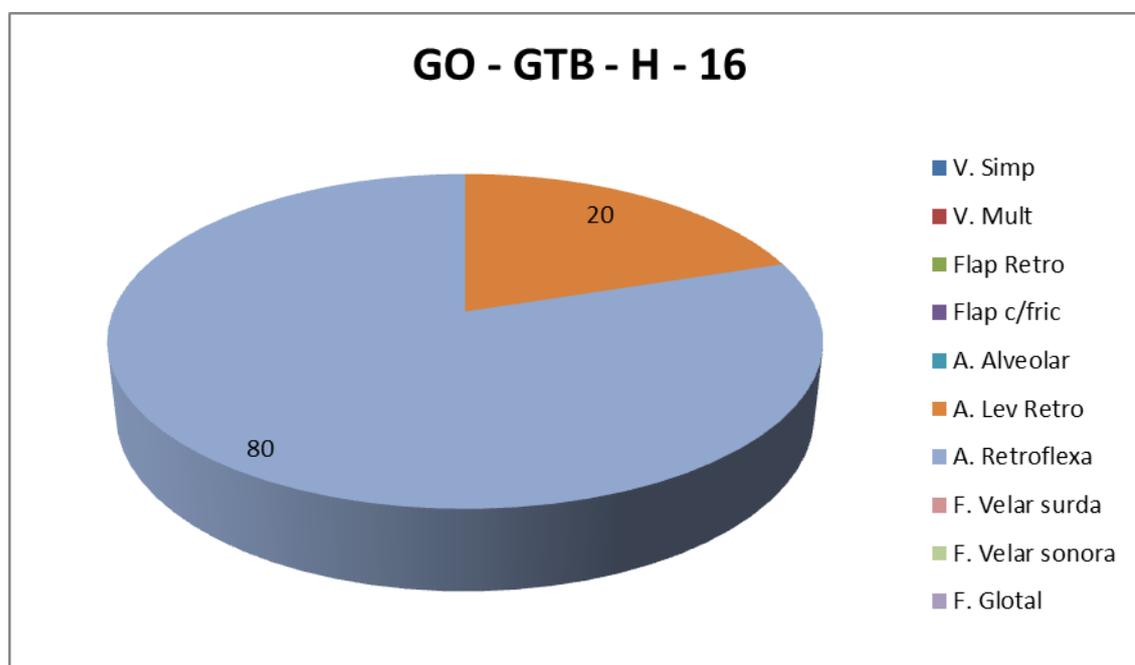


Figura 12 - Realizações de róticas – Informante GO-GTB-H-16

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x]
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r]
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r]

- Coda medial: A maioria se realiza como retroflexa; como aproximante alveolar urso: [ʉ̞.su]; aproximante levemente retroflexa borboleta: [bo̞bo'leta], pernilongo: [pe̞.ne'lõgo] e formiga: [fo̞'miga]
- Coda final: realizam-se como aproximante retroflexa [ɹ̞] .

Observações:

1. A palavra *tamarindo* realiza-se como [tuma'riɲu].
2. Algumas imagens não foram identificadas pelo informante, como por exemplo: *cocheira* lida como *estábulo*, *curral* como *gado*.

Este informante apresenta um percentual alto de aproximante retroflexa (73,3) mas apresenta um percentual considerável de aproximante levemente retroflexa (20%).

4.3 Uberlândia

4.3.1 Informante – MG-UBE-H-01

Quadro 13 Dados gravação: Informante MG-UBE-H-01

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA			% CODA MEDIAL %
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)	GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	
VIBRANTE						
Simp r				X		X
Mult r						
Flap Retro r						
Flap c/fric r̃s						
APROXIMANTE						
Alveolar ɹ		X-02				
Lev Retro ɹ̞	X-06					20%
Retroflexa ɹ̞	X-22	X-04				73,3
FRICATIVA						
Velar surda x			X		X	
Velar sonora γ	X-02					6,66
Glotal h						
Nº Ocorrência						
Percentual						

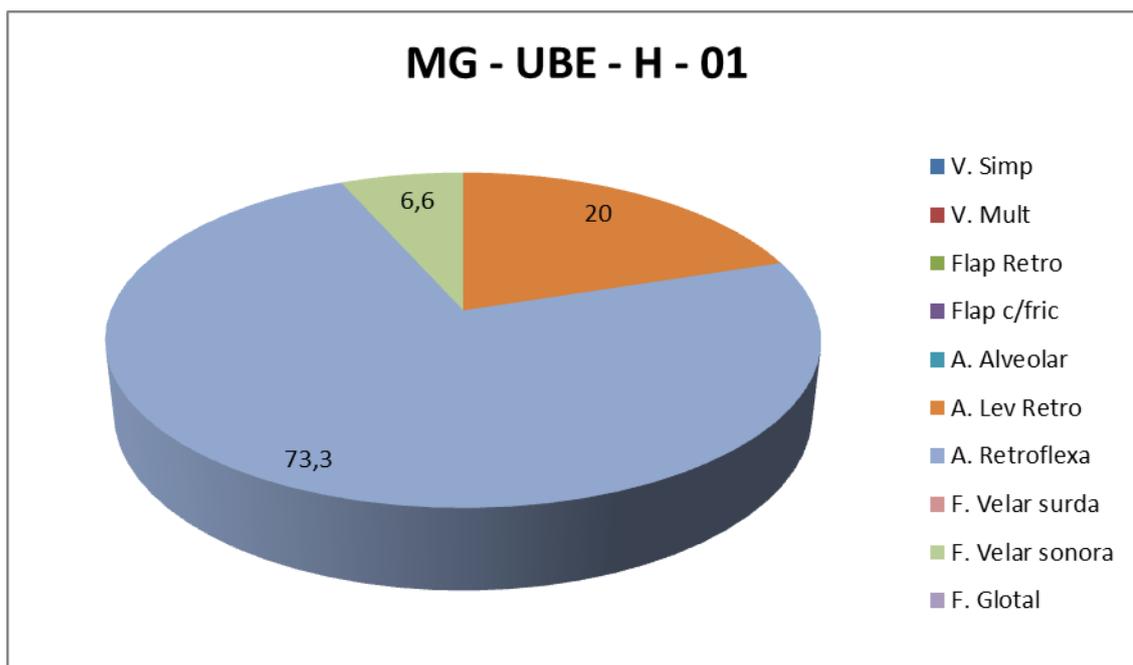


Figura 13 - Realizações de róticas – Informante MG-UBE-H-01

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x]
- Posição intervocálica: maioria das realizações como tepe [r], à exceção de *besouro* na imagem se realizou como fricativa velar [br'soxu].
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe [r]
- Coda medial: a maioria se realiza como retroflexa, havendo algumas exceções que se realizam como aproximante retroflexa tais como: *besouro*: [boʃbo'letə], *pernilongo*: [pe.ni'lõgo] e *formiga*: [foʃ'miga] e a palavra *urso* que se realiza como fricativa velar sonora ['uʃsu].
- Coda final: neste caso, das três palavras nesta posição, duas se realizaram como retroflexa e, em *couve-flor*: ['kovi-'floʃ] houve a realização aproximante alveolar.

Observações:

1. Algumas imagens não foram reconhecidas pelo informante, por exemplo, no campo semântico animais: *pássaro* identificado como *ave*, *tigre* como *onça*, *crocodilo* – como *jacaré*; no campo semântico alimentos: *hortelã* e *manjeriço* identificados como *erva*, *rabanete* como *verdura*, *couve-flor* como *brócolis*, no campo semântico frutas: *baru*, *carambola*, *amora* e *romã* foram identificados como *fruta*, *araticum* identificado como *graviola*, *celeiro* como *armazém* e *curral* como *gado*.
2. As seguintes palavras que tinham róticas intervocálicas foram lidas como grupo:
 - *Abóbora*: [a'bɔbrɐ] (leitura e imagem)

- Berinjela: [briɲ'ʒɛla] (curiosamente somente na leitura, embora estivesse dentro da frase veículo)
- Araticum: [aɾti'kũ] (também na leitura, embora estivesse dentro de frase veículo)
- Córrego: ['kɔɾgɔ] (somente na leitura)

A redução vocálica nas palavras *abóbora* e *berinjela*, acabam por mudar o contexto de tepe para grupo consonantal, e no caso de *araticum*, de contexto intervocálico para coda medial.

3. A realização [bɾ'soxu] para a palavra *besouro* parece ser uma variante linguística comum na região.
4. A palavra *estribo* realiza-se como [is'trivu] havendo troca de b por v.

Este informante apresenta a inserção de uma vogal, ainda que em tempo rapidíssimo, em róticas constante de grupos consonantais.

Este informante apresenta um percentual elevado de aproximante retroflexa (73,3%), apresentando também um percentual considerável de aproximante levemente retroflexa (20%).

4.3.2 Informante – MG-UBE-H-02

Quadro 14 - Dados gravação: Informante MG-UBE-H-02

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA				% CODA MEDIAL%
	CODA		GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	INTERVOC. (45/90)	
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)					
VIBRANTE							
Simp r				X		X	
Mult r							
Flap Retro r	X-04						13,3
Flap c/fric r̥s							
APROXIMANTE							
Alveolar r	X-04						13,3
Lev Retro r̥		X-01					
Retroflexa r̠	X-20	X-04					66,6
FRICATIVA							
Velar surda x			X		X		
Velar sonora ɣ	X-02	X-01					6,66
Glotal h							
Nº Ocorrência							
Percentual							

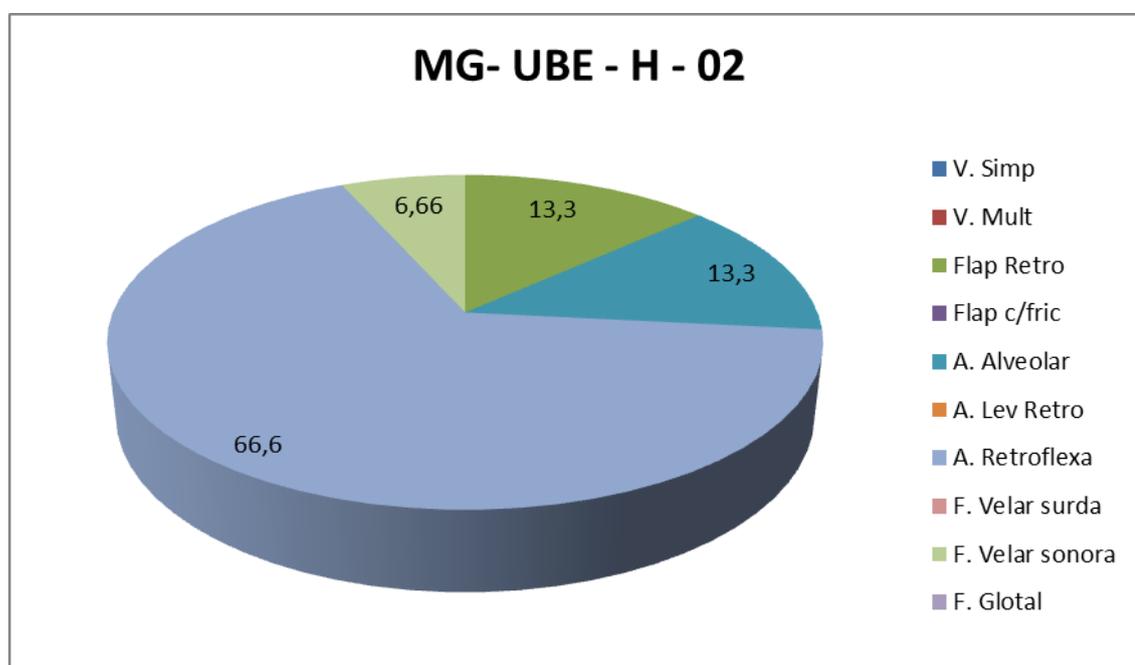


Figura 14 - Realizações de róticas – Informante MG-UBE-H-02

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x]
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r]
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r]

- Coda medial: a maioria se realiza como retroflexa, havendo algumas exceções: borboleta: [boʁbo'leta] que se realiza como tepe retroflexo; pernilongo: [peɾni'lõgo] que se realiza como fricativa velar sonora tanto em leitura quanto em imagem; urso: ['u:ɾsu] e formiga: [foɾmiga] que se realizam como aproximante alveolar, e tartaruga: [taɾtaɾuga] que se realiza como tepe retroflexo tanto na leitura quanto na imagem.
- Coda final: a maioria das realizações como retroflexa, à exceção de couve-flor que se realiza como fricativa velar sonora ['kuovi-'floɾ] na leitura e como aproximante levemente fricativa na imagem ['kowve-'flo:ɾ]

Observações:

1. A palavra *araticum* sofre redução vocálica de [a.ɾa.ti.kũ] para [a.ɾtikũ] realizando-se em ambos os casos como retroflexa.
2. As palavras a seguir foram identificadas, na imagem, da seguinte forma: *abóbora* como *moranga*; *rabanete* e *berinjela* como *verdura*; *manjeriço* como *espinafre*; *toras* como *lenha*, *cocheira* como *estábulo*, *estribo* como *arreio* e *bota* e, *curral* como *gado*.

Este informante apresenta um percentual de aproximante retroflexa (66,6) embora apresente outros dois percentuais de 13,3% de aproximante alveolar e tepe retroflexo.

4.3.3 Informante – MG-UBE-H-14

Quadro 15 - Dados gravação: Informante MG-UBE-H-14

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA			%
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)	GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	
VIBRANTE						
Simp r				X		X
Mult r						
Flap Retro r	X-02					6,66
Flap c/fric rs						
APROXIMANTE						
Alveolar ɹ						
Lev Retro ɹ	X-04					13,3
Retroflexa ɹ	X-24					80,0
FRICATIVA						
Velar surda x			X		X	
Velar sonora ɣ						
Glotal h						
Nº Ocorrência						
Percentual						

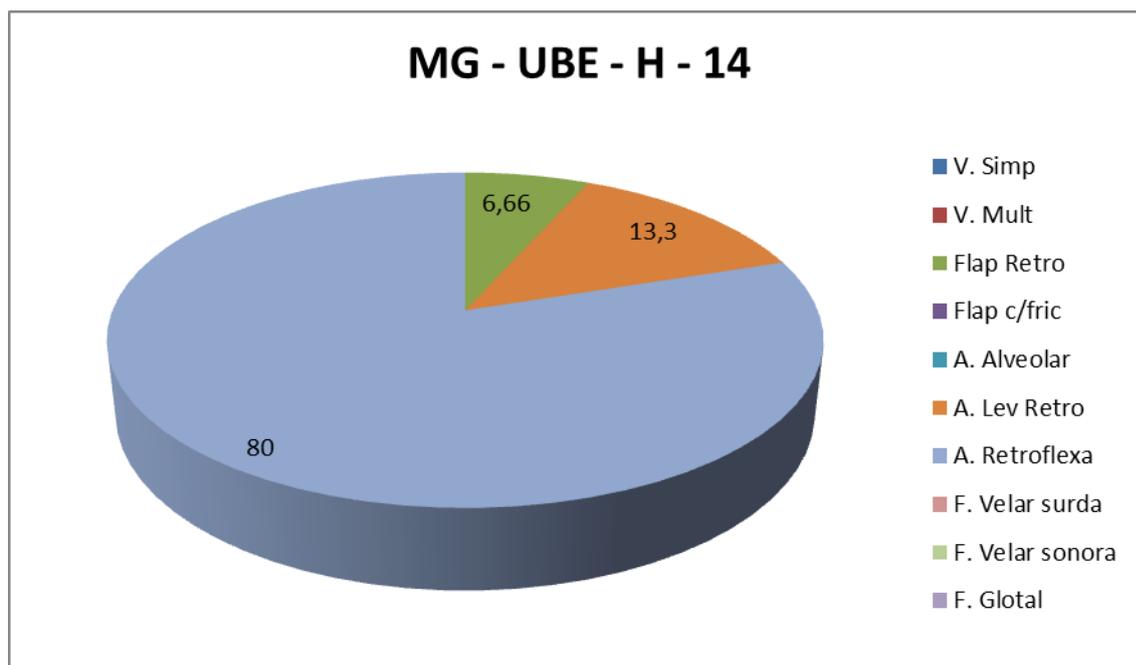


Figura 15 - Realizações de róticas – Informante MG-UBE-H-14

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x]
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r]
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r]
- Coda medial: a maioria se realiza como retroflexa [ɺ], havendo algumas exceções: borboleta: [boʁbo'leta] que se realiza como tepe retroflexo; urso: [u.ɾsu] e formiga: [fo.ɾmiga] que se realizam como aproximante levemente retroflexa;

Observações:

1. A palavra *abóbora* na imagem é [a'bɔbɔ̃rɔ] e na leitura realiza-se como [a'bɔbrɔ] considerando estar dentro de uma frase veículo.
2. Nos seguintes casos não houve identificação da imagem com a palavra. As seguintes imagens foram lidas como: *cocheira* como *estábulo* e *curral* como *gado*.

Este falante apresenta um alto percentual de aproximante retroflexa (80%).

4.3.4 Informante – MG-UBE-M-03

Quadro 16 - Dados gravação: Informante MG-UBE-M-03

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA				% CODA MEDIAL %
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)	GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	INTERVOC. (45/90)	
VIBRANTE							
Simp r				X		X	
Mult r							
Flap Retro r							
Flap c/fric rs							
APROXIMANTE							
Alveolar ɹ	X-02						6,66
Lev Retro ɻ	X-06	X-02					20,0
Retroflexa ɻ	X-18	X-04					60,0
FRICATIVA							
Velar surda x			X		X		
Velar sonora ɣ	X-04						13,3
Glotal h							
Nº Ocorrência							
Percentual							

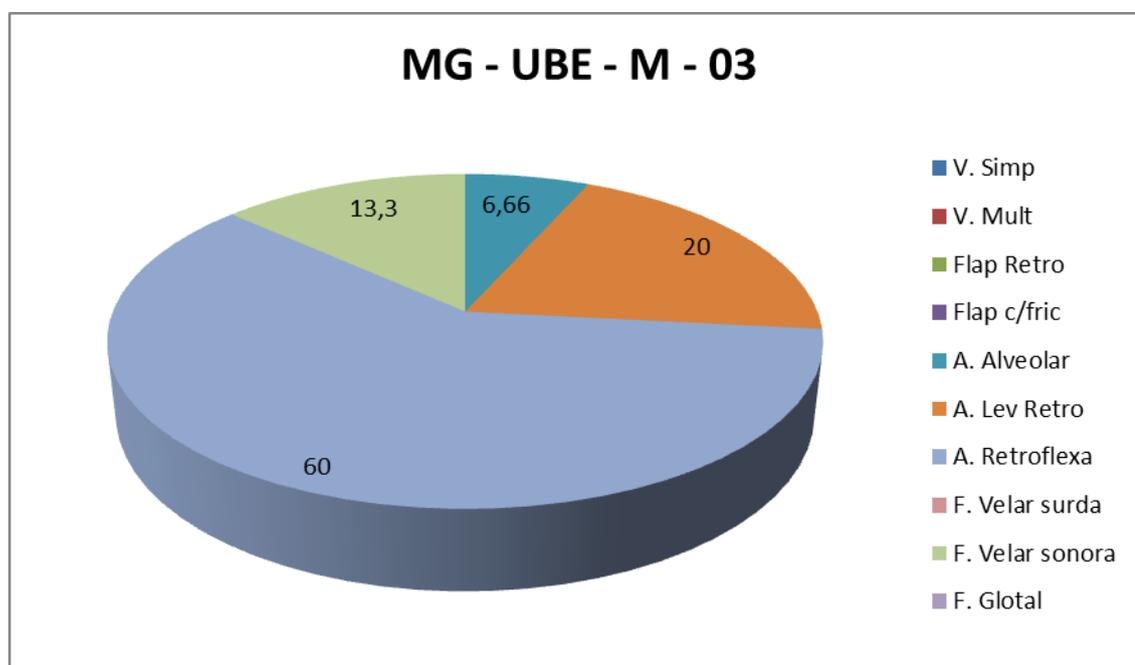


Figura 16 - Realizações de róticas – Informante MG-UBE-M-03

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x]
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r]
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r]

- Coda medial: a maioria se realiza como retroflexa [ɺ], o restante apresenta uma variedade entre fricativa velar sonora como em porco: [ˈpoɣkɐ] tanto na leitura quanto na imagem formiga: [fɔɣmiga], tartaruga: [taɣtaruga] , como aproximante alveolar pernilongo [pe.ɪneˈlõgo] e aproximante levemente retroflexa borboleta: [bo.ɻboˈletɐ], hortelã: [ˈo.ɻtelã] e ervilha: [ˈe.ɻviʎɐ].
- Coda final: como retroflexa, exceto *couve-flor* que se realiza como aproximante levemente retroflexa [koˈve-ˈflo.ɻ] .

Observações:

1. A palavra *abóbora* na leitura realiza-se como [aˈbɔbɔ̃rɐ] e na imagem realiza-se como [aˈbɔbrɐ].
2. As seguintes palavras foram identificadas na imagem de forma diferente, como por exemplo: *baru* como *cacau*, *seriguela* como *limãozinho*, *carambola* como *acerola*, *empregado* como *trabalhador*, *cocheira* como *estábulo*, *estribo* como *espora* e *bota*.
3. A realização [brˈsoxu] para a palavra *besouro* parece ser uma variante linguística comum na região.

Esta informante apresenta percentual de 60% de aproximante retroflexa e 20% de aproximante levemente retroflexa.

4.3.5 Informante – MG-UBE-M-04

Quadro 17 - Dados gravação: Informante MG-UBE-M-04

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA				%	
	CODA		GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	INTERVOC. (45/90)		CODA MEDIAL %
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)						
VIBRANTE								
Simp r				X		X		
Mult r								
Flap Retro r								
Flap c/fric r̃s								
APROXIMANTE								
Alveolar ɹ								
Lev Retro ɹ	X-03	X-02					10,0	
Retroflexa ɹ	X-24	X-04					80,0	
FRICATIVA								
Velar surda x			X		X			
Velar sonora γ	X-03						10,0	
Glotal h								
Nº Ocorrência								
Percentual								

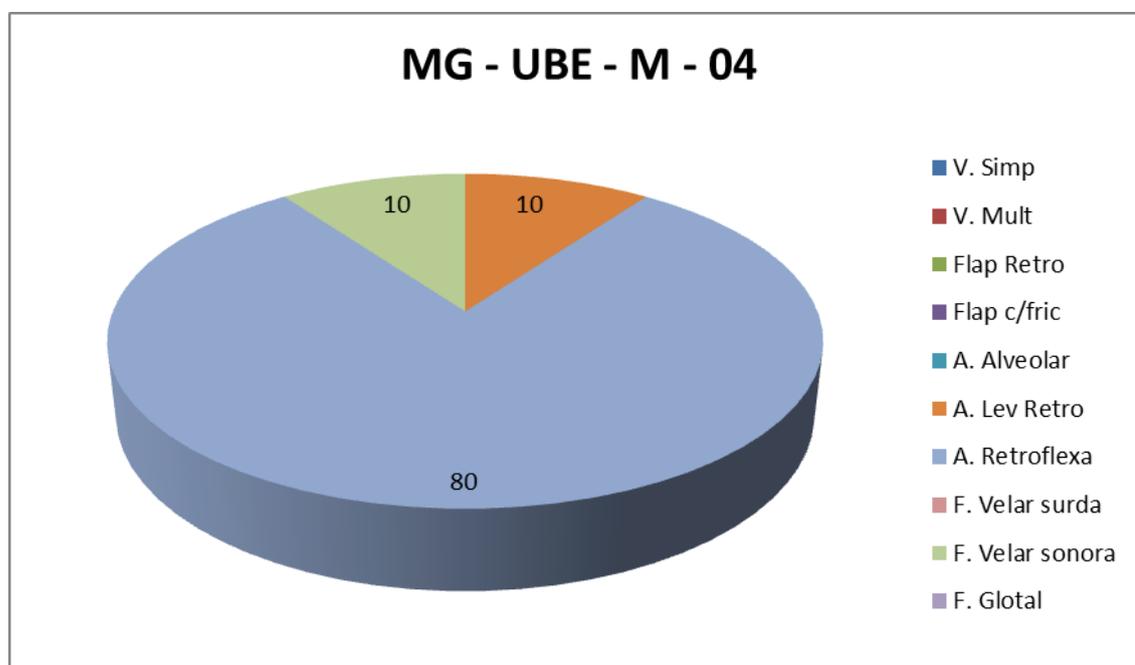


Figura 17 - Realizações de róticas – Informante MG-UBE-M-04

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x]
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r]

- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r]
- Coda medial: Algumas se realizam como retroflexa [ɻ], havendo, contudo uma variação entre fricativa velar sonora como nos exemplos e aproximante levemente retroflexa. Note-se que a primeira ocorrência refere-se a leitura e a segunda imagem, como nos exemplos a seguir: borboleta: [boɣbo'leta][boɻbo'leta], pernilongo: [peɣni'lõgo], formiga: [foɻ'miga], urso: ['uɻsu] em ambos, tartaruga: [taɻtaruga] [taɻtaruga], ervilha: ['eɻviɻa] ['eɻviɻa], e neste caso na imagem uma aproximante alveolar carne: ['kaɻni] ['kaɻni].
- Coda final: a única exceção é couve-flor: [ko've-'floɻ] , e o restante se realiza como retroflexa .

Observações:

1. A palavra *abóbora* na leitura realiza-se como [a'bɔbɔɾə] e na imagem realiza-se como [a'bɔbrə].
2. As seguintes palavras foram identificadas na imagem de forma diferente, como por exemplo: *crocodilo* como *jacaré*, *pernilongo* como *formiga* , *jacaré* como *crocodilo*, *guaraná* como *graviola*, *aceiro* como *arado*, *toras* como *madeira*, *empregado* como *enxada* e *trabalhador rural*, *casarão* como *casa*, *córrego* como *lago*, *cocheira* como *aras* e *baia*, *espingarda* como *arma*, *estribo* como *bota*, *espora* como *montaria*, *ordenha* como *leite*, *curral* como *boiada* e *esterco* como *cocô*.
3. A realização [br'soxu] para a palavra *besouro* parece ser uma variante linguística comum na região.

Esta informante apresenta percentual alto de 80% de aproximante retroflexa.

4.3.6 Informante – MG-UBE-M-13

Quadro 18 - Dados gravação: Informante MG-UBE-M-13

REALIZAÇÕES	POS.		SÍLABA			% CODA MEDIAL %
	MEDIA (15/30)	FINAL (03/06)	GEMIN (07/14)	GRUPO CONS. (14/28)	INÍCIO PALAV (08/16)	
VIBRANTE						
Simp r				X		X
Mult r						
Flap Retro r	X-02					
Flap c/fric rs						
APROXIMANTE						
Alveolar ɹ						
Lev Retro ɹ						
Retroflexa ɻ	X—26	X				
						86,6
FRICATIVA						
Velar surda x			X		X	
Velar sonora ɣ	X-02					
						6,66
Glotal h						
Nº Ocorrência						
Percentual						

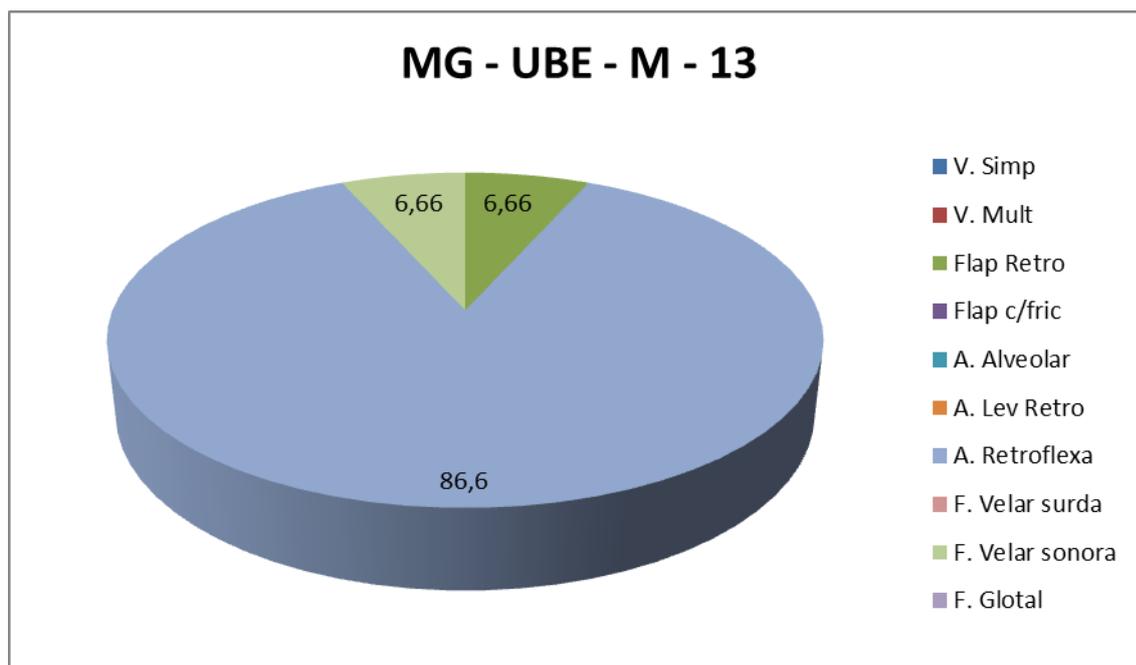


Figura 18 - Realizações de róticas – Informante MG-UBE-M-13

- Início de palavra: todas as realizações como fricativa velar [x].
- Posição intervocálica: todas as realizações como tepe. [r].
- Grupo consonantal: todas as realizações como tepe. [r].
- Coda medial: Algumas se realizam como retroflexa [ɻ], havendo, contudo uma variação entre elas. Note-se que a primeira ocorrência refere-se a leitura e a segunda imagem, como nos exemplos a seguir: borboleta e tartaruga realizam-se como tepe retroflexo [boʁbo'leta][taʁtaruga], os outros exemplos apresentam mais de uma variante como urso: [ˈuɾsu][ˈuʁsu polaɻ], pernilongo: [pe.ɻni'lõgo] [peɻni'lõgo] [peɻni'lõgo], hortelã: [ˈoʁtelã].
- Coda final: realiza-se como retroflexa

Observações:

1. A realização [b'i'soxu] para a palavra *besouro* parece ser uma variante linguística comum na região, embora na imagem se realize como [besoɻu].
2. As palavras *araticum* e *córrego* realizam-se como [a.ɻti'kũ] e ['ko.ɻgo], apresentando uma redução de vogal.
3. As seguintes palavras foram identificadas na imagem de forma diferente, tais como: *cocheira* como *estábulo*, *curral* como *gado*.

Esta informante apresenta alto percentual de aproximante retroflexa (80%).

4.4 Análise dos resultados

Nesta seção, apresentam-se os dados compilados por cidade pesquisada, a fim de comparar as realizações de cada uma. Abaixo, quadro com a descrição de róticas nas cidades foco, a partir dos dados de campo obtidos.

Quadro 19 - Ocorrências de róticas nas cidades pesquisadas (%)

REGIÕES	Tepe			Aproximante			Fricativa		
	Alveolar	Flap Retroflexo	Flap com Ficção	Alveolar	Levemente Retroflexo	Retroflexo	Velar		Glotal
							Surda	Sonora	
CENTRO-OESTE									
*Goiânia – GO	-	1,99	-		11,28	62,62	-	20,64	0,6
*Goiatuba – GO	4,97	3,32	0,8		17,47	73,3	-	-	-
SUDESTE									
*Uberlândia – MG	3,31	4,41			10,55	74,42		7,18	

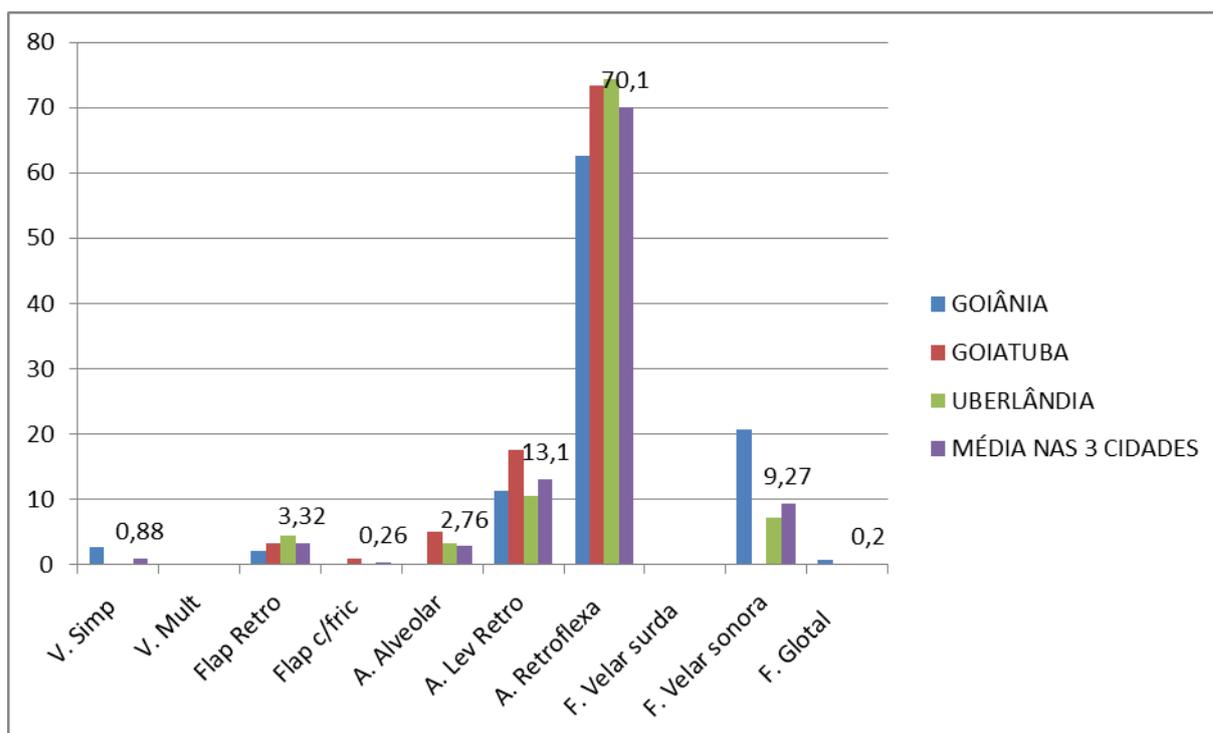


Figura 19 - Média entre as 3 cidades: realizações das róticas em posição de coda

4.4.1 Goiânia

Na cidade de Goiânia, trabalhou-se com duas informantes do sexo feminino GO-GYN-M-06 e GO-GYN-M-12 e com três informantes do sexo masculino GO-GYN-H-05, GO-GYN-H-09 e GO-GYN-H-11. Os dados apontam os seguintes percentuais: GO-GYN-M-06 apresenta 66,6% de fricativa velar sonora, 13,3% de aproximante levemente retroflexa e 6,66 de aproximante retroflexa. Para a informante GO-GYN-M-12 há presença de 46,6% de aproximante retroflexa e 16,6% de aproximante levemente retroflexa. O informante GO-GYN-H-05 apresenta 83,3% de aproximante retroflexa e 13,3% de aproximante levemente retroflexa; O informante GO-GYN-H-09 apresenta 83,3% de aproximante retroflexa e 6,66% de aproximante levemente retroflexa. O informante GO-GYN-H-11 apresenta 93,3% de aproximante retroflexa e 6,66% de aproximante levemente retroflexa.

Nesta cidade, observou-se que nos falantes masculinos há um percentual bem alto de realizações de aproximante retroflexa, apontando como uma característica bem regular; nas mulheres a variação das róticas é mais irregular, inclusive, em uma das falantes GO-GYN-M-06 a ocorrência de realizações retroflexas apresenta o menor índice, sendo predominante em sua fala a fricativa velar sonora, corroborando uma possível tendência apontada por Callou e

Leite (2002, p. 34-38) sobre variação linguística que considera aspectos como gênero. Neste caso, observa-se a tendência das mulheres neutralizarem mais que os homens as marcas de menos prestígio. Em Goiânia, o percentual maior é de ocorrência de aproximantes retroflexas com 62,62%, seguido da fricativa velar sonora com um percentual de 20,64%, em função da informante citada. Isso acaba sendo uma exceção, uma vez que a realização da fricativa velar é baixíssima nos outros informantes.

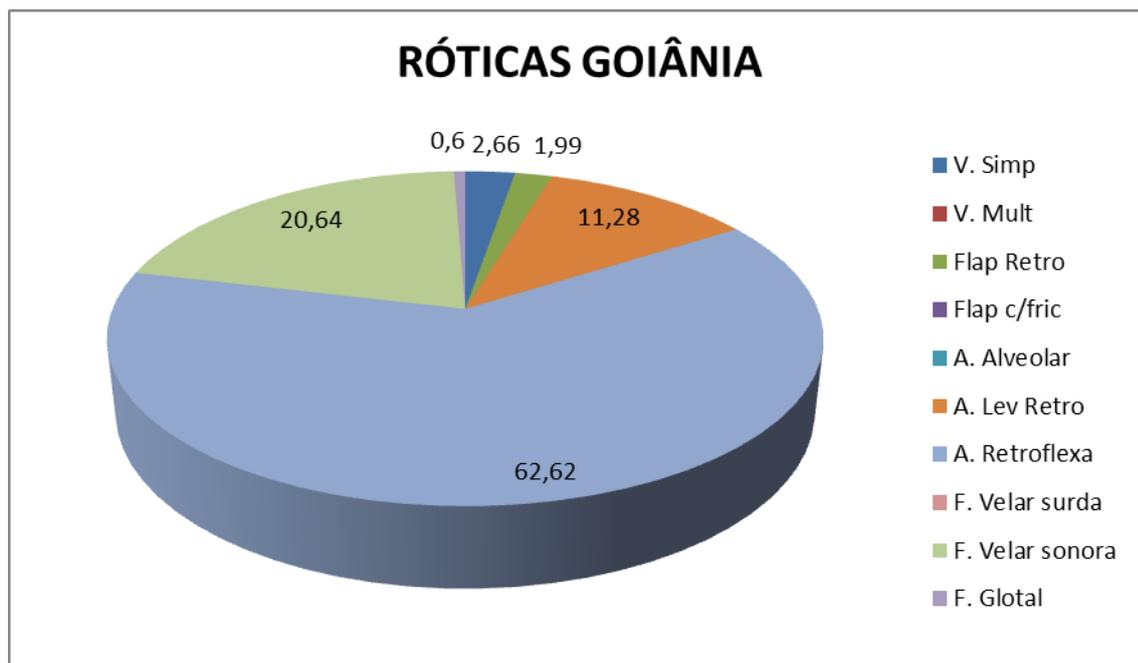


Figura 20 - Realizações de róticas em coda em Goiânia

4.4.2 Goiatuba

Na cidade de Goiatuba trabalhou-se com três informantes do sexo feminino: GO-GTB-M-15, GO-GTB-M-18, GO-GTB-M-19 e com um informante do sexo masculino: GO-GTB-H-16. Os dados apontam os seguintes percentuais: a informante GO-GTB-M-15 apresenta 66,6% de aproximante retroflexa e 23,3% de aproximante levemente retroflexa. A informante GO-GTB-M-18 apresenta 80,3% de aproximante retroflexa e 6,66% de flap retroflexo. A informante GO-GTB-M-19 apresenta 73,3% de aproximante retroflexa e 26,6% de aproximante levemente retroflexa. O informante GO-GYN-H-16 apresenta 80% de aproximante retroflexa e 20% de aproximante levemente retroflexa.

Nesta cidade há a predominância da aproximante retroflexa (73,3%) entre os informantes, seguida de aproximante levemente retroflexa, com 17,47% de ocorrência, confirmando a tendência à retroflexão.

Embora não seja foco deste estudo, os resultados mostram haver uma grande ocorrência de fechamento da vogal “a” em muitas palavras, tais como, *graviola*: [grəvi'ɔla], *cachoeira*: [kə'ʃœira], em especial na informante GO-GTB-M-15, embora ocorra com outros informantes desta cidade, contudo, com menor frequência.

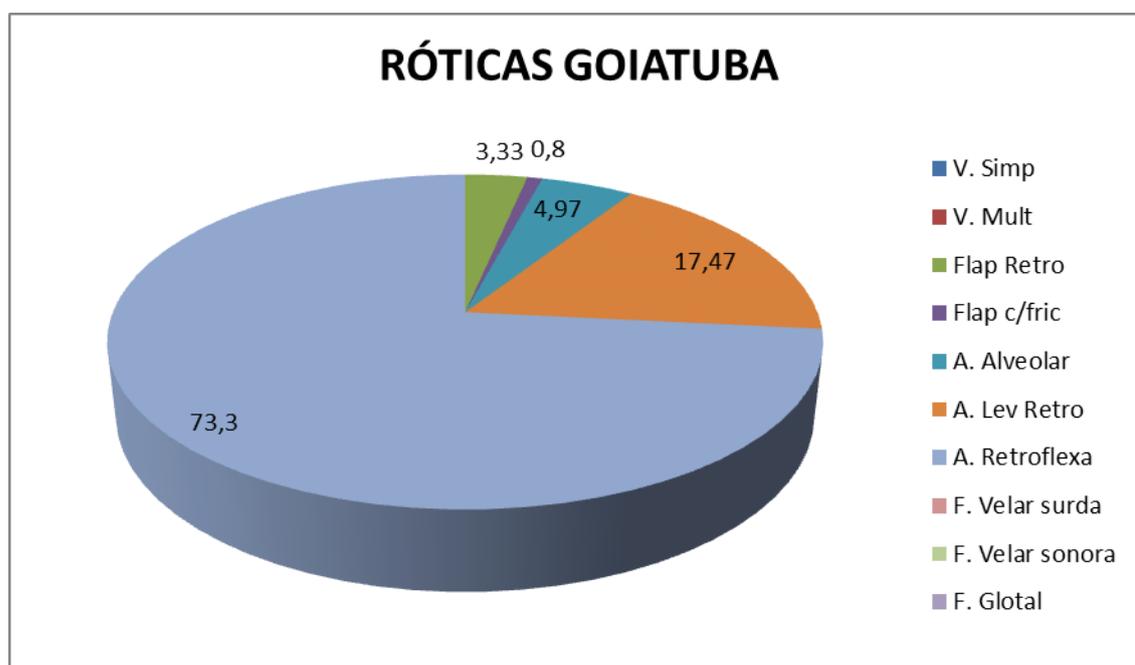


Figura 21 - Realizações de róticas em coda em Goiatuba

4.4.3 Uberlândia

Na cidade de Uberlândia trabalhou-se com três informantes do sexo feminino MG-UBE-M-03, MG-UBE-M-04 e MG-UBE-M-13, e, com três informantes do sexo masculino: MG-UBE-H-01, MG-UBE-H-02 e MG-UBE-H-14. Os dados apontam os seguintes percentuais: a informante MG-UBE-M-03 apresenta 60% de aproximante retroflexa e 20% de aproximante levemente retroflexa. A informante MG-UBE-M-04 apresenta 80% de aproximante retroflexa e 10% de aproximante levemente retroflexa. A informante MG-UBE-M-13 apresenta 86,6% de aproximante retroflexa e 6,66 de aproximante levemente retroflexa. O informante MG-UBE-H-01 apresenta 73,3% de aproximante retroflexa e 20% de aproximante levemente retroflexa. O informante MG-UBE-H-02 apresenta 66,6% de aproximante retroflexa e 13,3% de Flap retroflexo. O informante MG-UBE-H-14 apresenta 80% de aproximante retroflexa e 13,3% de Flap retroflexo.

Nesta cidade os resultados indicam a predominância da aproximante retroflexa com um percentual de 74,42%.

Em Uberlândia, o informante MG-UBE-H-01 apresenta, em sua fala, o acréscimo de uma vogal entre uma consoante e uma rótica nos grupos consonânticos; esse elemento vocálico tem duração muito rápida e quase imperceptível. A fim de observar melhor este fenômeno, acrescentou-se ao corpus gravações com palavras dentro de uma frase, contendo duas ou três ocorrências de grupos consonânticos; foram elaboradas frases com os seguintes grupos fr, vr, br e pr; observou-se que este fenômeno parece ocorrer apenas nos grupos br e pr quando seguidos das vogais “a” e “e”.

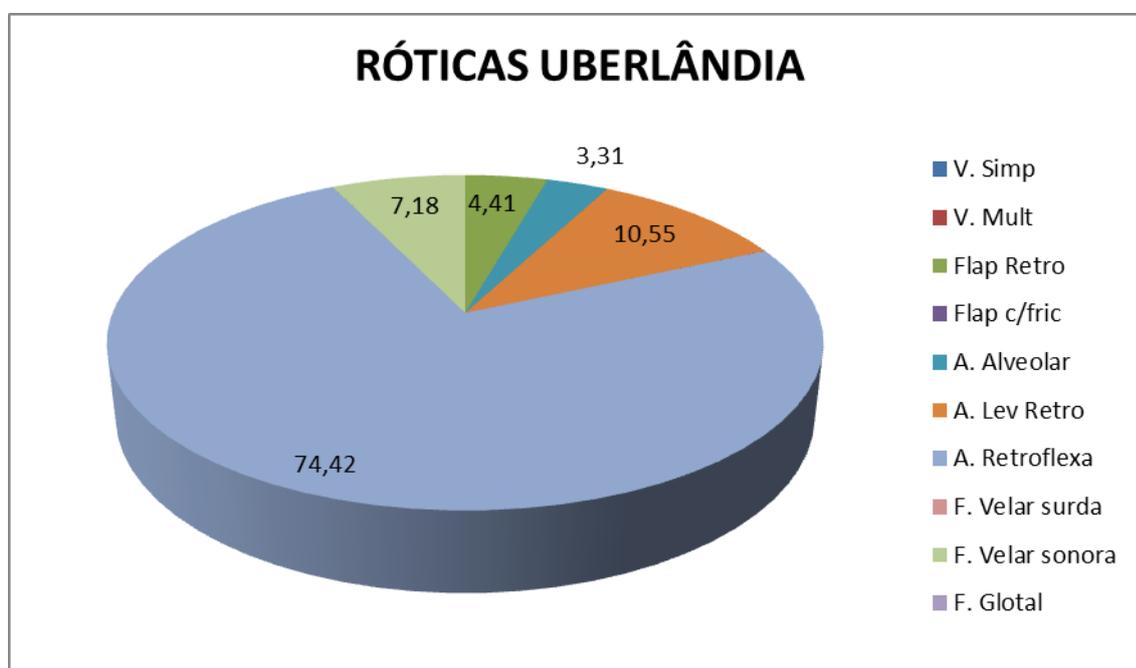


Figura 22 - Realizações de róticas em coda em Uberlândia

Em relação às róticas observou-se nas três cidades que em início de palavra ocorre sempre r-forte [x], corroborando dados de Callou & Leite, e em grupo consonântico ocorre sempre r-fraco [r], corroborando dados de Nascentes. Em coda final observou-se a ocorrência de aproximante retroflexa nas três cidades.

Ao se comparar os quadros de ocorrência de róticas em coda medial, observa-se a ocorrência de 62,62% de aproximante retroflexa em Goiânia, 73,3% de aproximante retroflexa em Goiatuba e 74,42% de aproximante retroflexa em Uberlândia. O percentual médio de ocorrência dessa rótica em coda medial nas três cidades é de 70,1%, o que aponta a presença da retroflexão nas referidas cidades.

Os resultados apontam a ocorrência de situações semelhantes nas três cidades, como por exemplo, o fato de haver dificuldade em identificar a imagem proposta em alguns slides, havendo a enunciação de outro vocábulo não selecionado; a referida dificuldade ocorreu, em geral, com slides referentes aos campos semânticos de alimentos e de fazenda.

Outra ocorrência comum foi em relação à palavra *besouro*. É interessante notar que a referida palavra, de acordo com sua ortografia e com sua forma em várias regiões do Brasil, apresenta o fonema r-fraco, contudo, nestas cidades sempre se realiza como fricativa velar [besoxu], revelando a existência de um r-forte na subjacência. O fato de essa realização incidir nas três cidades pesquisadas pode ser um indício de uma variante linguística da região.

Observou-se, ainda, nas três cidades, uma tendência à redução vocálica das seguintes palavras: *araticum* como [aːtikũ], *abóbora* como [a'bõbrø] na maioria dos informantes; na palavra *córrego* como [kõːgo] em dois informantes, e na palavra *berinjela* como [briñ'zela] em um informante. Notou-se, ainda, uma redução de consoante na palavra *tamarindo* como [tama'rinõ] em três informantes. Notou-se que essas reduções aparecem com mais frequência dentro do contexto da frase veículo, demonstrando, assim, mais naturalidade na leitura das palavras.

4.5 Discussão

Uma vez descritas as róticas presentes nos falares de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia, e na tentativa de conhecer melhor a realidade linguística das cidades em foco, decidiu-se cruzar estes dados com outros disponíveis a respeito dos falares das regiões onde se encontram as mesmas. O objetivo é tentar responder às perguntas motivadoras desta pesquisa.

À primeira pergunta, se estas cidades fariam parte da mesma região linguística, considerando a similaridade no falar dos habitantes desses estados, apesar de Uberlândia-MG pertencer à Região Sudeste e as cidades de Goiatuba-GO e Goiânia-GO pertencerem à Região Centro-Oeste, procurou-se inicialmente identificar as distâncias entre as cidades, conforme explicitado na seção 1.1. **Panorama histórico-geográfico**. O fato de haver menos de 200 km entre uma cidade e outra, ou seja, existir bastante proximidade entre elas, reforça a hipótese de influência linguística nas localidades citadas. A partir daí, buscou-se em atlas linguísticos e no mapa de divisão dialetal, proposto por Antenor Nascentes, indicações que levassem a uma

conclusão sobre sua classificação, considerando que em suas pesquisas em relação da Divisão Dialetal do Brasil, há observância também de aspectos fonético-fonológicos.

Com base nestas informações procurou-se analisar o mapa da divisão dialetal do Brasil, proposto por Nascentes (Figura 2), na tentativa de identificar em que grupo e em que sub-falares as cidades pesquisadas se enquadrariam. Embora o mapa não detalhe a localização das cidades em foco, neste estudo, supomos que elas pertençam à mesma região linguística, a do sub-falar sulista, da qual fazem parte os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, o Sul de Minas e o Triângulo mineiro onde se encontra a cidade de Uberlândia e o Sul do estado de Goiás, onde se encontram as cidades de Goiatuba e Goiás.

Procurou-se, a partir daí, identificar os aspectos que envolveram as pesquisas de Nascentes e dos atlas linguísticos organizados pelo Projeto ALiB²⁴. Observou-se que os atlas linguísticos, quando de sua elaboração observam alguns quesitos entre eles a leitura obrigatória da obra de Nascentes *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958-1961), e a observação de técnicas de recolha de dados quando da organização de questionários a serem aplicados. Segundo o Projeto Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul de pesquisa apresentado à FINEP em janeiro de 1988, com base na elaboração do Atlas linguístico de Nascentes, por exemplo, o questionário compreende três partes e segue as seguintes recomendações:

a) lexical, subdividida em geral e específica; b) fonético-fonológica, “que objetivará o registro de certos traços fonético-fonológicos: segmentais (vogais, semivogais e consoantes) e supra-segmentais (acentos)”; c) morfossintática, “que conterà certos traços morfossintáticos, tais como as formas de tratamento, o sistema de pronomes pessoais, a concordância nominal e verbal”.

Acredita-se que haja relações fonético-fonológicas entre as falas das localidades pertencentes ao grupo sulista e as falas das cidades pesquisadas. Apesar de se ter a informação, que o QFF “inclui questões para apuração de diferenças prosódicas” (PEREIRA DA SILVA, s/data)²⁵ e que Nascentes ao dividir os falares brasileiros em seis subfalares, reunidos em dois grupos “norte e sul”, afirmou que o que caracteriza esses grupos “é a cadencia e a existência de pretonicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente.” (NASCENTES, 1953, p. 25), ou seja, a ocorrência de vogais abertas

²⁴ Projeto ALiB (Projeto Atlas Linguístico do Brasil): projeto em desenvolvimento que visa o mapeamento linguístico do Brasil

²⁵ “Geografia linguística, especialmente luso-brasileira e românica” Informações disponíveis na internet, organizadas por José Pereira da Silva (sem data). Disponível em <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/geografia_linguistica.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2013.

(pretónicas) caracteriza a região norte enquanto a ocorrência de vogais fechadas caracteriza a região sul, bastando, segundo ele, a enunciação de uma frase para poder identificar a que grupo pertencem; esses aspectos não são conclusivos para a comparação com os dados das cidades pesquisadas na Região Centro-Oeste; contudo considerando que nos estados que fazem parte do grupo sul existam ocorrências de róticas aproximantes retroflexas que constituem o falar caipira, concluímos que as cidades pesquisadas são parte do grupo sul dadas a ocorrência das mesmas características linguísticas.

Procurou-se identificar outros pontos linguísticos de interseção entre as cidades pesquisadas. O ALiB quando da organização dos atlas linguísticos de determinadas regiões, realizou pesquisas em duas cidades das cidades foco deste trabalho. Nas Quadros 20 e 21 referentes às pesquisas realizadas pelo Projeto ALiB, observa-se que nos estudos comparativos das cidades de Uberlândia e Goiânia há semelhanças e proximidades linguísticas nestas cidades (conforme destacado em **negrito**), indicando, naquelas cidades, semelhança com aspectos destacados por Nascentes, entre eles, os fonológicos.

No quadro 20, a seguir, há demonstração de vinte e três localidades pesquisadas pelo projeto ALiB em Minas Gerais, na qual se pode perceber que há coincidência, em dezessete cidades, com aspectos pesquisados na proposta de Antenor Nascentes, conforme já mencionado anteriormente.

Quadro 20 - Cidades pesquisadas pelo Projeto ALiB no Estado de Minas Gerais

Confronto entre as localidades do Estado de Minas Gerais e os pontos de Nascentes	
Pontos do ALiB	Coincidências com Nascentes
Januária (127)	Sim
Janaúba (128)	Sim
Pedra Azul (129)	Não
Unaí (130)	Não
Montes Claros (131)	Sim
Pirapora (132)	Sim
Teófilo Otoni (133)	Sim
Diamantina (134)	Sim
Uberlândia (135)	Sim
Patos de Minas (136)	Sim
Campina Verde (137)	Não
Belo Horizonte (138)	Sim
Ipatinga (139)	Não
Passos (140)	Sim
Formiga (141)	Sim

Quadro 20 – Cidades pesquisadas pelo Projeto ALiB no Estado de Minas Gerais (conclusão)

Confronto entre as localidades do Estado de Minas Gerais e os pontos de Nascentes	
Pontos do ALiB	Coincidências com Nascentes
Ouro Preto (142)	Sim
Viçosa (143)	Sim
Lavras (144)	Sim
São João del Rei (145)	Sim
Muriaé (146)	Sim
Poços de Caldas (147)	Sim
Juiz de Fora (148)	Sim
Itaiubá (149)	Não

Fonte: Cf. Projeto Atlas Linguístico do Brasil (s. d.).

No quadro 21, a seguir, observa-se em dados do mapa linguístico do Estado de Goiás, ainda em andamento, das nove localidades que participaram das pesquisas do ALiB, cinco apresentam coincidências com aspectos observados pela proposta de Antenor Nascentes.

Quadro 21 - Cidades pesquisadas pelo Projeto ALiB no Estado de Goiás

Confronto entre as localidades do Estado de Goiás e os pontos de Nascentes	
Pontos do ALiB	Coincidências com Nascentes
Alvorada do Norte (119)	Não
Aruanã (120)	Não
Caldas Novas (125)	Não
Formosa (121)	Sim
Goiânia (123)	Sim
Goiás (122)	Sim
Jataí (124)	Sim
Quirinópolis (126)	Sim
São Miguel do Araguaia (118)	Não

Fonte: Cf. Projeto Atlas Linguístico do Brasil (s. d.).

Observando o quadro 21, percebe-se que não houve pesquisa na cidade de Goiatuba/GO, não se podendo apresentar, por tanto, um parâmetro que conclua similaridade entre os aspectos apontados por Nascentes entre as cidades de Goiânia/GO e Goiatuba/GO.

Observando, ainda, os dados constantes nos quadros 20 e 21 que apontam haver elementos comuns de análise entre as cidades pesquisadas, pode-se inferir que a realização das róticas seja um dos elementos de análise entre as regiões linguísticas do grupo do sul, os estados que compreendem o subfalar sulista apresentam um denominador comum na realização das róticas, a saber, a retroflexão que ocorre na fala das populações interioranas pelas quais passaram os bandeirantes ou tropeiros, fato observado por Bisol (2010) e Meirelles (2011) em suas pesquisas em relação à Região Sul.

Ao cruzar os dados de Bisol e de Meirelles sobre a ocorrência de róticas na Região Sul com dados sobre a divisão dialetal de Nascentes (1953) sobre o subfalar sulista, e ainda, com os resultados obtidos na descrição das róticas realizadas nas cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG, cujos resultados apontam um grande percentual de ocorrência de róticas aproximantes retroflexas, conclui-se que as três cidades têm uma proximidade linguística caracterizada pelo chamado dialeto caipira introduzidas naquelas localidades pela variedade de português falada pelos bandeirantes que segundo pesquisadores percorreram as regiões.

Há que se notar também que a proximidade geográfica pode influir na característica linguística da região, podendo perceber nos dados obtidos aspectos comuns às três cidades, como as variantes linguísticas que ocorrem com determinados vocábulos. Têm como exemplo recorrente nas três cidades o uso de [besoxu] para besouro, denotando uso comum na região, forma já internalizada com r-forte pelos falantes, uma vez que, mesmo nos slides de leitura há essa ocorrência. Há outros casos de ocorrência comum nos vocábulos berinjala, abóbora e araticum que se realizam como [briĩ'zɛla] [a'bɔbrɐ] e ['a.ɾtikũ], respectivamente. No caso de abóbora pode-se considerar que a redução das vogais, corrobora pesquisas consagradas que afirmam haver uma tendência no PB em transformar palavras proparoxítonas em paroxítonas, por questões de acomodação prosódica. Nos demais casos, entretanto, de apagamento de vogais pretônicas, parece ser uma característica dessa região.

Considerando que existem línguas cujas variedades linguísticas diferenciam graus de retroflexão conforme relatam Ladefoged e Maddieson (1996) a respeito de dialetos da Índia e, tendo já sido mencionado por Crystal (2000, p. 229), inclusive, para “alguns dialetos do

português falados no interior do Brasil”, buscou-se identificar se há diferenciação dessa natureza nas cidades estudadas.

Nos dados desta pesquisa nota-se a diferença no grau de retroflexão. Das cidades pesquisadas, é perceptível que o grau de retroflexão é maior em Uberlândia, contudo, não se pode precisar, entre Goiânia/GO e Goiatuba/GO, qual delas teria um grau de retroflexão menor. Em ambas as cidades há informantes que apresentam um nível bem baixo de retroflexão, enquanto outros apresentam graus maiores, o que é indicado respectivamente pelos símbolos [ɹ] e [ɻ]. O que se observou nessas duas cidades é que o grau de retroflexão apresenta-se menor nas mulheres, apontando para análise de fatores extralinguísticos como questões de gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisou-se, por meio de pesquisa de campo, as róticas na fala das cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG, em posição de coda medial e final, a fim de contribuir para o conhecimento do uso das róticas na região Centro-Oeste, considerando que há poucas pesquisas sobre as variedades faladas nessa região, as quais restringem-se, em sua maioria, a aspectos lexicológicos. Para este fim, buscou-se a interface entre os aspectos linguísticos e dialetológicos, visando identificar em que grupos dialetológicos as três cidades estariam inseridas, segundo os autores de atlas linguísticos ou proponentes de classificações dos falares brasileiros.

Os resultados obtidos na pesquisa de campo apontam a predominância de ocorrência em coda de aproximante retroflexa, com um percentual de 62,22% em Goiânia/GO, 73,3% em Goiatuba/GO, e 74,42% em Uberlândia/MG. Em relação às outras realizações de róticas, as três cidades totalizam uma média de 70% de uso de róticas retroflexas, o que acaba por corroborar estudos linguísticos e dialetológicos de Amaral (1955) e Callou e Leite (2000, 2002), que confirmam a presença do dialeto caipira na região e, este, segundo Meirelles (2011) está presente nas localidades em que houve a presença dos tropeiros e dos bandeirantes. A ocorrência de róticas em outras posições – no início de palavra e como segundo elemento de grupo consonântico – corroboram as pesquisas de Callou e Leite (2000, p. 75) que apontam que em início de palavra só ocorre o r-forte [x] e como segundo elemento de grupo consonântico só ocorre o r-fraco [r].

Deve-se observar que estes dados refletem pesquisados nascidos e residentes nas cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG, com nível de escolaridade de ensino médio e universitário, supondo-se que os dados poderiam apresentar outras realizações, tais como a substituição de duas semivogais no lugar das róticas como nos casos de porco [poiku] e garfo [gaufu], caso os pesquisados fossem analfabetos ou semi-escolarizados.

Outro resultado desta pesquisa foi a obtenção de um panorama de ocorrência de róticas nas diversas regiões do país, por meio de pesquisa bibliográfica.

No panorama de ocorrência de róticas, em posição intervocálica e em coda, apresenta-se resultados de estudos existentes sobre o tema, inclusive, de atlas linguísticos. Os dados foram organizados por regiões geográficas, a fim de se obter uma visão do conjunto de variantes no país. Na Região Norte, os resultados referem-se a cidades dos Estados do Amazonas (AM), Acre (AC) e Pará (PA), e apontam a predominância da fricativa glotal surda. Na Região Nordeste, os resultados referem-se a cidades dos Estados da Bahia (BA),

Piauí (PI), Ceará (CE), Paraíba (PB) e Sergipe (SE), com resultados apontando para a predominância das fricativas glotais no PI, CE e PB e, fricativas velares, na BA e em SE. Na Região Centro-Oeste, não foram encontradas pesquisas que envolvessem as róticas, contando, portanto, apenas com os resultados desta pesquisa, que apontam a predominância de aproximante retroflexa, em coda medial e final. Na Região Sudeste, os resultados referem-se aos Estados de Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), onde as róticas encontram-se assim distribuídas: em MG, fricativa velar e retroflexa; no RJ, fricativa velar em coda final, e em SP, ocorrência de vibrante simples em posição interna de sílaba, e retroflexas em codas. Na Região Sul, os dados referem-se aos Estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC) e Paraná (PR), onde há predominância da vibrante simples e da vibrante retroflexa.

Convém notar que embora, praticamente todos os resultados encontrados nas pesquisas bibliográficas indiquem o apagamento do “r” final em verbos no infinitivo, como uma questão fonológica envolvendo o “r” final de sílaba, esse processo não fica incluído neste estudo por caracterizar-se, na maior parte, como um processo morfológico.

É digno de destaque que os resultados desta pesquisa confirmam o grande valor dos estudos pioneiros de Nascentes sobre as variedades do português do Brasil.

Espera-se que este trabalho traga uma contribuição para o estudo das róticas no Brasil e, possa, especialmente, abrir caminhos para futuras pesquisas fonéticas e fonológicas na Região Centro-Oeste.

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, D. **Elements of general phonetics**. Edinburgh University Press. 1967.

ALMEIDA, F. S. C. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFerJ): uma contribuição para os estudos dos falares fluminenses**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/AlmeidaFSC.pdf>>. Acesso: jun. 2013.

AMARAL, A. **O dialecto caipira**. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955.

BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EdPUCRS, 2010.

_____. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. rev. Porto Alegre: EdPUCRS, 2010.

_____.; COLLISCHONN, G. **Português do sul do Brasil: variação fonológica** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

_____.; SCHWINDT, L. C. **Teoria da otimidade**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1991.

BUENO, L. F. **Os róticos do português falado em Brasília por crianças de 03 a 07 anos de idade**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica – Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. São Paulo: Edição do autor, 1997.

CALLOU, D; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____.; _____.; **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 42. ed. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2009.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

_____. **História da linguística**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1975.

CARDOSO, S. A. M. Antenor Nascentes e a divisão dialetal do Brasil. S. d. In: **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/DivisaoDialeto>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

CARVALHO, L. S. **Os róticos em posição de coda**: uma análise variacionista e acústica do falar Piauiense. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

CARVALHO, K. C. H. P. **Análise acústica das vibrantes no português brasileiro**. S. d. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci133.htm>>. Acesso em: mai. 2013.

CINTRA, M. A. Trabalho que você vê. 24 de março de 2010. In: GOIÂNIA. **Prefeitura Municipal de Goiânia**. Disponível em: <<http://prefeituradegoiania.net.br/site/conhecagoiania.php?tla=2&cod=47>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguísticos do Amazonas – ALAM**: a natureza de sua elaboração. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp22/09.pdf>>. Acesso em: mai. 2013.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Trad. e adap. da 2. ed. inglesa rev. e ampl., publ. em 1985, de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DIXON, R. M. W. **Basic Linguist Theory**. New York: Oxford University Press, 2010. V. I – Methodology.

DORNELLES, D.; CERQUEIRA, V. C. O Apagamento do /R/ na fala urbana do Rio Branco – AC: um estudo sociolinguístico. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, CiFEFiL, a. 17, n. 51, p. 112, suplemento, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/51supl/10.pdf>>. Acesso em: mar. 2013.

CASTRO, Vandersí Sant’Ana. Revisitando Amadeu Amaral. **Estudos Linguísticos XXXV**, p. 1937-1944, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/715.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

GOIÂNIA. **Prefeitura Municipal de Goiânia.** Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/>>. Acesso em 01 jun. 2013.

Goiatuba on line. **Blog.** Disponível em: <<http://goiatubaonline.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

GOIATUBA. Prefeitura Municipal de Goiatuba. **Dados do município.** Disponível em: <<http://www.goiatuba.go.gov.br/dados.html>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

GUIA Geográfico – Mapas do Brasil e do Mundo. Disponível em: <<http://www.guiageo.com/brasil-mapa.htm>>. Acesso em: 01 mai. 2013.

HAYES, B. **Introductory phonology.** Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

HEAD, Brian F. Subsídios do Atlas Prévio dos Falares Baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida. **Caderno de Estudos Linguísticos**, n. 1, p. 21-34, 1978.

História de Goiatuba. **Blog.** Disponível em: <<http://historiadegoiatuba.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente:** a língua que estudamos e a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

International Phonetic Alphabet – IPA. Handbook of the International Phonetic Association: a guide to the use of the international Phonetic Alphabet. Reino Unido: CUP, 1999.

LADEFOGED, P. **A course in phonetics.** Boston: Heinle & Heinle, 2001.

_____. **Preliminaries to linguistic phonetics.** Chicago: The University of Chicago Press; Midway Reprint, 1971.

_____. **Vowels and consonants.** Massachussets: Blackwell. 2005.

_____.; MADDIESON, I. **Sounds of the world's languages,** Oxford: Blackwells, 1996.

LAVER, J. **Principles of phonetics.** Cambridge, 1994.

LEITE, C. M. B. **Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

MEIRELLES, V. **Aspectos fonético-fonológicos do contato entre o português e o espanhol na cidade de Sant'ana do Livramento-Rivera.** Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília. 2006.

_____. **Elementos de fonética do português falado no Rio Grande do Sul.** Tese (Doutorado). Universidade de Brasília. Brasília. 2011.

MELO, G. C. **A língua do Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1971.

MILITÃO, S. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /rr/.** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://www.letrasvernaculas.ufc.br/images/PDF/Teses/tese-silvana-militao.pdf>>. Acesso em: fev. 2013.

MONARETTO, V. **A vibrante: representação e análise sociolinguística.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992.

_____. O apagamento da vibrante pos-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.

_____. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica.** Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca.** 2. ed. compl. refundida. Rio de Janeiro: “Organização Simões”, 1953.

OLIVEIRA, C.; LAMPRECHT, R. As consoantes róticas no sistema de crianças brasileiras de 1 a 2 anos. Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. 6º s/nº. **Anais.** Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Coordenadas/10.pdf>>. Acesso em: jun. 2013.

PACHECO, S. Herança da capital. **Correio Braziliense**, 07 de maio de 2011.

RIBEIRO, C. M. R. O comportamento Geolinguístico do /R/ pós-vocálico nos Atlas Brasileiros Publicados. **Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras – UNIFAP**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://fazendinha.unifap.br/revista/index.php/letras/article/viewFile/235/n1celestes.pdf>>. Acesso em: jun. 2013.

RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na Região de Piracicaba**. São Paulo: Ed. Ática, 1974.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Ed. 20/Editora Cultrix, 1995.

SILVA, A. K. B. Os róticos na Ilha de Santa Catarina. CELSUL-2008, GT abordagens acústicas segmentais e supra-segmentais. **Anais**, 2008. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/roticos_na_ilha.pdf>. Acesso: jun. 2013.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. **Dicionário de fonética e fonologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SILVEIRA, G. **O apagamento da vibrante na fala do sul do Brasil sob a ótica da palavra**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25898/000755551.pdf?sequence=1>>. Acesso em: abr. 2013.

SOARES, R. S. **Educação bilíngue de surdos: desafios para a formação de professores**. São Paulo: s. n., 2013.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Trad. de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TRUBETZKOY, N. S. **Principes de phonologie**. Trad. de J. Cantineau. Paris: Librairie G. Klincksieck, 1949.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal de Uberlândia. **Uberlândia, uma história de muitos**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=97>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

VEGINE, V. As realizações dos róticos no português brasileiro: um recorte fonoestilístico. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel.**, v. 5, n. 9, ago. 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/filesartigos/revel_9_as_realizacoes_dos_roticos.pdf>. Acesso em: mai. 2013.

WIKIPEDIA. **Goiânia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A2nia>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

_____. **Goiatuba.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Goiatuba>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

_____. **História de Goiânia.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Goiana>. Acesso em: 01 jun. 2013.

_____. **Uberlândia.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Uberl%C3%A2ndia>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

ANEXOS

ANEXO I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(COLOQUE AQUI A LOGOMARCA DA INSTITUIÇÃO)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

O (a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto (**descrever em linhas gerais de acordo com o projeto apresentado ao cep**):

O objetivo desta pesquisa é: _____

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação será através de um _____ (**you must explicit procedures that subjects will be submitted, as well as any discomfort reported, as well as the location (hospital, home, faculty, etc) where the research will be conducted**) na data combinada _____ com um tempo estimado (os tempos de cada procedimento ou total dos procedimentos se realizados em uma única visita) para sua realização: _____. Informamos que o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição _____ podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de no mínimo cinco anos, após isso serão destruídos ou mantidos na instituição.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dr(a). _____, na instituição _____ telefone: _____, no horário: _____.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____

ANEXO II**Termo de Responsabilidade e Compromisso do Pesquisador****TERMO DE RESPONSABILIDADE E COMPROMISSO DO(S) PESQUISADOR(ES)
RESPONSÁVEL(IS)**

Eu, _____, pesquisador responsável pelo projeto _____, declaro estar ciente e que cumprirei os termos da Resolução 196 de 09/10/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e declaro: (a) assumir o compromisso de zelar pela privacidade e sigilo das informações; (b) tornar os resultados desta pesquisa públicos sejam eles favoráveis ou não; e, (c) comunicar o CEP sobre qualquer alteração no projeto de pesquisa, nos relatórios anuais ou através de comunicação protocolada, que me forem solicitadas.

Brasília, _____ de _____ de _____

Assinatura:

ANEXO III**Termo de Autorização para Utilização de Imagem****Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz
para fins de pesquisa**

Eu, *[nome do participante da pesquisa]*, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado *[nome do projeto]*, sob responsabilidade de *[nome do(a) pesquisador(a) responsável]* vinculado(a) ao/à *[nome da instituição a qual o projeto e/ou pesquisador(a) responsável está vinculado(a)]*.
Exemplo: Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília].

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para *[explicitar todas as formas de utilização da imagem e som de voz do(a) participante na pesquisa. Exemplo: análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas, atividades educacionais, etc.]*.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) do pesquisador(a)

Brasília, ____ de _____ de _____

APÊNDICES

APÊNDICE I
Corpus Dividido por Campo Semântico

A seguir, tem-se a amostragem de palavras selecionadas para gravação, separadas por campo semântico.

SLIDES FRUTAS (32)	SLIDES FAZENDA (33)
FRUTA	FAZENDA
LARANJA	PORTEIRA
MAÇÃ	ACEIRO
MEXERICA	TORAS
MANGA	EMPREGADO
MORANGO	PINGUELA
JABUTICABA	CASARÃO
PERA	MOINHO
PÊSSEGO	CACHOEIRA
GUARANÁ	BOTA
BANANA	REPRESA
ACEROLA	TACHO
MAMÃO	CÓRREGO
TAMARINDO	CHICOTE
GOIABA	RIO
GRAVIOLA	POMAR
PITANGA	PILÃO
ARATICUM	COCHEIRA
CANA	CERCA
BARU	ESTÁBULO
CÓCO	ESPINGARDA
BURITI	ESTRIBO
ABACAXI	ESPORA
SERIGUELA	ARREIO
MELANCIA	CELEIRO
CARAMBOLA	CHIQUEIRO

<p>AMORA UVA CEREJA ABACATE MARACUJÁ ROMÃ</p> <p>SLIDE PARTES DO CARRO (13)</p> <p>CARRO PORTA-MALAS VOLANTE PÁRA-BRISAS FAROL PNEU TRASEIRA DIANTEIRA ASSENTO RODA MOTORISTA BUZINA PORTA-LUVAS</p> <p>SLIDES CORES(21) CORES VERMELHO AZUL</p>	<p>ORDENHA CURRAL GADO ARMA ESTERCO CARROÇA TRATOR</p> <p>SLIDES ALIMENTOS (33)</p> <p>ALIMENTOS ARROZ FEIJÃO CARNE CEBOLA FRANGO RÚCULA AGRIÃO ALFACE GENGIBRE ABÓBORA TOMATE MORANGA PEIXE BERINJELA MILHO COUVE-FLOR CHUCHU BRÓCOLIS JILÓ RABANETE BATATA BETERRABA</p>
---	---

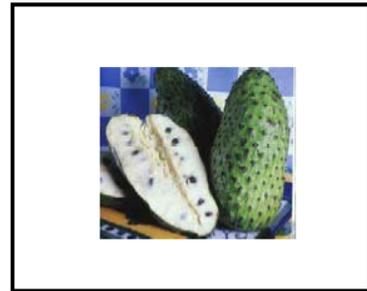
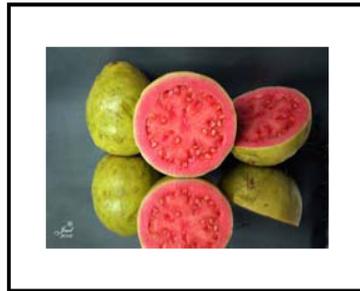
BRANCO	CENOURA
AMARELO	ERVILHA
CINZA	ALHO
VERDE	CARÁ
BEGE	HORTELÃ
PRETO	MANDIOCA
LILÁS	MANJERICÃO
MARRON	REPOLHO-ROXO
ROSA	PEPINO
ROXO	ABOBRINHA
SALMÃO	
PRATA	
VIOLETA	
DOURADO	
LARANJA	
VINHO	
PÚRPURA	
SLIDES ANIMAIS (51)	
ANIMAIS	
ARARA	TIGRE
LEÃO	CACHORRO
TUBARÃO	COELHO
PÁSSARO	BORBOLETA
FOCA	SAPO
GARÇA	ARIRANHA
VACA	ANTA
PORCO	PERNILONGO
RATO	ELEFANTE
LULA	GIRAFÁ
CROCODILO	BÚFALO
MACACO	LEÃO MARINHO
PEIXE	CAVALO MARINHO
ARANHA	PAPAGAIO
VEADO	URSO

COBRA	ONÇA
POLVO	PAVÃO
PIRANHA	RINOCERONTE
BOI	FORMIGA
CARANGUEIJO	BALEIA
ABELHA	BESOURO
TOURO	TARTARUGA
ÁGUIA	RAPOSA
CAMARÃO	LAGARTA
CAVALO	JACARÉ

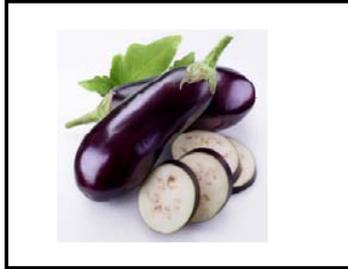
APÊNDICE II

Slides

1) Campo semântico – frutas.



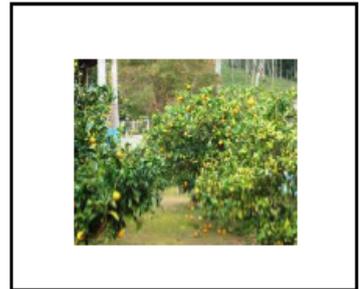
2) Campo semântico – alimentos.



3) Campo semântico – animais.



4) Campo semântico – fazenda.



APÊNDICE III
Transcrições Fonéticas

Campo semântico – animais.

Goiânia

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GYN-H-05		GO-GYN-M-06	
ANIMAIS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arara	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]
Tubarão	[tʊ'barəʊ]	[tʊ'barəʊ]	[tʊ'barəʊ]	[tʊ'barəʊ]
Pássaro	['pasarʊ]	['pasarʊ]	['pasarʊ]	['pasarʊ]
Garça	['gaɹsə]	['gaɹsə]	['gaɹsə]	['gaɹsə]
Porco	['poɹkʊ]	['poɹkʊ]	['pohkʊ]	['poykʊ]
Rato	['xatu]	['xatu]	['xatu]	['xatu]
Crocodilo	[krok'o'dilʊ]	[krok'o'dilʊ]	[krok'o'dilʊ]	[krok'o'dilʊ]
Aranha	[a'rəɲa]	[a'rəɲa]	[a'rəɲa]	[a'rəɲa]
Cobra	['kɔbrə]	['kɔbrə]	['kɔbrə]	['kɔbrə]
Piranha	[pi'rəɲa]	[pi'rəɲa]	[pi'rəɲa]	[pi'rəɲa]
Carangueijo	[karə'gweizʊ]	[karə'gweizʊ]	[karə'gweizʊ]	[karə'gweizʊ]
Touro	['torʊ]	['towrʊ]	['torʊ]	['towrʊ]
Camarão	[ka'marəʊ]	[ka'marəʊ]	[ka'marəʊ]	[ka'marəʊ]
Tigre	['tigrɪ]	['tigrɪ]	['tigrɪ]	['tigrɪ]
Cachorro	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]
Borboleta	[boɹbo'leta]	[boɹbo'leta]	[boɹbo'leta]	[boɹbo'leta]
Ariranha	[ari'rəɲa]	[ari'rəɲa]	[ari'rəɲa]	[ari'rəɲa]
Pernilongo	[peɹni'lɔgo]	[peɹni'lɔgo]	[peɹni'lɔgo]	[peɹni'lɔgo]
Girafa	[gi'rafə]	[gi'rafə]	[gi'rafə]	[gi'rafə]
Leão- marinho	[le'əʊ ma'riɲʊ]	[le'əʊ ma'riɲʊ]	[le'əʊ ma'riɲʊ]	[le'əʊ ma'riɲʊ]
Urso	['uɹsu]	['uɹsu]	['uɹsu]	['uɹsu]

Rinoceronte	[xinose'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]
Formiga	[fuʃ'miga]	[fuʃ'miga]	[foʃ'miga]	[foʃ'miga]
Besouro	[bisoxu]	[bisoxu]	[besoru]	[besoxu]
Tartaruga	[taʃtaruga]	[taʃtaruga]	[tartaruga]	[tartaruga]
Raposa	[xa'posa]	[xaposa]	[xaposa]	[xaposa]
Lagarta	[la'gaʃtɐ]	[lagaʃtɐ]	[lagaʃtɐ]	[lagaʃtɐ]
Jacaré	[ʃaka're]	[ʃakare]	[ʃakare]	[ʃakare]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMA NTES	GO-GYN-H-09		GO-GYN-H-11	
ANIMAIS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arara	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]
Tubarão	[tu'barõu]	[tu'barõu]	[tu'barõu]	[tu'barõu]
Pássaro	[pa'saru]	[pa'saru]	[pa'saru]	[pa'sarin]
Garça	[gaʃsɐ]	[gaʃsɐ]	[gaʃsɐ]	[gaʃsɐ]
Porco	[poʃku]	[poʃku]	[poʃku]	[poʃku]
Rato	[xatu]	[xatu]	[xatu]	[xatu]
Crocódilo	[krokodilu]	[krokodilu]	[krokodilu]	[krokodilu]
Aranha	[a'rãna]	[a'rãna]	[a'rãna]	[a'rãna]
Cobra	[kõbrɐ]	[kõbrɐ]	[kõbrɐ]	[kõbrɐ]
Piranha	[pi'rãna]	[pi'rãna]	[pi'rãna]	[pi'rãna]
Carangueijo	[karõ'guezu]	[karõ'guezu]	[karõ'guezu]	[karõ'guezu]
Touro	[tuuru]	[tuuru]	[tuuru]	[tuuru]
Camarão	[ka'marõu]	[ka'marõu]	[ka'marõu]	[ka'marõu]
Tigre	[tigri]	[tigri]	[tigri]	[tigri]
Cachorro	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]
Borboleta	[boʃbo'leta]	[boʃbo'leta]	[boʃbo'leta]	[boʃbo'leta]
Ariranha	[ari'rãna]	[ari'rãna]	[ari'rãna]	[ari'rãna]
Pernilongo	[peɲni'lõgo]	[peɲni'lõgo]	[peɲni'lõgo]	[peɲni'lõgo]
Girafa	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]
Leão- marinho	[le'õu ma'riɲu]	[le'õu ma'riɲu]	[le'õu ma'riɲu]	[le'õu ma'riɲu]

Urso	[ˈu̯ɾsu]	[ˈu̯ɾsu]	[ˈu̯ɾsu]	[ˈu̯ɾsu]
Rinoceronte	[xinoseˈrõtʃi]	[xinoseˈrõtʃi]	[xinoseˈrõtʃi]	[xinoseˈrõtʃi]
Formiga	[fɔɾˈmiga]	[fɔɾˈmiga]	[fɔɾˈmiga]	[fɔɾˈmiga]
Besouro	[bisoxu]	[bisoxu]	[besoru]	[bisoxu]
Tartaruga	[taɾˈtaruga]	[taɾˈtaruga]	[taɾˈtaruga]	[taɾˈtarugə]
Raposa	[xaˈposa]	[xaposa]	[xaposa]	[xaposa]
Lagarta	[lagaytə]	[lagaytə]	[laɾgaɪtə]	[laɾgatə]
Jacaré	[ʃakaˈre]	[ʃakare]	[ʃakare]	[ʃakare]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMA NTES	GO-GYN-M-12			
ANIMAIS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arara	[aˈrara]	[aˈrara]		
Tubarão	[tuˈbaɾõu]	[tuˈbaɾõu]		
Pássaro	[ˈpasaru]	[ˈpasaru]		
Garça	[ˈgaɾsə]	[ˈgaɾsə]		
Porco	[ˈpoɾku]	[ˈpohku]		
Rato	[ˈxatu]	[ˈxatu]		
Crocodilo	[krokodilu]	[krokodilu]		
Aranha	[aˈrãna]	[aˈrãna]		
Cobra	[ˈkɔbrə]	[ˈkɔbrə]		
Piranha	[piˈrãna]	[piˈrãna]		
Carangueijo	[kəɾãˈgɛiʒu]	[kəɾãˈgɛiʒu]		
Touro	[ˈtoɾu]	[ˈtoɾu]		
Camarão	[kəˈmaɾõu]	[kaˈmaɾõu]		
Tigre	[ˈtigrɪ]	[ˈtigrɪ]		
Cachorro	[kaˈʃoxu]	[kaˈʃoxu]		
Borboleta	[boɾboˈleta]	[boɾboˈleta]		
Ariranha	[ariˈrãna]	[ariˈrãna]		
Pernilongo	[peɾniˈlõgo]	[peɾniˈlõgo]		
Girafa	[giˈrafə]	[giˈrafə]		
Leão-	[leˈõu maˈɾiɲu]	[leˈõu maˈɾiɲu]		

marinho				
Urso	[ˈuysu]	[ˈursu polaɪ]		
Rinoceronte	[xinozeˈrõtʃi]	[xinozeˈrõtʃi]		
Formiga	[foɣˈmiga]	[fohˈmiga]		
Besouro	[beˈsouru]	[beˈsoxu]		
Tartaruga	[tartaˈrugə]	[tartaˈrugə]		
Raposa	[xaˈposa]	[xaposə]		
Lagarta	[laɪgətə]	[tatʉrənə] [laɪgətə]		
Jacaré	[ˈʃakaˈrɛ]	[ˈʃakare]		

Goiatuba

FRASE VEÍCULO:				
INFORMA NTES	GO-GTB-M-15		GO-GTB-M-18	
ANIMAIS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arara	[aˈrara]	[aˈrara]	[aˈrara]	[aˈrara]
Tubarão	[tʉˈbarəũ]	[tʉˈbarəũ]	[tʉˈbarəũ]	[tʉˈbarəũ]
Pássaro	[ˈpasarʉ]	[ˈpasarʉ]	[ˈpasarʉ]	[ˈpasarʉ]
Garça	[ˈgaɪsə]	[ˈgaɪsə]	[ˈgaɪsə]	[ˈgaɪsə]
Porco	[ˈpoɪku]	[ˈpoɪku]	[ˈpoɪku]	[ˈpoɪku]
Rato	[ˈxatu]	[ˈxatu]	[ˈxatu]	[ˈxatu]
Crocódilo	[krokʉˈdilu]	[krokʉˈdilu]	[krokʉˈdilu]	[krokʉˈdilu]
Aranha	[aˈrəɲa]	[aˈrəɲa]	[aˈrəɲa]	[aˈrəɲa]
Cobra	[ˈkɔbrə]	[ˈkɔbrə]	[ˈkɔbrə]	[ˈkɔbrə]
Piranha	[piˈrəɲa]	[piˈrəɲa]	[piˈrəɲa]	[piˈrəɲa]
Carangueijo	[kərəˈgweizʉ]	[kərəˈgweizʉ]	[kərəˈgweizʉ]	[kərəˈgweizʉ]
Touro	[ˈtowru]	[ˈtorʉ]	[ˈtowru]	[ˈtowru]
Camarão	[kaˈmarəũ]	[kaˈmarəũ]	[kaˈmarəũ]	[kaˈmarəũ]
Tigre	[ˈtigri]	[ˈtigri]	[ˈtigri]	[ˈtigri]
Cachorro	[kaˈfoxu]	[kaˈfoxu]	[kaˈfoxu]	[kaˈfoxu]

Borboleta	[boʁbo'letɐ]	[boʁbo'letɐ]	[boɫbo'letɐ]	[boɫbo'letɐ]
Ariranha	[ari'rɛ̃ɲa]	[ari'rɛ̃ɲa]	[ari'rɛ̃ɲa]	[ari'rɛ̃ɲa]
Pernilongo	[peɾni'lõgo]	[peɾni'lõgo]	[peɾni'lõgo]	[peɾni'lõgo]
Girafa	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]
Leão-marinho	[le'əu ma'riɲu]	[le'əu ma'riɲ]	[le'əu ma'riɲu]	[le'əu ma'riɲu]
Urso	[u'ɾssu]	[u'ɾssu]	[u'ɾsu]	[u'ɾsu]
Rinoceronte	[xino'se'rõtʃi]	[xino'se'rõtʃi]	[xino'se'rõtʃi]	[xino'se'rõtʃi]
Formiga	[foɾ'miga]	[foɾ'miga]	[foɾ'miga]	[foɾ'miga]
Besouro	[besouxu]	[bisouru]	[besoxu]	[besoxu]
Tartaruga	[taɾtaɾuga]	[taɾtaɾuga]	[taɾtaɾuga]	[taɾtaɾuga]
Raposa	[xa'posa]	[xa'posa]	[xaposa]	[xaposa]
Lagarta	[laɣaɾtɐ]	[la'gaɾtɐ]	[laɣaɾtɐ]	[laɣaɾtɐ]
Jacaré	[ʃaka're]	[ʃakare]	[ʃakare]	[ʃakare]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GTB-M-19		GO-GTB-H-16	
ANIMAIS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arara	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]
Tubarão	[tu'barɔ̃u]	[tu'barɔ̃u]	[tu'barɔ̃u]	[tu'barɔ̃u]
Pássaro	[pa'saru]	[pa'saru]	[pa'saru]	[pa'saru]
Garça	[gaɾʃɐ]	[gaɾʃɐ]	[gaɾʃɐ]	[gaɾʃɐ]
Porco	[poɾku]	[poɾku]	[poɾku]	[poɾku]
Rato	[xatu]	[xatu]	[xatu]	[xatu]
Crocodilo	[kroko'dilu]	[kroko'dilu]	[kroko'dilu]	[kroko'dilu]
Aranha	[a'rɛ̃ɲa]	[a'rɛ̃ɲa]	[a'rɛ̃ɲa]	[a'rɛ̃ɲa]
Cobra	[kɔbrɐ]	[kɔbrɐ]	[kɔbrɐ]	[kɔbrɐ]
Piranha	[pi'rɛ̃ɲa]	[pi'rɛ̃ɲa]	[pi'rɛ̃ɲa]	[pi'rɛ̃ɲa]
Carangueijo	[kaɾɔ̃'guezɔ]	[kaɾɔ̃'guezɔ]	[kaɾɔ̃'guezɔ]	[kaɾɔ̃'guezɔ]
Touro	[tuwɾu]	[tuwɾu]	[tuwɾu]	[tuwɾu]
Camarão	[ka'marɔ̃u]	[ka'marɔ̃u]	[ka'marɔ̃u]	[ka'marɔ̃u]
Tigre	[tigri]	[tigri]	[tigri]	[tigri]

Cachorro	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]
Borboleta	[boʃbo'leta]	[boʃbo'leta]	[boʃbo'leta]	[boʃbo'leta]
Ariranha	[ari'rõna]	[ari'rõna]	[ari'rõna]	[ari'rõna]
Pernilongo	[pe.ɲe'lõgo]	[pe.ɲe'lõgo]	[pe.mi'lõgo]	[pe.mi'lõgo]
Girafa	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]
Leão-marinho	[le'əu ma'riɲu]	[le'əu ma'riɲu]	[le'əu ma'riɲu]	[le'əu ma'riɲu]
Urso	['uɾsu]	['uɾsu polaɿ]	['uɾsu]	['uɾsu]
Rinoceronte	[xinose'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]
Formiga	[fo.ɾ'miga]	[fo.ɾ'miga]	[fo.ɾ'miga]	[fo.ɾ'miga]
Besouro	[besouru]	[besoxu]	[besoru]	[besoru]
Tartaruga	[ta.ɾtaruga]	[ta.ɾtaruga]	[ta.ɾtaruga]	[ta.ɾtaruga]
Raposa	[xa'posa]	[xaposa]	[xaposa]	[xaposa]
Lagarta	[laɣa.ɾtɐ]	[laɣa.ɾtɐ]	[laɣa.ɾtɐ]	[laɣa.ɾtɐ]
Jacaré	[ʃaka're]	[ʃakare]	[ʃakare]	[ʃakare]

Uberlândia

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	MG-UBE-H-01		MG-UBE-M-03	
ANIMAIS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arara	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]
Tubarão	[tʊ'barõu]	[tʊ'barõu]	[tʊ'barõu]	[tʊ'barõu]
Pássaro	['pasarʊ]	['avi]	['pasarʊ]	['pasarʊ]
Garça	['gaɾsɐ]	['gaɾsɐ]	['gaɾsɐ]	['gaɾsɐ]
Porco	['poɾku]	['poɾku]	['poɾku]	['poɾku]
Rato	['xatu]	['xatu]	['xatu]	['xatu]
Crocodilo	[krokodilu]	[ʃaka're]	[krokodilu]	[krokodilu]
Aranha	[a'rõna]	[a'rõna]	[a'rõna]	[a'rõna]
Cobra	['kɔbrɐ]	['kɔbrɐ]	['kɔbrɐ]	['kɔbrɐ]
Piranha	[pi'rõna]	[pi'rõna]	[pi'rõna]	[pi'rõna]

Carangueijo	[karɔ̃'guezɔ]	[karɔ̃'guezɔ]	[karɔ̃'guezɔ]	[karɔ̃'guezɔ]
Touro	['toru]	['toru]	['tɔwru]	['tɔwru]
Camarão	[ka'marɔ̃u]	[ka'marɔ̃u]	[ka'mərɔ̃u]	[ka'marɔ̃u]
Tigre	['tigrɪ]	['õssa]	['tigrɪ]	['tigrɪ]
Cachorro	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]
Borboleta	[boɪbo'letɐ]	[boɪbo'letɐ]	[boɪbo'letɐ]	[boɪbo'letɐ]
Ariranha	[ari'rɔ̃ɲa]	[ari'rɔ̃ɲa]	[ari'rɔ̃ɲa]	[ari'rɔ̃ɲa]
Pernilongo	[peɲi'lõgo]	[peɲi'lõgo]	[pe.mi'lõgo]	[pe.me'lõgo]
Girafa	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]
Leão-marinho	[le'əu ma'riɲu]	[le'əu ma'riɲ]	[le'əu ma'riɲu]	[le'əu ma'riɲu]
Urso	['uɻsu]	['uɻsu]	['uɪsu]	['uɪsu]
Rinoceronte	[xinose'rõtʃi]	[xinuse'rõtʃi]	[xenise'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]
Formiga	[foɻ'miga]	[foɻ'miga]	[foɻ'miga]	[foɻmiga]
Besouro	[be'soru]	[br'soxu]	[besoxu]	[besoxu]
Tartaruga	[taɻ'taruga]	[taɻ'taruga]	[taɻ'taruga]	[taɻtaruga]
Raposa	[xa'posa]	[xa'posa]	[xaposa]	[xaposa]
Lagarta	[lagaɻtɐ]	[laɻ'gatu]	[lagaɻtɐ]	[lagaɻtɐ]
Jacaré	[ʃaka're]	[ʃakare]	[ʃakare]	[ʃakare]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	MG-UBE-H-02		MG-UBE-M-04	
ANIMAIS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arara	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]
Tubarão	[tɔ'barɔ̃u]	[tɔ'barɔ̃u]	[tɔ'barɔ̃u]	[tɔ'barɔ̃u]
Pássaro	['pasarɔ]	['pasarɔ]	['pasarɔ]	['pasarim]
Garça	['gaɻsɐ]	['gaɻsɐ]	['gaɻsɐ]	['gaɻsɐ]
Porco	['poɻku]	['poɻku]	['poɻku]	['poɻku]
Rato	['xatu]	['xatu]	['xatu]	['xatu]
Crocodilo	[krokodilu]	[ʃaka're]	[krokodilu]	[ʃakɔ're]
Aranha	[a'rɔ̃ɲa]	[a'rɔ̃ɲa]	[a'rɔ̃ɲa]	[a'rɔ̃ɲa]
Cobra	[kɔbrɐ]	[kɔbrɐ]	[kɔbrɐ]	[kɔbrɐ]

Piranha	[pi'rãna]	[pi'rãna]	[pi'rãna]	[pi'rãna]
Carangueijo	[karõ'guezu]	[karõ'guezu]	[karõ'guezu]	[karõ'guezu]
Touro	['towru]	['towru]	['towru]	['toru]
Camarão	[ka'marõu]	[ka'marõu]	[ka'marõu]	[ka'marõu]
Tigre	['tigri]	['tigri]	['tigri]	['tigri]
Cachorro	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]	[ka'foxu]
Borboleta	[boʁbo'leta]	[boʁbo'leta]	[boʁbo'leta]	[boʁbo'leta]
Ariranha	[ari'rãna]	[ari'rãna]	[ari'rãna]	[ari'rãna]
Pernilongo	[peɣni'lõgo]	[peɣni'lõgo]	[peɣni'lõgo]	[fuɫ'miga]
Girafa	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]	[gi'rafɐ]
Leão-marinho	[le'õu ma'riɲu]	[le'õu ma'riɲu]	[le'õu ma'riɲu]	[le'õu ma'riɲu]
Urso	['uɾsu]	['uɾsu]	['uɾsu]	['uɾsu]
Rinoceronte	[xinose'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]	[xinose'rõtʃi]
Formiga	[foɫ'miga]	[foɫ'miga]	[foɫ'miga]	[foɫ'miga]
Besouro	[besouru]	[besoru]	[besouru]	[bisouru]
Tartaruga	[taɾtaɾuga]	[taɾtaɾuga]	[taɾtaɾuga]	[taɾtaɾuga]
Raposa	[xa'posa]	[xaposa]	[xa'posa]	[xa'posa]
Lagarta	[la'gaɫɐ]	[la'gaɫɐ]	[la'gaɫɐ]	[la'gaɫɐ]
Jacaré	[ʃaka're]	[ʃaka're]	[ʃakare]	[kroko'dilu]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	MG-UBE-H-14		MG-UBE-M-13	
ANIMAIS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arara	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]	[a'rara]
Tubarão	[tu'barõu]	[tu'barõu]	[tu'barõu]	[tu'barõu]
Pássaro	['pasaru]	['pasaru]	['pasaru]	['pasaru]
Garça	['gaɾsɐ]	['gaɾsɐ]	['gaɾsɐ]	['gaɾsɐ]
Porco	['poɫku]	['poɫku]	['poɫku]	['poɫku]
Rato	['xatu]	['xatu]	['xatu]	['xatu]
Crocodilo	[kroko'dilu]	[kroko'dilu]	[kroko'dilu]	[kroko'dilu]
Aranha	[a'rãna]	[a'rãna]	[a'rãna]	[a'rãna]

Cobra	[ˈkɔbrɐ]	[ˈkɔbrɐ]	[ˈkɔbrɐ]	[ˈkɔbrɐ]
Piranha	[piˈrɛ̃ɲa]	[piˈrɛ̃ɲa]	[piˈrɛ̃ɲa]	[piˈrɛ̃ɲa]
Carangueijo	[karɔ̃ˈgweizɔ]	[karɔ̃ˈgweizɔ]	[karɔ̃ˈgweizɔ]	[karɔ̃ˈgweizɔ]
Touro	[ˈtoʁu]	[ˈtoʁu]	[ˈtoʁu]	[ˈtoʁu]
Camarão	[kaˈmarɔ̃]	[kaˈmarɔ̃]	[kaˈmɔrɔ̃]	[kaˈmarɔ̃]
Tigre	[ˈtigrɪ]	[ˈtigrɪ]	[ˈtigrɪ]	[ˈtigrɪ]
Cachorro	[kaˈʃoxu]	[kaˈʃoxu]	[kaˈʃoxu]	[kaˈʃoxu]
Borboleta	[boʁboˈleta]	[boʁboˈleta]	[boʁboˈleta]	[boʁboˈleta]
Ariranha	[ariˈrɛ̃ɲa]	[ariˈrɛ̃ɲa]	[ariˈrɛ̃ɲa]	[ariˈrɛ̃ɲa]
Pernilongo	[pe.ɲiˈlõgo]	[pe.ɲiˈlõgo]	[pe.ɲiˈlõgo]	[pe.ɲiˈlõgo] [pe.ɲiˈlõgo]
Girafa	[giˈrafɐ]	[giˈrafɐ]	[giˈrafɐ]	[giˈrafɐ]
Leão- marinho	[leˈɔs maˈɾiɲɔ]	[leˈɔs maˈɾiɲɔ]	[leˈɔs maˈɾiɲɔ]	[leˈɔs maˈɾiɲɔ]
Urso	[ˈuɾsu]	[ˈuɾsu]	[ˈuɾsu]	[ˈuɾsu polaɫ]
Rinoceronte	[xinoseˈrõtʃi]	[xinoseˈrõtʃi]	[xinoseˈrõtʃi]	[xinoseˈrõtʃi]
Formiga	[foɾˈmiga]	[foɾˈmiga]	[foɾˈmiga]	[foɾˈmiga]
Besouro	[besoxu]	[besoru]	[bisoxu]	[besoru]
Tartaruga	[taɾˈtaɾuga]	[taɾˈtaɾuga]	[taɾˈtaɾuga]	[taɾˈtaɾuga]
Raposa	[xaˈposa]	[xaposa]	[xaposa]	[xaposa]
Lagarta	[lagaɫɐ]	[lagaɫɐ]	[lagaɫɐ]	[lagaɫɐ]
Jacaré	[ˈʃakaɾɐ]	[ˈʃakaɾɐ]	[ˈʃakaɾɐ]	[ˈʃakaɾɐ]

Campo semântico – frutas. Uberlândia

FRASE VEÍCULO: “Compro ... na feira”				
INFORMANTES	MG-UBE-H-01		MG-UBE-M-03	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]
Mexerica	[mɛʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[mɛʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]
Pêra	['peɾɐ]	['peɾɐ]	['peirɐ]	['peɾɐ]
Guaraná	[gwarã'na]	[gwarã'na]	[gwaɾã'na]	[gravi'ɔla]
Acerola	[ase'rɔlɐ]	[serezɐ]	[ase'rɔlɐ]	[ase'rɔlɐ]
Tamarindo	[tama'rinu]	[tama'rinu]	[tama'rinu]	[tama'rinu]
Graviola	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]
Araticum	[aʃti'kũ]	[gravi'ɔla]	[arati'kũ]	[arati'kũ]
Baru	[bau'ru]	['frutɐ]	[ba'ru]	[kakaw]
Buriti	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]
Seriguela	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[seri'guelɐ]	[limãũzipu]
Carambola	[karã'bɔlɐ]	['frutɐ]	[karã'bɔlɐ]	[ase'rɔlɐ]
Amora	[a'mɔɾɐ]	['frutɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]
Cereja	[se'rezɐ]	[serezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]
Maracujá	[maraku'za]	[maraku'za]	[maraku'za]	[maraku'za]
Romã	[xo'mã]	['frutɐ]	[xo'mã]	[xo'mã]

FRASE VEÍCULO: “Compro ... na feira”				
INFORMANTES	MG-UBE-H-02		MG-UBE-M-04	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]
Mexerica	[miʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[mɛʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]

Goiânia

FRASE “Compro ... na feira” VEÍCULO :				
INFORMANTES	GO-GYN-H-05		GO-GYN-M-06	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]
Mexerica	[mɛʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[mɛʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]
Pêra	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]
Guaraná	[guərõ'na]	[guərõ'na]	[guərõ'na]	[guərõ'na]
Acerola	[asɛ'rɔlɐ]	[asɛ'rɔlɐ]	[asɛ'rɔlɐ]	[asɛ'rɔlɐ]
Tamarindo	[tama'rindu]	[tama'rindu]	[tama'rindu]	[tama'rindu]
Graviola	[grɔvi'ɔla]	[grɔvi'ɔla]	[grɔvi'ɔla]	[grɔvi'ɔla]
Araticum	[arati'kũ]	[arati'kũ]	[arati'kũ]	[arati'kũ]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]
Buriti	[buritʃi]	[ba'ru]	[buritʃi]	[buritʃi]
Seriguêla	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]
Carambola	[karõ'bɔlɐ]	[karõ'bɔlɐ]	[karõ'bɔlɐ]	[karõ'bɔlɐ]
Amora	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]
Cereja	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]
Maracujá	[mɔraru'za]	[mɔraru'za]	[maraku'za]	[maraku'za]
Romã	[xɔ'mõ]	[xɔ'mõ]	[xɔ'mõ]	[xɔ'mõ]

FRASE “Compro ... na VEÍCULO feira” :				
INFORMANTES	GO-GYN-H-07		GO-GYN-M-08	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]
Mexerica	[mi'ʃirikɐ]	[mi'ʃirikɐ]	[meʃe'rikɐ]	[mi'ʃirikɐ]
Morango	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]
Pêra	['peirɐ]	['perɐ]	['perɐ]	['perɐ]
Guaraná	[guəɾə'na]	[guarə'na]	[guəɾə'na]	[guəɾə'na]
Acerola	[ase'rɔlə]	[ase'rɔlə]	[ase'rɔlə]	[ase'rɔlə]
Tamarindo	[tama'rindu]	[tama'rinu]	[tama'rindu]	[tama'rinu]
Graviola	[grəvi'ɔla]	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]
Araticum	[a.ɾi'kũ]	[a.ɾi'kũ]	[arati'kũ]	[arati'kũ]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]
Buriti	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]
Seriguela	[siri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]
Carambola	[karə'bɔlə]	[karə'bɔlə]	[karə'bɔlə]	[karə'bɔlə]
Amora	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]
Cereja	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]
Maracujá	[maraku'ʒa]	[marəku'ʒa]	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]
Romã	[xo'mã]	[xo'mã]	[xo'mã]	[xo'mã]

FRASE “Compro ... na VEÍCULO feira” :				
INFORMANTES	GO-GYN-H-09		GO-GYN-M-10	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]
Mexerica	[meʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[meʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]
Pêra	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]
Guaraná	[gwarɔ̃'na]	[gwarɔ̃'na]	[gwarɔ̃'na]	[gwarɔ̃'na]
Acerola	[ase'rɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]
Tamarindo	[tama'rindu]	[tama'rindu]	[tama'rindu]	[tama'rinu]
Graviola	[grɛvi'ɔ̃la]	[grɛvi'ɔ̃la]	[grɛvi'ɔ̃la]	[grɛvi'ɔ̃la]
Araticum	[arati'kũ]	[arati'kũ]	[arati'kũ]	[aɾtiku]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]
Buriti	[buritʃi]	[buritʃi]	[buritʃi]	[buritʃi]
Seriguela	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]
Carambola	[karɔ̃'bɔ̃lɐ]	[karɔ̃'bɔ̃lɐ]	[karɔ̃'bɔ̃lɐ]	[karɔ̃'bɔ̃lɐ]
Amora	[a'mɔ̃rɐ]	[a'mɔ̃rɐ]	[a'mɔ̃rɐ]	[a'mɔ̃rɐ]
Cereja	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]
Maracujá	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]
Romã	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]

FRASE “Compro ... na VEÍCULO feira” :				
INFORMANTES	GO-GYN-H-11		GO-GYN-M-12	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]
Mexerica	[mi'ʃirikɐ]	[mi'ʃirikɐ]	[meʃe'rikɐ]	[mi'ʃirikɐ]
Morango	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]
Pêra	['perɐ]	['perɐ]	['perɐ]	['perɐ]
Guaraná	[gwarɔ̃'na]	[gwarɔ̃'na]	[gwarɔ̃'na]	[gwarɔ̃'na]
Acerola	[ase'rɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]
Tamarindo	[tama'rinu]	[tama'rinu]	[tama'rindu]	[tama'rinɔ̃]
Graviola	[gravi'ɔ̃la]	[gravi'ɔ̃la]	[gravi'ɔ̃la]	[gravi'ɔ̃la]
Araticum	[aʁtikũ]	[aʁtikũ]	[a'ratikũ]	[a'ratikũ] [aʁtikũ]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]
Buriti	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]
Seriguela	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]
Carambola	[karɔ̃'bɔ̃lɐ]	[karɔ̃'bɔ̃lɐ]	[karɔ̃'bɔ̃lɐ]	[karɔ̃'bɔ̃lɐ]
Amora	[a'mɔ̃rɐ]	[a'mɔ̃rɐ]	[a'mɔ̃rɐ]	[a'mɔ̃rɐ]
Cereja	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]
Maracujá	[mararu'za]	[maraku'za]	[mɔ̃raku'za]	[maraku'za]
Romã	[xo'mɔ̃]	[xo'mɔ̃]	[xo'mɔ̃]	[xo'mɔ̃]

FRASE "Compro ... na feira"				
VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GYN-H-05		GO-GYN-M-06	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]
Mexerica	[mɛʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[mɛʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rãgu]	[mo'rãgu]	[mo'rãgu]	[mo'rãgu]
Pêra	['peɾɐ]	['peɾɐ]	['peɾɐ]	['peɾɐ]
Guaraná	[guəɾã'na]	[guarã'na]	[guəɾa'na]	[guəɾã'na]
Acerola	[asɛ'ɾɔlɐ]	[asɛ'ɾɔlɐ]	[asɛ'ɾɔlɐ]	[asɛ'ɾɔlɐ]
Tamarindo	[tama'rindu]	[tama'rindu]	[tama'rindu]	[tama'rinu]
Graviola	[grəvi'ɔla]	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]
Araticum	[arati'kũ]	[arati'kũ]	[arati'kũ]	[arati'kũ]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]
Buriti	[buri'tʃi]	[ba'ru]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]
Seriguela	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]
Carambola	[karã'bɔlɐ]	[karã'bɔlɐ]	[karã'bɔlɐ]	[karã'bɔlɐ]
Amora	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]
Cereja	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]
Maracujá	[mɔɾaru'za]	[mɔɾaru'za]	[mafaku'za]	[maraku'za]
Romã	[xo'mã]	[xo'mã]	[xo'mã]	[xo'mã]

FRASE "Compro ... na feira"				
VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GYN-H-07		GO-GYN-M-08	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]
Mexerica	[miʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[mɛʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rãgu]	[mo'rãgu]	[mo'rãgu]	[mo'rãgu]
Pêra	['peirɐ]	['peɾɐ]	['peɾɐ]	['peɾɐ]
Guaraná	[guəɾã'na]	[guarã'na]	[guəɾa'na]	[guəɾã'na]

Goiatuba

FRASE “Compro ... na VEÍCULO feira” :				
INFORMANTES	GO-GTB-M-15		GO-GTB-H-16	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]
Mexerica	[meʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[meʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]
Pêra	[ˈpeɾɐ]	[ˈpeɾɐ]	[ˈpeɾɐ]	[ˈpeɾɐ]
Guaraná	[gwarɔ̃'na]	[gwarɔ̃'na]	[gwarɔ̃'na]	[gwarɔ̃'na]
Acerola	[ase'rɔ̃lə]	[ase'rɔ̃lə]	[ase'rɔ̃lə]	[ase'rɔ̃lə]
Tamarindo	[tama'rindu]	[tama'rinu]	[tama'rindu]	[tuma'rinu]
Graviola	[gravi'ɔ̃la]	[grɐvi'ɔ̃la]	[gravi'ɔ̃la]	[gravi'ɔ̃la]
Araticum	[a'ratikũ]	[aʁti'kũ]	[a'ratikũ]	[a'ratikũ]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]
Buriti	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]
Seriguêla	[seri'guelɐ]	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[siri'guelɐ]
Carambola	[karɔ̃'bɔ̃lə]	[karɔ̃'bɔ̃lə]	[karɔ̃'bɔ̃lə]	[karɔ̃'bɔ̃lə]
Amora	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]
Cereja	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]
Maracujá	[ma'rrau'ʒa]	[mɔɾaku'ʒa]	[maraku'ʒa]	[ma'raku'ʒa]
Romã	[xo'mɔ̃]	[xo'mɔ̃]	[xo'mɔ̃]	[xo'mɔ̃]

FRASE “Compro ... na VEÍCULO feira” :				
INFORM ANTES	GO-GTB-M-18		GO-GTB-H-17	
ALIMEN TOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]
Mexerica	[meʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[meʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]
Pêra	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]
Guaraná	[gɥærɔ̃na]	[gɥærɔ̃na]	[gɥarɔ̃na]	[gɥarɔ̃na]
Acerola	[asɛ'rɔ̃lɐ]	[asɛ'rɔ̃lɐ]	[asɛ'rɔ̃lɐ]	[asɛ'rɔ̃lɐ]
Tamarindo	[tama'rindu]	[tama'rinu]	[tama'rindu]	[tuma'rinu]
Graviola	[grævi'ɔ̃la]	[grævi'ɔ̃la]	[gravi'ɔ̃la]	[gravi'ɔ̃la]
Araticum	[a'ritikũ]	[aʃtikũ]	[a'ratikũ]	[aʃtikũ]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]
Buriti	[buritʃi]	[buritʃi]	[buritʃi]	[buritʃi]
Seriguêla	[seri'gɥelɐ]	[siri'gɥelɐ]	[siri'gɥelɐ]	[siri'gɥelɐ]
Carambola	[kærɔ̃bɔ̃lɐ]	[kærɔ̃bɔ̃lɐ]	[karɔ̃bɔ̃lɐ]	[karɔ̃bɔ̃lɐ]
Amora	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]
Cereja	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]
Maracujá	[ma'raku'ʒa]	[ma'raku'ʒa]	[ma'raku'ʒa]	[ma'raku'ʒa]
Romã	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]

FRASE “Compro ... na VEÍCULO feira” :				
INFORMANTES	GO-GTB-M-19			
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]		
Mexerica	[meʃi'rikɐ]	[meʃi'rikɐ]		
Morango	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]		
Pêra	['pɛrɐ]	['pɛrɐ]		
Guaraná	[gwaɾɔ̃'na]	[gwaɾɔ̃'na]		
Acerola	[asɛ'rɔ̃lɐ]	[asɛ'rɔ̃lɐ]		
Tamarindo	[tama'rindu]	[tuma'rindu]		
Graviola	[gravi'ɔ̃la]	[gravi'ɔ̃la]		
Araticum	[a'rati'kũ]	[a'rati'kũ]		
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]		
Buriti	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]		
Seriguela	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]		
Carambola	[kaɾɔ̃'bɔ̃lɐ]	[kaɾɔ̃'bɔ̃lɐ]		
Amora	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]		
Cereja	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]		
Maracujá	[maraku'ʒa]	[ma'raku'ʒa]		
Romã	[xɔ'mã]	[xɔ'mã]		

Goiatuba

FRASE "Compro ... na feira"				
VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GTB-M-15		GO-GTB-H-16	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]
Mexerica	[meʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[meʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]	[mo'rõgu]
Pêra	['peɾɐ]	['peɾɐ]	['peɾɐ]	['peɾɐ]
Guaraná	[gwarõ'na]	[gwarõ'na]	[gwarõ'na]	[gwarõ'na]
Acerola	[ase'ɾolɐ]	[ase'ɾolɐ]	[ase'ɾolɐ]	[ase'ɾolɐ]
Tamarindo	[tama'rindu]	[tama'rinu]	[tama'rindu]	[tama'rinu]
Graviola	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]	[gravi'ɔla]
Araticum	[a'ratikũ]	[a.ɾtikũ]	[a'ratikũ]	[a'ratikũ]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]
Buriti	[buritʃi]	[buritʃi]	[buritʃi]	[buritʃi]
Seriguela	[seri'guelɐ]	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[siri'guelɐ]
Carambola	[karõ'bɔlɐ]	[karõ'bɔlɐ]	[karõ'bɔlɐ]	[karõ'bɔlɐ]
Amora	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]
Cereja	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]	[se'rezɐ]
Maracujá	[ma'rrau'za]	[mɔ'raku'za]	[ma'faku'za]	[ma'raku'za]
Romã	[xo'mã]	[xo'mã]	[xo'mã]	[xo'mã]

FRASE "Compro ... na feira"				
VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GTB-M-18		GO-GTB-H-17	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]	[la'rãzɐ]

Campo semântico – alimento. Uberlândia

FRASE "Eu como todo dia"				
VEÍCULO:				
INFORMANTES	MG-UBE – H-01		MG-UBE-M-03	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arroz	[a'xos]	[a'xos]	[a'xos]	[a'xos]
Carne	['kaɾni]	['kaɾni]	['kaɾni]	['kaɾni]
Frango	['frõɣu]	['frõɣu]	['frõɣu]	['frõɣu]
Rúcula	['xukula]	['xukulə]	['xukula]	['xukula]
Agrião	[agriõw]	[agriãw]	[agriõw]	[agriõw]
Gengibre	[zẽñ'zibri]	[zẽ'zibri]	[zẽ'zibri]	[ʒi'zibri]
Abóbora	[a'bɔbrə]	[a'bɔbrə]	[a'bɔburə]	[a'bɔbra]
Moranga	[mo'rõgə]	[mo'rõga]	[mo'rõgə]	[mo'rõga]
Berinjela	[briñ'zɛla]	[berriñ'zɛla]	[berriñ'zɛla]	[berriñ'zɛla]
Couve-flor	['kovi-'floɾ]	['brɔkuli]	['kowve-'floɾ]	[ko've-'floɾ]
Brócolis	['brɔkulis]	['brɔkuli]	['brɔkulis]	['brɔkulis]
Rabanete	[xəbõ'netʃi]	[veɹdure]	[xabõ'netʃi]	[xabõ'netʃi]
Beterraba	[betɛ'xabə]	[betɛ'xabə]	[betɛ'xabə]	[betɛ'xabə]
Cenoura	[ce'norə]	[ce'norə]	[ce'nowrə]	[ce'nowrə]
Ervilha	['eɾviɻə]	['eɾviɻə]	['eɾviɻə]	['eɾviɻə]
Cará	[ka'ra]	[ka'ra]	[ka'ra]	[ka'ra]
Hortelã	['oɾtelã]	[eɻvə]	['oɾstelã]	['oɾstelã]

Goiânia

FRASE "Eu como todo dia"				
VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GYN-H-05		GO-GYN-M-06	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arroz	[a'xos]	[a'xos]	[a'xos]	[a'xos]
Carne	['kaɹni]	['kaɹni]	['kaɹni]	['kaɹni]
Frango	['fr̃ɔɣu]	['fr̃ɔɣu]	['fr̃ɔɣu]	['fr̃ɔɣu]
Rúcula	['xukula]	['xukula]	['xukula]	['xukula]
Agrião	[agriõw]	[agriõw]	[agriõw]	[agriõw]
Gengibre	[zẽ'zibri]	[zẽ'zibri]	[zẽ'zibri]	[zẽ'zibri]
Abóbora	[a'bɔburɐ]	[a'bɔburɐ]	[a'bɔburɐ]	[a'bɔbra]
Moranga	[mo'rãɣɐ]	[mo'rãɣɐ]	[mo'rãɣɐ]	[mo'rãga]
Berinjela	[berĩ'zeɭɐ]	[berĩ'zeɭɐ]	[berĩ'zeɭɐ]	[berĩ'zeɭa]
Couve-flor	['kowvi-'floɹ]	['kowvi-'floɹ]	['kowvi-'floɹ]	['kowvi-'floɹ]
Brócolis	['brɔkulis]	['brɔkulis]	['brɔkulis]	['brɔkulis]
Rabanete	[xabõ'netʃi]	[xabõ'netʃi]	[xabõ'netʃi]	[xabõ'netʃi]
Beterraba	[bete'xabɐ]	[bete'xabɐ]	[bete'xabɐ]	[bete'xabɐ]
Cenoura	[ce'nowrɐ]	[ce'nowrɐ]	[ce'nowrɐ]	[ce'nowrɐ]
Ervilha	['eɹviɻ]	['eɹviɻ]	['eɹviɻ]	['eɹviɻ]
Cará	[ka'ra]	[ka'ra]	[ka'ra]	[ka'ra]
Hortelã	[oɹ'telã]	[oɹ'telã]	[oɹ'telã]	[oɹ'telã]
Manjeriço	[mazẽri'kãw]	[mazẽri'kãw]	[mazẽri'kãw]	[mazẽri'kãw]
Repolho roxo	[xe'poɻw-'xoʃw]	[xe'poɻw-'xoʃw]	[xe'poɻw-'xoʃw]	[xe'poɻw-'xoʃw]

Uberlândia

FRASE “Compro ... na VEÍCULO feira” :				
INFORMANTES	MG-UBE-H-01		MG-UBE-M-03	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]
Mexerica	[meʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[meʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]
Pêra	[peɾɐ]	[peɾɐ]	[peirɐ]	[peɾɐ]
Guaraná	[gwaɾɔ̃na]	[gwaɾɔ̃na]	[gwaɾa'na]	[gravi'ola]
Acerola	[ase'rɔ̃lɐ]	[sereʒɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]
Tamarindo	[tama'rinu]	[tama'rinu]	[tama'rinu]	[tama'rinu]
Graviola	[gravi'ola]	[gravi'ola]	[gravi'ola]	[gravi'ola]
Araticum	[aɾti'kũ]	[grɔvi'ola]	[arati'kũ]	[arati'kũ]
Baru	[bau'ru]	[frutɐ]	[ba'ru]	[kakaw]
Buriti	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]
Seriguela	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[seri'guelɐ]	[limɔ̃ũzipu]
Carambola	[kaɾɔ̃bɔ̃lɐ]	[frutɐ]	[kaɾɔ̃bɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]
Amora	[a'mɔɾɐ]	[frutɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]
Cereja	[se'reʒɐ]	[sereʒɐ]	[se'reʒɐ]	[se'reʒɐ]
Maracujá	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]
Romã	[xo'mɔ̃]	[frutɐ]	[xo'mɔ̃]	[xo'mɔ̃]

FRASE “Compro ... na VEÍCULO feira” :				
INFORMANTES	MG-UBE-H-02		MG-UBE-M-04	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]
Mexerica	[miʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[meʃe'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]
Morango	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]
Pêra	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]	[peirɐ]	[pɛrɐ]
Guaraná	[gwaɾɔ̃'na]	[gwaɾɔ̃'na]	[gwaɾɔ̃'na]	[gwaɾɔ̃'na]
Acerola	[ase'rɔ̃la]	[ase'rɔ̃la]	[ase'rɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]
Tamarindo	[tama'rindu]	[tama'rindu]	[tama'rindu]	[tama'rinu]
Graviola	[gwaɾi'vɔ̃la]	[gwaɾi'vɔ̃la]	[gwaɾi'vɔ̃la]	[gwaɾi'vɔ̃la]
Araticum	[aɾati'kũ]	[aɾati'kũ]	[aɾati'kũ]	[aɾati'kũ]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[kakaw]
Buriti	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]
Seriguela	[sɛri'gweɫɐ]	[sɛri'gweɫɐ]	[sɛri'gweɫɐ]	[limɔ̃ziʒɪnu]
Carambola	[kaɾɔ̃'bɔ̃lɐ]	[kaɾɔ̃'bɔ̃lɐ]	[kaɾɔ̃'bɔ̃lɐ]	[ase'rɔ̃lɐ]
Amora	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]	[a'mɔɾɐ]
Cereja	[se'reizɐ]	[se'reizɐ]	[se'reizɐ]	[se'reizɐ]
Maracujá	[maɾaku'ʒa]	[maɾaku'ʒa]	[maɾaku'ʒa]	[maɾaku'ʒa]
Romã	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]

FRASE “Compro ... na VEÍCULO feira” :				
INFORMANTES	MG-UBE-H-14		MG-UBE-M-13	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Laranja	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃zɐ]	[la'rɔ̃za]
Mexerica	[meʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[miʃi'rikɐ]	[miʃi'rika]
Morango	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]	[mo'rɔ̃gu]
Pêra	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]	[pɛrɐ]	[pɛra]
Guaraná	[gwaɾɔ̃'na]	[gwaɾɔ̃'na]	[gwaɾɔ̃'na]	[gwaɾɔ̃'na]
Acerola	[asɛ'rɔ̃la]	[asɛ'rɔ̃la]	[asɛ'rɔ̃lɐ]	[asɛ'rɔ̃lɐ]
Tamarindo	[tama'rinu]	[tama'rinu]	[tama'rinu]	[tama'rinu]
Graviola	[grɔvi'ɔ̃la]	[grɔvi'ɔ̃la]	[grɔvi'ɔ̃la]	[grɔvi'ɔ̃la]
Araticum	[a.ʔati'kũ]	[a.ʔatikũ]	[arati'kũ]	[a.ʔi'kũ]
Baru	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]	[ba'ru]
Buriti	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]	[buri'tʃi]
Seriguela	[seri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[siri'guelɐ]	[siri'guelɐ]
Carambola	[kaɾɔ̃'bɔ̃lɐ]	[kaɾɔ̃'bɔ̃lɐ]	[kaɾɔ̃'bɔ̃lɐ]	[kaɾɔ̃'bɔ̃lɐ]
Amora	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]	[a'mɔrɐ]
Cereja	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]	[sɛ'rezɐ]
Maracujá	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]	[maraku'ʒa]
Romã	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]	[xɔ'mɔ̃]

Campo semântico – fazenda.

Goiânia

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GYN-H-05		GO-GYN-M-06	
FAZENDA	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Porteira	[poɾ'teirɐ]	[poɾ'teirɐ]	[poɾ'teirɐ]	[poɾ'teirɐ]
Aceiro	[a'seiro]	[a'sero]	[a'seiro]	[a'seiro]
Toras	[ˈtoɾas]	[ˈtoɾa]	[ˈtoɾas]	[ˈtoɾa]
Empregado	[ɛ̃pre'gado]	[ɛ̃pre'gado]	[ĩmpre'gado]	[ĩmpre'gado]
Casarão	[kaza'rɔ̃u]	[kaza'rɔ̃u]	[kaza'rɔ̃u]	[kaza'rɔ̃u]
Cachoeira	[ka'foeira]	[ka'foera]	[ka'foeira]	[ka'foeira]
Represa	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]
Córrego	[ˈkoxego]	[ˈkoxego]	[ˈkoxego]	[ˈkoxego]
Rio	[ˈxiu]	[ˈxiu]	[ˈxiu]	[ˈxiu]
Pomar	[po'maɿ]	[po'maɿ]	[po'maɿ]	[po'maɿ]
Cocheira	[ko'feira]	[is'tabulu]	[ko'fɛra]	[is'tabulu]
Cerca	[ˈseɿka]	[ˈseɿka]	[ˈseɿka]	[ˈseɿka]
Espingarda	[ispĩ'gaɿda]	[ispĩ'gaɿda]	[espĩ'gaɿda]	[espĩ'gaɿda]
Estribo	[is'tribu]	[is'tribu]	[es'tribu]	[es'tribu]
Espora	[is'pɔɾa]	[is'pɔɾa]	[is'pɔɾa]	[is'pɔɾa]
Arreio	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]
Celeiro	[se'leru]	[se'leiru]	[se'leiru]	[se'leiru]
Chiqueiro	[ʃi'keru]	[ˈpoɿku]	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]
Ordenha	[oɾ'dɛna]	[oɾ'dɛna]	[oɾ'dɛna]	[oɾ'dɛna]
Curral	[ku'xau]	[gado]	[ku'xau]	[gado]
Arma	[ˈaɿma]	[ˈaɿma]	[ˈaɿma]	[ˈaɿma]
Esterco	[is'teɿku]	[es'teɿku]	[is'teɿku]	[es'teɿku]
Carroça	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]
Trator	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GYN-H-09		GO-GYN-M-12	
FAZENDA	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Porteira	[poɫ'teirɐ]	[poɫ'teirɐ]	[poɫ'teirɐ]	[poɫ'teirɐ]
Aceiro	[a'seiro]	[a'seiro]	[a'seiro]	[a'seiro]
Toras	['tɔras]	['tɔras]	['tɔras]	['tɔras]
Empregado	[ĩmpre'gadɔ]	[ĩmpre'gadɔ]	[ɔpre'gadɔ]	[ɔpre'gadɔ]
Casarão	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]
Cachoeira	[ka'foera]	[ka'foera]	[ka'foeira]	[ka'foeira]
Represa	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]
Córrego	['kɔxego]	['kɔxego]	['kɔxego]	['kɔxɛgo]
Rio	['xiu]	['xiu]	['xiu]	['xiu]
Pomar	[po'maɿ]	[po'maɿ]	[po'maɿ]	[po'maɿ]
Cocheira	[ko'fera]	[ko'fera]	[ko'feira]	[is'tabulu]
Cerca	['seɿka]	['seɿka]	['seɿka]	['seɿka]
Espingarda	[ispĩ'gaɿda]	[ispĩ'gaɿda]	[espĩ'gaɿda]	[ispĩ'gaɿda]
Estribo	[is'tribu]	[is'tribu]	[es'tribu]	[is'tribu]
Espora	[is'pɔra]	[is'pɔra]	[es'pɔra]	[is'pɔra]
Arreio	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]
Celeiro	[se'leiru]	[se'leiru]	[se'leiru]	[se'leiru]
Chiqueiro	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]
Ordenha	[oɿ'deɲa]	[oɿ'deɲa]	[oɿ'deɲa]	[oɿ'deɲa]
Curral	[ku'xau]	[gadɔ]	[ku'xau]	[gadɔ]
Arma	[aɿma]	[aɿma]	[aɿma]	[aɿma]
Esterco	[is'teɿku]	[es'teɿku]	[es'teɿku]	[is'teɿku]
Carroça	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]
Trator	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GYN-H- 11			
FAZENDA	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Porteira	[poɹ'teirɐ]	[poɹ'teirɐ]		
Aceiro	[a'seiro]	[a'seiro]		
Toras	['toras]	['toras]		
Empregado	[ɛ̃pre'gado]	[ĩmpre'gado]		
Casarão	[kaza'rão]	[kaza'rão]		
Cachoeira	[ka'foeira]	[ka'foeira]		
Represa	[xe'preza]	[xe'preza]		
Córrego	['koɹgo]	['koɹego]		
Rio	['xiu]	['xiu]		
Pomar	[po'maɹ]	[po'maɹ]		
Cocheira	[ko'feira]	[is'tadu]		
Cerca	['seɹka]	['seɹka]		
Espingarda	[ispĩ'gaɹda]	[espĩ'gaɹda]		
Estribo	[is'tribu]	[is'tribu]		
Espora	[is'pɔra]	[is'pɔra]		
Arreio	[a'xeiu]	[a'xeiu]		
Celeiro	[se'leiru]	[se'leiru]		
Chiqueiro	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]		
Ordenha	[oɹ'dɛɹa]	[ɔɹ'dɛɹa]		
Curral	[ku'xau]	['gado]		
Arma	['aɹma]	['aɹmas]		
Esterco	[is'teɹku]	[is'teɹku]		
Carroça	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]		
Trator	[tra'toɹ]	[tra'toɹ]		

Goiatuba

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GTB-M-15		GO-GTB-M-18	
FAZENDA	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Porteira	[poɾ'teirɐ]	[poɾ'teirɐ]	[poɾ'teirɐ]	[poɾ'teirɐ]
Aceiro	[a'seiro]	[a'seiro]	[a'seiro]	[a'seiro]
Toras	[ˈtoɾas]	[ˈtoɾa]	[ˈtoɾas]	[ˈtoɾas]
Empregado	[ɛ̃pre'gado]	[ĩmpre'gado]	[ĩmpre'gado]	[ɛ̃pre'gado]
Casarão	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]
Cachoeira	[ka'ʃueira]	[kə'ʃueira]	[kə'ʃueira]	[kə'ʃueira]
Represa	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]
Córrego	[ˈkoxego]	[ˈkoxego]	[ˈkoxego]	[ˈkoxego]
Rio	[ˈxiu]	[ˈxiu]	[ˈxiu]	[ˈxiu]
Pomar	[pɔ'maɪ]	[pɔ'maɪ]	[pɔ'maɪ]	[pɔ'maɪ]
Cocheira	[ko'ʃeira]	[istabulu]	[ko'ʃeira]	[istabulu]
Cerca	[ˈseɾka]	[ˈseɾka]	[ˈseɾka]	[ˈseɾka]
Espingarda	[espĩ'gaɪda]	[ispĩ'gaɪda]	[espĩ'gaɪda]	[espĩ'gaɪda]
Estribo	[es'tribu]	[istribu]	[es'tribu]	[istribu]
Espora	[es'pɔɾa]	[ispɔɾa]	[es'pɔɾa]	[ispɔɾa]
Arreio	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]
Celeiro	[se'leiru]	[se'leiru]	[se'leiru]	[se'leiru]
Chiqueiro	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]
Ordenha	[oɾ'dɛɾa]	[oɾ'dɛɾa]	[oɾ'dɛɾa]	[oɾ'dɛɾa]
Curral	[ku'xau]	[gado]	[ku'xau]	[gado]
Arma	[ˈaɪma]	[ˈaɪmas]	[ˈaɪma]	[ˈaɪma]
Esterco	[is'teɾku]	[is'teɾku]	[es'teɾku]	[is'teɾku]
Carroça	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]
Trator	[tra'toɪ]	[tra'toɪ]	[tra'toɪ]	[tra'toɪ]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GTB-M-19		GO-GTB-H-16	
FAZENDA	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Porteira	[poɾ'teirɐ]		[poɾ'teirɐ]	[poɾ'teirɐ]
Aceiro	[a'seiro]		[a'seiro]	[a'seiro]
Toras	['toras]		['toras]	['toras]
Empregado	[ɔ̃pre'gado]		[ĩmpre'gado]	[ɔ̃pre'gado]
Casarão	[kaza'rão]		[kaza'rão]	[kaza'rão]
Cachoeira	[ka'ʃueira]		[ka'ʃueira]	[ka'ʃueira]
Represa	[xe'preza]		[xe'preza]	[xe'preza]
Córrego	['koxego]		['koxego]	['koxego]
Rio	['xiu]		['xiu]	['xiu]
Pomar	[po'maɿ]		[po'maɿ]	[po'maɿ]
Cocheira	[ko'ʃeira]		[ko'ʃeira]	[istabulu]
Cerca	['seɿka]		['seɿka]	['seɿka]
Espingarda	[espĩ'gaɿda]		[espĩ'gaɿda]	[espĩ'gaɿda]
Estribo	[estribu]		[estribu]	[estribu]
Espora	[es'pɔra]		[is'pɔra]	[is'pɔra]
Arreio	[a'xeiu]		[a'xeiu]	[a'xeiu]
Celeiro	[se'leiru]		[se'leiru]	[se'leiru]
Chiqueiro	[ʃi'keiru]		[ʃi'keiru]	[poɿku] [ʃi'keiru]
Ordenha	[oɾ'deɲa]		[oɾ'deɲa]	[oɾ'deɲa]
Curral	[ku'xau]		[ku'xau]	[gado]
Arma	['aɿma]		['aɿma]	[xe'vowveɿ] ['aɿma]
Esterco	[is'teɿku]		[es'teɿku]	[es'teɿku]
Carroça	[ka'xossa]		[ka'xossa]	[ka'xossa]
Trator	[tra'toɿ]		[tra'toɿ]	[tra'toɿ]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	MG-UBE-H-01		MG-UBE-M-03	
FAZENDA	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Porteira	[poɿ'terɐ]	[poɿ'terɐ]	[poɿ'terɐ]	[poɿ'terɐ]
Aceiro	[a'sero]	[a'sero]	[a'sero]	[a'sero]
Toras	['toras]	['toras]	['toras]	['toras]
Empregado	[epre'gado]	[epre'gado]	[epre'gado]	[epre'gado]
Casarão	[kaza'rão]	[kaza'rão]	[kaza'rão]	[kaza'rão]
Cachoeira	[ka'foera]	[ka'foera]	[ka'foera]	[ka'foera]
Represa	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]
Córrego	['koxego]	['koxego]	['koxego]	['koxego]
Rio	['xiu]	['xiu]	['xiu]	['xiu]
Pomar	[po'maɿ]	[po'maɿ]	[po'maɿ]	[po'maɿ]
Cocheira	[ko'fera]	[ko'fera]	[ko'fera]	[ko'fera]
Cerca	['seɿka]	['seɿka]	['seɿka]	['seɿka]
Espingarda	[espĩ'gaɿda]	[espĩ'gaɿda]	[espĩ'gaɿda]	[espĩ'gaɿda]
Estribo	[es'tribu]	[es'tribu]	[es'tribu]	[es'tribu]
Espora	[es'pɔra]	[es'pɔra]	[es'pɔra]	[es'pɔra]
Arreio	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]
Celeiro	[se'leru]	[se'leru]	[se'leru]	[se'leru]
Chiqueiro	[ʃi'keru]	[ʃi'keru]	[ʃi'keru]	[ʃi'keru]
Ordenha	[oɿ'deɲa]	[oɿ'deɲa]	[oɿ'deɲa]	[oɿ'deɲa]
Curral	[ku'xau]	[ku'xau]	[ku'xau]	[ku'xau]
Arma	['aɿma]	['aɿma]	['aɿma]	['aɿma]
Esterco	[es'teɿku]	[es'teɿku]	[es'teɿku]	[es'teɿku]
Carroça	[ka'xossa]	[ka'xossa]	[ka'xossa]	[ka'xossa]
Trator	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]

Uberlândia

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	MG-UBE-H-01		MG-UBE-M-03	
FAZENDA	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Porteira	[poɾ'terɐ]	[poɾ'terɐ]	[poɾ'teirɐ]	[poɾ'teirɐ]
Aceiro	[a'serɔ]	[a'serɔ]	[a'seiro]	[a'sero]
Toras	['tɔra]	[madera]	['tɔras]	['tɔra]
Empregado	[ɛ̃pre'gadɔ]	[ɛ̃pre'gadɔ]	[ɛ̃pre'gadɔ]	[trabala'doɿ]
Casarão	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]
Cachoeira	[ka'ʃɐra]	[ka'ʃɐra]	[ka'foeira]	[ka'foeira]
Represa	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]
Córrego	['koɿgɔ]	['kɔxegɔ]	['kɔxego]	['kɔxego]
Rio	['xiɔ]	['xiɔ]	['xiɔ]	['xiɔ]
Pomar	[po'maɿ]	[po'maɿ]	[po'maɿ]	[po'maɿ]
Cocheira	[ko'feira]	[kuxau]	[ko'feira]	[istabulu]
Cerca	['seɿka]	['seɿka]	['seɿka]	['seɿka]
Espingarda	[ispĩ'gaɿda]	[espĩ'gaɿda]	[espĩ'gaɿda]	[ispĩ'gaɿda]
Estribo	[is'trivu]	[es'trivu]	[es'tribu]	[is'pɔra] [bɔta]
Espora	[es'pɔra]	[is'pɔra]	[es'pɔra]	[is'pɔra]
Arreio	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]
Celeiro	[se'leiru]	[aɿma'zɛ̃n]	[se'leiru]	[se'leiru]
Chiqueiro	[ʃi'keɾo]	[ʃi'keɾu]	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]
Ordenha	[oɾ'dɛna]	[oɾ'dɛna]	[oɾ'dɛna]	[oɾ'dɛna]
Curral	[ku'xau]	[gadɔ]	[ku'xau]	[gadɔ]
Arma	[aɿma]	[aɿmas]	[aɿma]	[aɿma]
Esterco	[is'teɿku]	[es'teɿku]	[es'teɿku]	[is'teɿku]
Carroça	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]
Trator	[tɕɛra'toɿ]	[tɕɛra'toɿ]	[tra'toɿ]	[tra'toɿ]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	MG-UBE-H-02		MG-UBE-M-04	
FAZENDA	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Porteira	[poɹ'teirɐ]	[poɹ'teirɐ]	[poɹ'terɐ]	[poɹ'terɐ]
Aceiro	[a'seiro]	[ˈpastu]	[a'seiro]	[a'radu]
Toras	[ˈtoras]	[leɹɐ]	[ˈtoras]	[m'aderɐ]
Empregado	[ɛ̃pre'gadu]	[omɔ̃n]	[ɛ̃pre'gadu]	[iñ'fada] [trabaladuɹ xuraw]
Casarão	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]	[kaza'rɔ̃o]	[ˈkaza]
Cachoeira	[ka'foeira]	[ka'foeira]	[ka'foera]	[ka'foera]
Represa	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]	[ˈxiu]
Córrego	[ˈkoxego]	[ˈkoxego]	[ˈkoxegu]	[ˈlagu]
Rio	[ˈxiu]	[ˈxiu]	[ˈxiu]	[ˈxiu]
Pomar	[po'maɹ]	[po'maɹ]	[po'maɹ]	[po'maɹ]
Cocheira	[ko'feira]	[is'tabulu]	[ko'fera]	[ˈaras][ˈbacias]
Cerca	[ˈseɹka]	[ˈseɹka]	[ˈseɹka]	[ˈseɹka]
Espingarda	[espɿ'gaɹda]	[espɿ'gaɹda]	[espɿ'gaɹda]	[ˈaɹma]
Estribo	[es'tribu]	[a'xeiu] [ˈbota]	i[s'tribu]	[ˈbota]
Espora	[is'pɔra]	[is'pɔra]	[is'pɔra]	[mɔ̃nta'ria]
Arreio	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xei]	[a'xeiu]
Celeiro	[se'leiru]	[se'leru]	[se'leiru]	[se'leru]
Chiqueiro	[ʃi'keiru]	[ʃi'keru]	[ʃi'keiru]	[ˈpɔɹkus][ʃi'keru]
Ordenha	[oɹ'dɛɹa]	[oɹ'dɛɹa]	[oɹ'dɛɹa]	[ˈleiti]
Curral	[ku'xau]	[gadɔ]	[ku'xau]	[boi'ada]
Arma	[ˈaɹma]	[ˈaɹma]	[ˈaɹma]	[ˈaɹma]
Esterco	[es'teɹku]	[is'teɹku]	[is'teɹku]	[koko]
Carroça	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]
Trator	[tra'toɹ]	[tra'toɹ]	[tra'toɹ]	[tra'toɹ]

FRASE VEÍCULO:				
INFORMANTES	MG-UBE-H-14		MG-UBE-M-13	
FAZENDA	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Porteira	[poɹ'teirɐ]	[poɹ'teirɐ]	[poɹ'teirɐ]	[poɹ'terɐ]
Aceiro	[a'seiro]	[a'seiro]	[a'seiro]	[a'seiro]
Toras	['toras]	['tora]	['toras]	['toras]
Empregado	[ɔpre'gadɔ]	[ɔpre'gadɔ]	[ɔpre'gadɔ]	[ĩpre'gadɔ]
Casarão	[kaza'rão]	[kaza'rão]	[kaza'rão]	[kaza'rão]
Cachoeira	[ka'foeira]	[ka'foeira]	[ka'foera]	[ka'foeira]
Represa	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]	[xe'preza]
Córrego	['koxego]	['koxego]	['kɔɹgo]	['kɔɹgo]
Rio	['xiɔ]	['xiɔ]	['xiɔ]	['xiɔ]
Pomar	[po'maɹ]	[po'maɹ]	[po'maɹ]	[po'maɹ]
Cocheira	[ko'fera]	[istabulu]	[ko'fera]	[istabulu]
Cerca	['seɹka]	['seɹka]	['seɹka]	['seɹka]
Espingarda	[espĩ'gaɹda]	[espĩ'gaɹda]	[ispĩ'gaɹda]	[ispĩ'gaɹda]
Estribo	[estribu]	[estribu]	[is'tribu]	[is'tribu]
Espora	[es'pɔra]	[es'pɔra]	[es'pɔra]	[is'pɔra]
Arreio	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]	[a'xeiu]
Celeiro	[se'leiru]	[se'leiru]	[se'leiru]	[se'leiru]
Chiqueiro	[ʃi'keiru]	[ʃi'keiru]	[ʃi'keru]	[ʃi'keiru]
Ordenha	[oɹ'deɹa]	[oɹ'deɹa]	[oɹ'deɹa]	[oɹ'deɹa]
Curral	[ku'xau]	[gadɔ]	[ku'xau]	[gadɔ]
Arma	['aɹma]	['aɹma]	['aɹma]	['aɹma]
Esterco	[is'teɹku]	[es'teɹku]	[is'teɹku]	[is'teɹku]
Carroça	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]	[ka'xɔssa]
Trator	[tra'toɹ]	[tra'toɹ]	[tra'toɹ]	[tra'toɹ]

FRASE “Eu como todo dia”				
VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GTB-M-15		GO-GTB-M-18	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arroz	[a'xos]	[a'xos]	[a'xos]	[a'xos]
Carne	['kaɾni]	['kaɾni]	['kaɾni]	['kaɾni]
Frango	['fr̃ɔgu]	['fr̃ɔgu]	['fr̃ɔgu]	['fr̃ɔgu]
Rúcula	['xukula]	['xukula]	['xukula]	['xukula]
Agrião	[əgr̃i'ɔw]	[əgr̃i'ɔw]	[əgr̃i'ɔw]	[əgr̃i'ɔw]
Gengibre	[ʒẽ'zibri]	[ʒĩ'zibri]	[ʒẽ'zibri]	[ʒĩ'zibri]
Abóbora	[a'bɔbur̃ɐ]	[a'bɔbur̃ɐ]	[a'bɔbur̃ɐ]	[a'bɔbra]
Moranga	[mo'r̃ɔgɐ]	[mo'r̃ɔgɐ]	[mo'r̃ɔgɐ]	[mo'r̃ɔga]
Berinjela	[berĩ'zɛlɐ]	[berĩ'zɛlɐ]	[berĩ'zɛlɐ]	[berĩ'zɛla]
Couve-flor	['kowvi-'floɹ]	['kovi-'floɹ]	['kowvi-'floɹ]	['kovi-'floɹ]
Brócolis	['brɔkulis]	['brɔkulis]	['brɔkulis]	['brɔkulis]
Rabanete	[xab̃ɔ'netʃi]	[xab̃ɔ'netʃi]	[xab̃ɔ'netʃi]	[xab̃ɔ'netʃi]
Beterraba	[bete'xab̃ɐ]	[bete'xab̃ɐ]	[bete'xab̃ɐ]	[bete'xab̃ɐ]
Cenoura	[ce'nowr̃ɐ]	[ce'nowr̃ɐ]	[ce'nowr̃ɐ]	[ce'nowr̃ɐ]
Ervilha	['ɛɹviɻɐ]	['ɛɹviɻɐ]	['ɛɹviɻɐ]	['ɛɹviɻɐ]
Cará	[ka'ra]	[ka'ra]	[ka'ra]	[ka'ra]
Hortelã	[oɹ'telã]	[oɹ'telã]	[oɹ'telã]	[oɹ'telã]
Manjericão	[m̃ɔzeri'kãw]	[m̃ɔzeri'kãw]	[m̃ɔzeri'kãw]	[m̃ɔzeri'kãw]
Repolho roxo	[xe'poɻw-'xoʃw]	[xe'poɻw-'xoʃw]	[xe'poɻw-'xoʃw]	[xe'poɻw-'xoʃw]
Abobrinha	[abɔ'bɹĩɻɐ]	[abɔ'bɹĩɻɐ]	[abɔ'bɹĩɻɐ]	[abɔ'bɹĩɻɐ]

FRASE "Eu como todo dia"				
VEÍCULO:				
INFORMANTES	GO-GYN-H-05		GO-GYN-M-06	
ALIMENTOS	LEITURA	IMAGEM	LEITURA	IMAGEM
Arroz	[a'xos]	[a'xos]	[a'xos]	[a'xos]
Carne	['kaɹni]	['kaɹni]	['kaɹni]	['kaɹni]
Frango	['fr̃ɔɣu]	['fr̃ɔɣu]	['fr̃ɔɣu]	['fr̃ɔɣu]
Rúcula	['xukula]	['xukula]	['xukula]	['xukula]
Agrião	[agri'õw]	[agri'õw]	[agri'õw]	[agri'õw]
Gengibre	[zẽ'zibri]	[zẽ'zibri]	[zẽ'zibri]	[zẽ'zibri]
Abóbora	[a'bɔburɐ]	[a'bɔburɐ]	[a'bɔburɐ]	[a'bɔbra]
Moranga	[mo'rãɣɐ]	[mo'rãɣɐ]	[mo'rãɣɐ]	[mo'rãga]
Berinjela	[berĩ'zɛɭɐ]	[berĩ'zɛɭɐ]	[berĩ'zɛɭɐ]	[berĩ'zɛla]
Couve-flor	['kowvi-'floɹ]	['kowvi-'floɹ]	['kowvi-'floɹ]	['kowvi-'floɹ]
Brócolis	['brɔkulis]	['brɔkulis]	['brɔkulis]	['brɔkulis]
Rabanete	[xabõ'netʃi]	[xabõ'netʃi]	[xabõ'netʃi]	[xabõ'netʃi]
Beterraba	[bete'xabɐ]	[bete'xabɐ]	[bete'xabɐ]	[bete'xabɐ]
Cenoura	[ce'nowrɐ]	[ce'nowrɐ]	[ce'nowrɐ]	[ce'nowrɐ]
Ervilha	['eɹviɻ]	['eɹviɻ]	['eɹviɻ]	['eɹviɻ]
Cará	[ka'ra]	[ka'ra]	[ka'ra]	[ka'ra]
Hortelã	[oɹ'telã]	[oɹ'telã]	[oɹ'telã]	[oɹ'telã]
Manjeriço	[mazẽri'kãw]	[mazẽri'kãw]	[mazẽri'kãw]	[mazẽri'kãw]
Repolho roxo	[xe'poɻw-'xoʃw]	[xe'poɻw-'xoʃw]	[xe'poɻw-'xoʃw]	[xe'poɻw-'xoʃw]